



UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
Prof. José de Souza Herdy
Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes.

LUANA NERI DA ROSA

MEMÓRIAS DO CORPO NA QUARENTENA:
DO DIÁRIO AO RELATO

Duque de Caxias
2024

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
Prof. José de Souza Herdy
Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes.

LUANA NERI DA ROSA

MEMÓRIAS DO CORPO NA QUARENTENA:

DO DIÁRIO AO RELATO

Dissertação apresentada à Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, como parte dos requisitos parciais para obtenção do título de Mestre em Humanidades, Culturas e Artes.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Anna Paula Soares Lemos. Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Unigranrio.

Duque de Caxias
2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UNIGRANRIO – NÚCLEO DE COORDENAÇÃO DE BIBLIOTECAS

R788m Rosa, Luana Neri da.

Memórias do corpo na quarentena: do diário ao relato / Luana Neri da Rosa. – Duque de Caxias, Rio de Janeiro, 2024.
120 f.

Orientadora: Dra. Anna Paula Soares Lemos.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes, Rio de Janeiro, 2024.

1. Diário. 2. Emoção. 3. Mídias sociais. 4. Narrativas. 5. Sujeito. I. Lemos, Anna Paula Soares. II. Título. III. Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”.

CDD: 370

Rodrigo de Oliveira Brainer CRB-7: 6814

LUANA NERI DA ROSA

MEMÓRIAS DO CORPO NA QUARENTENA: DO DIÁRIO AO RELATO

Dissertação apresentada à Universidade do Grande Rio "Prof. José de Souza Herdy", como parte dos requisitos parciais para a obtenção do título de Mestre em Humanidades, Culturas e Artes.

Exemplar apresentado para avaliação da banca examinadora em 13/05/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Anna Paula Soares Lemos
UNIGRANRIO

Documento assinado digitalmente
 **LILIA APARECIDA COSTA GONCALVES**
Data: 05/12/2024 17:23:09 -0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Lilia Aparecida Costa Gonçalves
UNIGRANRIO

Documento assinado digitalmente
 **CLAUDIA REBELLO DOS SANTOS SANTOS**
Data: 05/12/2024 17:36:31 -0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.^a Dr.^a. Claudia Rebello dos Santos
UERJ

Nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas.

(Cora Coralina)

AGRADECIMENTOS

Concluir mais essa etapa em minha trajetória acadêmica podendo agradecer a todos que fizeram parte dessa realização permite que eu possa continuar a voar.

Agradeço primeiro a Deus que em todos os momentos de minha vida esteve presente, permitindo que eu mantivesse a fé sempre viva, independentemente da situação.

Minha profunda gratidão ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade do Grande Rio - Unigranrio, por todo conhecimento adquirido de maneira interdisciplinar, que me permitiu possuir um leque maior de conhecimento ao longo do mestrado, possibilitando alcançar mais esse objetivo acadêmico.

Ao coordenador e professor Doutor Marcio Luiz Correa Vilaça, por suas aulas durante o curso, sempre esclarecedoras e participativas. Por sua dedicação ao curso de Mestrado em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade, sempre à disposição dos discentes.

Em especial, a minha querida orientadora Anna Paula Soares, que permitiu que o caminho fosse concluído. Por toda sua generosidade, apoio em momentos difíceis, assim como incentivo para continuar. Seu abraço acolhedor e suas palavras doces tão necessárias em diversos momentos, permitiram que eu acreditasse em minha capacidade de ser humano.

A professora Lilia Gonçalves, componente da banca avaliadora, por toda sua colaboração e disposição. Por acreditar na minha capacidade acadêmica e por todo auxílio em meu trabalho.

A professora Claudia Rebello, componente da banca de qualificação de minha dissertação, por todo acolhimento, generosidade e sugestões valiosas.

Aos demais membros do corpo docente da Unigranrio que contribuíram de maneira singular com a construção desse trabalho. Suas aulas permitiram que o conhecimento teórico fosse enriquecido.

Aos meus queridos mestres da graduação, que acreditaram em mim desde o início do curso, quando tudo ainda era apenas um sonho.

Ao corpo discente, meus colegas de classe e companheiros de jornada. Por todas as grandiosas discussões teóricas durante as aulas, que me auxiliaram no entendimento de alguns conceitos teóricos.

Aos meus filhos, Fernando e Letícia que, apesar da tenra idade, souberam entender e abdicar das horas de lazer para que esse trabalho fosse realizado em prol do nosso futuro.

A minha querida mãezinha, apoiando e incentivando em todos os momentos, sempre estando ao meu lado. Por todo o seu amor incondicional e sua força.

Ao meu querido irmão, meu companheiro para os momentos difíceis, por ter me apoiado e ajudado em todas as situações mais complicadas durante todo o tempo do curso, por ter sido a mão amiga quando necessitei.

Ao meu amado pai, pela capacidade de sorrir sempre, principalmente nos seus piores momentos, que com sua alegria fez o melhor que pôde e partiu desse plano na conclusão de meu trabalho, mas está sempre vivo em mim.

Aos meus queridos amigos, pelas palavras encorajadoras nos momentos menos felizes e por todo apoio e incentivo sempre.

Aos familiares que permanecem em trabalho ativo e me ajudam a permanecer na caminhada. Ao irmão Rafael, por toda ajuda sempre.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral investigar a maneira que a subjetividade contemporânea utiliza a internet como ferramenta exponencial para manifestar suas experiências relacionadas ao isolamento social durante a pandemia do Covid-19. Durante o isolamento social, momento que vivenciamos em virtude do alto índice de contaminação, observou-se nas mídias sociais postagens de imagens, fotos e narrativas relacionadas às práticas vivenciadas durante a pandemia, tornando essa prática como um diário. Percebe-se o espetáculo nas imagens das mídias sociais, mais especificamente o Instagram, relacionadas à conjuntura pandêmica. Fatores como angústia e ansiedade podem ser agravados durante o isolamento social, em razão do afastamento brusco da presença física de familiares e amigos, uma vez que o isolamento ocorreu de maneira abrupta, sem aviso prévio e todos se viram em meio a um cenário pandêmico. As atividades do cotidiano passam a ser realizadas dentro do ambiente doméstico como aulas *on-line*, exercícios físicos, ou atividade de seu interesse e compartilhadas nas mídias como espetáculo. O sujeito contemporâneo está quase sempre conectado ao ambiente *on-line* sendo, dessa forma, um dos principais atores desse cenário permitindo, assim, a interação social entre as partes. Dentro desse contexto, os autores Arfuch (2010), Elias (1994), Lejeune (2014), Schittine (2004) e Sibilia (2016) possuem trabalhos publicados sobre a temática em questão e serão citados como fonte de pesquisa entre outros. A dissertação tem como objetivo analisar as narrativas presentes nos perfis @memoriasdocorponaquarentena e @memoriascovid19 na mídia social Instagram durante o período da pandemia. Trata-se de uma pesquisa qualitativa documental, do tipo estudo de caso. Essa pesquisa se justifica pelo fato de contribuir com conhecimento interdisciplinar, visto que dialoga com as áreas de psicologia, comunicação e linguagem.

Palavras-chave: diário; narrativas; mídias sociais; emoção; sujeito.

ABSTRACT

This work has the general objective of investigating the way in which contemporary subjectivity uses the internet as an exponential tool to express its experiences related to social isolation during the Covid-19 pandemic. During social isolation, a moment in which we all experience due to the high rate of contamination, *posts* of images, photos and messages related to practices experienced during the pandemic were observed on social media, making this practice like a diary. The spectacle can be seen in the images on social media, more specifically Instagram, related to the pandemic situation. Factors such as anguish and anxiety can be aggravated during social isolation, due to the sudden removal from the physical presence of family and friends, since isolation occurred abruptly, without prior warning and everyone found themselves in the middle of a pandemic scenario. . Everyday activities start to be carried out within the home environment such as online classes, physical exercises, or activities of interest and shared on the media as a spectacle. The contemporary subject is almost always connected to the online environment, thus being one of the main actors in this scenario, thus allowing social interaction between the parties. Within this context, the authors Arfuch (2010); Elias (1994); Lejeune (2014); Schittine (2004) and Sabilia (2016), who have published works on the topic in question, will be cited as a source of research, among others. The dissertation aims to analyze the speeches present in virtual diaries on the social media Instagram during the pandemic period. This is qualitative research, of the case study type. Qualitative data comes from *posts* on the internet. This research is justified by the fact that it contributes to the production of knowledge, as there is also little research on the topic, especially related to the pandemic situation.

Keywords: diary; social media; emotion; subject.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Nasce o projeto.....	64
Figura 2 - Narrativa do confinamento de Gabriela Altaf.....	66
Figura 3 - O espelhamento dos sinais do corpo.....	68
Figura 4 - Amor só corpo e à liberdade.....	69
Figura 5 - Uma dor contida no seio da família de bem.....	70
Figura 6 - Marcas da violência abafada.....	72
Figura 7 - Calmaria e dias tranquilos.....	73
Figura 8 - Combate ao inimigo, morte e solidão.....	75
Figura 9 – Quarentena e envelhecimento.....	76
Figura 10 - Adaptação ao isolamento do grupo de risco.....	78
Figura 11 - Sofrimento manifestado diante do inimigo invisível.....	75
Figura 12 - A desigualdade em evidência na quarentena.....	71
Figura 13 - A praia de metros quadrados.....	83
Figura 14 - Sem cirurgia no centro cirúrgico.....	84
Figura 15 - A arte de se reconectar consigo.....	86
Figura 16 - A manifestação da dor no corp.....	87
Figura 17 - Quarentena num museu de brinquedos.....	90
Figura 18 - Apartamento 1202, o arquivo de fora para dentro.....	91
Figura 19 - Projeto @ feitoformiguinhas de combate à fome.....	92
Figura 20 - Reflexões em um dia frio.....	93
Figura 21- Rio que flui: Memórias da pandemia.....	94
Figura 22 - Guarapari 2019 e 2020.....	96
Figura 23 - Balanço vazio.....	96
Figura 24 - Janelinhas na sombra.....	97
Figura 25 - Mulher de óculos escuros.....	97
Figura 26 - Mulher deitada no chão.....	97
Figura 27 - Músicos tocando instrumento.....	98
Figura 28 - Cachorro olhando a rua.....	98
Figura 29 - Vista da janela em preto e branco.....	98
Figura 30 - Classes mais populares na pandemia.....	99
Figura 31 - Desenho sobre pandemia 1.....	99
Figura 32 - Desenho sobre pandemia 2.....	100

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 CONCEITO DE DIÁRIO	111
1.1 Breve histórico do diário	17
1.2 A narrativa como espaço biográfico	22
1.3 A invasão do espaço privado: os diários virtuais	28
1.4 A realidade fictícia da intimidade no Instagram	32
2 EMOÇÃO E INTIMIDADE NA CONTEMPORANEIDADE	37
2.1 Ditadura da felicidade	41
2.2 Os corpos e as interações durante a pandemia	46
2.3 Emoção e mídia na pandemia	52
3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS	56
3.1 Breve histórico sobre as pandemias no mundo.....	61
3.2 Análise Perfil @memoriasdocorponaquarentena.....	64
3.3 Análise Perfil @memoriascovid19	977
3.4 Análise do Documentário #Memoriascovid19	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS.....	116

INTRODUÇÃO

A sociedade passou por diversas transformações ao longo do tempo, modificações em sua cultura, assim como em sua memória. O indivíduo possuía como forma de manifestação de si o diário íntimo manuscrito e, por meio dele, narrava emoções e sentimentos. Com as modificações na sociedade e a chegada das novas tecnologias, essas narrativas também estão no ambiente *on-line*.

Sendo o diário íntimo uma maneira de o indivíduo se manifestar, poder expressar seus sentimentos por meio das palavras, a escrita diarística torna-se um espaço de liberdade de expressão.

O ato da escrita permite ao indivíduo transferir suas memórias e lembranças para seu diário. Com isso, em algum possível momento da sua vida, os fatos ou sentimentos ali registrados serão lembrados.

Lejeune (2014) diz que por meio do diário o sujeito consegue manifestar seus sentimentos guardados, pois o indivíduo tem a possibilidade da escrita.

O autor ainda menciona que o diário também pode ter como função a conservação da memória e, para isso, guarda em suas linhas uma sequência de dias e afazeres (Lejeune, 2014, p. 302).

A anotação cotidiana, mesmo que não seja relida, constrói a memória: escrever uma entrada pressupõe fazer uma triagem do vivido e organizá-lo segundo eixos, ou seja, dar-lhe uma "identidade narrativa" que tornará minha vida memorável. É a versão moderna das "artes da memória", cultivadas na Antiguidade. O diário será ao mesmo tempo arquivo e ação, "disco rígido" e memória viva.

Sendo escrito muitas vezes de maneira reservada, essa atividade também pode ser realizada em situações específicas, como um diário de viagem (Santos 2015).

A escrita de si é abordada por Foucault (2004) como sendo a escrita uma companhia para o sujeito, da mesma maneira que a constante presença do diário em mãos.

Com as transformações do sujeito contemporâneo e, conseqüentemente, na sociedade, o comportamento também se modificou. O diário passou a ocupar não somente as gavetas, mas outros espaços biográficos (Arfuch, 2010), como a internet.

O sujeito contemporâneo utiliza o espaço virtual para o compartilhamento de imagens entre os usuários do ciberespaço, assim como a interação entre os usuários na rede.

Com a possibilidade de diversos ambientes na internet, tais como as mídias sociais, os reality shows e os diários *on-line*, abriu-se um campo maior de relações. Com os diários virtuais, o indivíduo passou a se manifestar permitindo, assim, a manifestação de si nos ambientes virtuais.

Com a facilidade de compartilhamento de imagens no ambiente *on-line*, o indivíduo se torna independente no manuseio desse ambiente, assim como no compartilhamento de suas fotografias na mídia social. Percebemos que o ambiente das mídias sociais é utilizado como um armazenamento de imagens dos momentos vivenciados para que não se percam no tempo. O sujeito contemporâneo utiliza as mídias sociais também como ferramenta de interação social compartilhando seus relatos pessoais e recebendo interações referentes aos seus *posts*.

O ser humano possui curiosidade sobre os outros indivíduos e sua privacidade. Com as mídias sociais, a intromissão na vida alheia se tornou normalizada pelo fato da exposição ser espontânea por parte de quem publica seus diários e imagens (Schittine, 2004, p. 85):

É essa curiosidade pela vida alheia e a aproximação da vida dos leitores com a dos diaristas que tem acelerado a difusão e a aceitação dos escritos íntimos na internet. Esse interesse tem se ampliado de tal modo que não é necessário que o diarista seja uma pessoa famosa na vida real para que consiga arrebatar uma legião de leitores ou espectadores interessados em sua vida virtual. Basta que o diarista seja, em muitos pontos, parecido com seu público-leitor.

A espetacularização no ambiente virtual foi potencializada com as mídias sociais. Percebe-se o "eu" exposto de formas diversificadas nesse ambiente e com dificuldade em esconder algum fato particular, visto que (quase) tudo é compartilhado (Sibilia, 2016, p. 305):

Os canais interativos da internet hoje são utilizados, com graus crescentes de frequência e intensidade, para que cada um possa criar e manter a sua obra mais preciosa: um eu visível. De frente e perfil, sem limites de espaço nem de tempo, um barulhento festival de personalidades alterdirigidas, sempre em exposição e interconectadas.

Para realização dessa dissertação, a pesquisadora partiu de uma antiga inquietação, ainda como graduanda em Letras. No momento, como se sabe, ocorre a

constante exposição voluntária do indivíduo às câmeras e seu compartilhamento público (seja de imagens, mensagens ou dados pessoais) até mesmo para desconhecidos como, por exemplo, os perfis de usuários abertos.

Objetivando uma melhor compreensão desse fenômeno, foi necessária a escolha de um *site* de mídia social, sendo escolhido o Instagram. Dentro de todo o planejamento realizado, a escolha ocorreu porque o Instagram tem um perfil com a temática relacionada ao isolamento social, bem como por conter uma página específica ao proposto.

A mídia social Instagram permite postagens de conteúdos e também interações entre os usuários, possibilitando aos pesquisadores um vasto campo para análise e discussão sobre narrativas, usuários, sujeitos, mídias sociais, emoções do indivíduo, entre outros.

Com isso, propomo-nos a estudar como os *posts*, no perfil @memoriasnocorponaquarentena do Instagram compartilhados de maneira *on-line*, puderam atuar na forma de narrativas na produção de memórias durante o período do isolamento social da Covid-19. Procuramos documentar a maneira de realizar relatos em diários por meio de narrativas compartilhadas nessa mídia social do período de 2020 a 2021.

A produção documental deste trabalho registra uma época que o mundo atravessou - a pandemia da Covid-19 no ano de 2020. Por conseguinte, realiza uma produção documental de relatos compartilhados em uma página específica de armazenamento de lembranças do período da quarentena. A reflexão sobre o conteúdo ali exposto permitiu o início de um trabalho sobre os relatos narrados nas mídias sociais.

Também como produção documental desse trabalho, foi analisado o perfil do Instagram @memoriascovid19 que recebeu relatos sobre a perspectiva do indivíduo durante o isolamento social e também o documentário resultante dessas narrativas.

A pesquisa procura contribuir com profissionais das áreas de conhecimento que o estudo abrange, pois dialoga com as áreas de psicologia, sociologia, comunicação e linguagem. Traçamos como objetivo geral analisar a maneira como o sujeito contemporâneo utiliza as mídias sociais para se manifestar e como isso ocorreu durante a pandemia da Covid-19. Os objetivos específicos englobam as análises dos discursos presentes nas respectivas análises.

A dissertação proposta está organizada em três capítulos. No primeiro capítulo, abordo o conceito de diário e seu breve histórico. Seu conteúdo é apresentado no sentido de mostrar o conceito ao leitor e suas características. Ainda dentro desse capítulo, abordamos os diários virtuais e a realidade fictícia do Instagram. A intimidade existente nos diários se tornou pública nas mídias sociais, assim como a sua visibilidade, e ganhou proporção por meio do compartilhamento de conteúdos.

No segundo capítulo, abordo a temática da emoção e intimidade do sujeito destacando como alguns corpos interagiram durante a pandemia no ambiente virtual. Abordamos a pandemia da Covid-19 e como o ser humano foi afetado durante o isolamento social, ao passo de seu corpo refletir as emoções a partir dos sentimentos vivenciados. Falamos ainda sobre a necessidade de demonstrar estar feliz a todo momento nas mídias sociais. Em se tratando de um período pandêmico, o indivíduo muitas vezes utilizou o espaço virtual para se manifestar de maneira contrária à felicidade. As emoções foram manifestadas em relatos pessoais de maneira voluntária no perfil analisado no terceiro capítulo. No terceiro capítulo, temos a apresentação e discussão dos dados referentes aos perfis @memoriasdocorponaquarentena e @memoriascovid19. Tem-se um breve histórico sobre as pandemias que ocorreram pelo mundo, as análises dos perfis mencionados e o documentário.

1 CONCEITO DE DIÁRIO

Ao escrever algo sobre si, o indivíduo está relatando algum fato ocorrido consigo e que deseja guardar em sua memória. Da mesma forma como os diários são um espaço de liberdade de expressão, o ato de escrever algo que já aconteceu é uma experiência, uma vez que, ao registrá-la e torná-la uma memória, a situação é revivida, por vezes, minuciosamente. O diário também é um ato de fala e manifestação de si tendo como auxílio atualmente os meios *on-line* como as mídias sociais. Ao veicular socialmente seu discurso, o indivíduo precisa de um suporte midiático para se expor de forma voluntária. Os diários também são objetos de importantes fontes da história de cidadãos comuns, pois permitem que os indivíduos transcrevam em suas linhas fatos ou sentimentos ocorridos durante sua vida, tal como é feito por personalidades já conhecidas.

O diário permite ao diarista a manifestação de si, visto que ele expressa seus sentimentos anteriormente guardados por meio da escrita, tal como diz Lejeune (2014), um dos principais pesquisadores sobre as escritas de si. Os relatos do diarista em seus escritos íntimos permitem recuperar e manter as memórias vividas pelo sujeito. Os diários possuem relatos de maneira retrospectiva, ou seja, acontecimentos já vivenciados pelo diarista podendo ser de maneira fragmentada ou de forma contínua. Conforme o sujeito registra seus relatos, surgem em sua memória as emoções do momento narrado.

Sendo um dos gêneros das escritas de si, o diário é uma atividade em que o indivíduo escreve de maneira reservada. Pode-se manter um diário em diversas ocasiões como, por exemplo, um período da vida ou até mesmo durante a realização de uma viagem. Lejeune (2014) menciona que, quando relata determinado acontecimento sobre sua vida, o diarista realiza um acordo de veracidade com o leitor, que espera encontrar a veracidade escrita nas linhas.

Com a intenção de auxiliar o caminho e o sentido da escrita do diarista, e assim compreender melhor o caminho de sua escrita, Santos (2015, p.12) elaborou como forma de melhor entendimento ao leitor, posições de sua situação sendo diarista, ou seja, como se encontra quem está escrevendo:

[...] posição de Naufrágio, posição de Ancoragem, posição de Renascimento e posição de Encantamento. As posições compreendem o início, o desenvolvimento e o término ou o abandono do suporte, e são baseadas nos registros que tratam da percepção do diarista em relação a sua própria condição crítica.

Quando o indivíduo escreve sobre sua intimidade em seu diário, está realizando um diálogo consigo mesmo. E da maneira pela qual as palavras surgem, os pensamentos serão organizados no papel. As emoções, da mesma forma, vão se organizando nas linhas, e dessa maneira, o sentimento antes interiorizado, passa a ser manifestado e organizado.

Velasco (2015) ressalta que o sujeito contemporâneo não é um indivíduo com apenas uma interpretação, tendo um único significado, este indivíduo não é pautado apenas pela razão e também pela emoção (Velasco, 2015, p. 04): "Na contemporaneidade, fica impossível pensar em um sujeito unívoco e cartesiano, representado pelo sujeito moderno, dono de uma identidade una".

Para Velasco (2015), o sujeito que possui vários significados escreve suas narrativas de maneira autossuficiente. Ao manifestar suas emoções por meio dos relatos em seu diário íntimo, esse sujeito transcreve suas vivências e memórias.

Na contemporaneidade, o sujeito possui diversas identidades (Velasco, 2015), quando se encontra em situações diversas em seu cotidiano. Quando esse sujeito se encontra no ambiente de trabalho, sua postura é diferente de quando está em ambiente doméstico ou na companhia de amigos, como explica Velasco (2015, p. 5):

O sujeito pós-moderno assume identidade diferentes em distintas situações, identidades não unificadas, coerentes, mas contraditórias, concorrentes, múltiplas. Uma identidade aparentemente uniforme só pode existir se o indivíduo ingenuamente criar uma narrativa confortadora e estável sobre si. Isso quer dizer que uma escrita de si em sintonia com pressupostos epistemológicos atuais precisa dar conta desse descentramento do sujeito, dessa instabilidade do "eu", dessa não totalização de identidades múltiplas, contraditórias e provisórias consoantes com o próprio momento histórico.

O diário passa a fazer parte da rotina do sujeito contemporâneo se tornando uma obra, quase um livro em sua vida. Possui força a partir do momento em que consegue manifestar suas emoções.

O sujeito transforma o diário em uma ferramenta de direcionamento do seu percurso de vida, pois as descrições se tornam uma referência para si próprio de suas experiências cotidianas. Os momentos que foram vividos por esse indivíduo ficam na lembrança de quem escreve, isto é, o diarista, e são lançados nas linhas da escrita, permitindo que sejam eternizados na memória. Para Santos (2015, p.16):

A escrita diarística é um espaço de restos, rastros e sonhos de uma mão que fala. Logo, escrever um diário é despir-se no tempo e da forma que julgamos necessária, administrando o desejo de encararmos a nós mesmos a cada dia.

A autobiografia é definida como "narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade" (Lejeune, 2014, p. 16). Mesmo que o texto de um diário seja uma narrativa, a relevância da linguagem durante o relato na escrita não pode deixar de ter como referência a vida do indivíduo, isto é, embora o texto do diário esteja relatando um fato ou um sentimento que já tenha ocorrido no momento passado, a forma como a pessoa escreve o texto em seu diário não pode deixar de possuir importância na vida do diarista.

Ao narrar acontecimentos de sua vida, o indivíduo produz uma narrativa endereçada ao fato ocorrido. Sendo uma narrativa de cunho pessoal, o autor pode vir, em seu texto, utilizar subterfúgios que não sejam condizentes com a realidade. Quando o autor utiliza as linhas para se manifestar em seus relatos, está buscando em sua memória os acontecimentos e lembranças.

O filósofo francês Ricoeur (2007) profere que existe uma relação entre a percepção inicial do sujeito e a sua lembrança pelo momento vivido, o que permite reconhecer a captura pela memória do relato narrado pelo autor. Ao narrar um acontecimento ou emoção, o âmbito da lembrança se torna mais real, visto que se torna palpável por meio das palavras. O fato passa a ser vivo por meio de uma narrativa. Ricoeur (1994) ainda diz que quando o autor escreve um relato não está trazendo o seu passado para o momento presente e sim a sua memória traz à tona as imagens de um passado que já não existe e, por esse motivo, pode vir a ser narrado.

Para Barthes (2012), o indivíduo é uma consequência dos discursos e não existe autor sem linguagem. A escrita não se torna uma forma de se expressar o Eu do autor, mas sim uma combinação de termos e elementos anteriores, como seu significado e significante (Saussure, 1973). Cabe aqui uma rápida definição sobre o conceito Saussuriano de significado e significante.

Para Saussure (1973), a fala é concreta e desigual e a língua abstrata e uniforme, sendo o signo o resultado do significado somado ao significante. As palavras são consideradas signos linguísticos, isto é, ao ler a palavra "carro", o leitor tem a união do significado (imagem de um carro) com seu significante (palavra). Ao relatar situações em seu diário íntimo, o autor utiliza as palavras como significante e a memória como significado.

Foucault (2004) já mencionava que a escrita de si possibilita um olhar diferente do que se está habituado, pois quando o indivíduo realiza a escrita em seu diário manifesta sentimentos antes guardados em seu íntimo. O exercício constante desse tipo de escrita permite que o indivíduo obtenha uma companhia para si, da mesma maneira que há a possibilidade de estar em convivência constante com o diário. O ato da escrita é também uma atitude de se manifestar. É uma maneira de atravessar o silêncio da própria intimidade e criar um monólogo que ocorre de forma sincera nas linhas que são escritas.

Foucault (1992, p. 145) salienta que:

Ela (a escrita de si) atenua os perigos da solidão; oferece aquilo que se fez ou se pensou a um olhar possível; o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, suscitando o respeito humano e a vergonha.

O diário proporciona ao diarista um local em que é possível guardar os mais variados recortes relacionados com as lembranças, assim como fotografias marcantes de alguma data ou evento que se manterá registrado na lembrança, de modo a possibilitar o registro de memórias de colagens em suas páginas.

A ação da escrita já era mencionada por Foucault em *A Escrita de Si* (2004) por meio do *hypomnemata*, que eram cadernos, livros ou anotações que serviam como forma de registro no cuidado de si (Foucault, 1992). Nos cadernos, eram registrados pensamentos pessoais e a forma como se realizavam os cuidados com a própria saúde; uma maneira de conservar a memória do que foi pensado ou vivido.

Escrever sobre si mesmo é organizar a maneira de pensar, ajustar os pensamentos, além de possuir seus escritos sempre disponíveis para seu próprio entendimento e conversação consigo mesmo, bem como de discussão com outros indivíduos. Escrever para si e sobre si, para Foucault, é um aprendizado para o viver em sociedade.

Entretanto, mesmo com características evidentes similares ao diário, o *hypomnemata* não pode ser considerado como tal. O filósofo sugere que o ato de escrever é uma prática que se obtém com exercício e menciona que a escrita de si apresenta uma função primordial nesse desenvolvimento.

Lejeune reforça que o registro da escrita pode ser momentâneo, e que dificilmente se encontra um indivíduo que tenha essa atividade durante muito tempo. O diário pode ser um instrumento de conservar lembranças de momentos vividos (Lejeune, 2014, p. 301):

O diário é um vestígio: quase sempre uma escritura manuscrita pela própria pessoa, com tudo que a grafia tem de individualizante. É um vestígio com suporte próprio: cadernos recebidos de presente ou escolhidos, folhas soltas furtadas ao uso escolar. Às vezes, o vestígio escrito vem acompanhado de outros vestígios, flores, objetos, sinais diversos arrancados à vida quotidiana e transformados em relíquias, ou desenhos e grafismos.

O autor reitera que o diário tem como finalidade delimitar o tempo por meio das menções indicadas nos seus próprios registros. Lejeune (2014, p. 301) ressalta ainda

que: “Ele pressupõe a intenção de balizar o tempo através de uma sequência de referências. O vestígio único terá uma função diferente: não a de acompanhar o fluxo do tempo, mas a de fixá-lo em um momento-origem”.

O diário, para Lejeune (2014), possui um traço de fragmentação e de repetição, o que leva o diarista a escrever para não perder aquela recordação, tanto no tempo quanto em sua memória. Por isso, escreve-se deixando registrado aquele momento. Tendo como função a conservação da memória, o diário é uma sequência de dias transcritos e capazes de ser fixados na lembrança do diarista no futuro, ao ser possivelmente relido. Lejeune (2014, p. 302) especifica que:

[...] a anotação quotidiana, mesmo que não seja relida, constrói a memória: escrever uma entrada pressupõe fazer uma triagem do vivido e organizá-lo segundo eixos, ou seja, dar-lhe uma "identidade narrativa" que tornará minha vida memorável. É a versão moderna das "artes da memória", cultivadas na Antiguidade. O diário será ao mesmo tempo arquivo e ação, "disco rígido" e memória viva.

A construção da memória ocorre por meio das narrativas nos diários íntimos. Ao escrever, o diarista guarda em suas linhas seus fragmentos de lembranças, sua intimidade e constrói sua memória por meio de sua narrativa escrita. Muitas vezes o autor se sente exposto diante dos fatos escritos de maneira a não desejar o compartilhamento com mais ninguém, como analisa (Lejeune, 1997, p.116): "Mas os diários são também os textos mais íntimos, mais difíceis de serem lidos por outros, mais frágeis". O diário também pode ser uma forma de auxílio à resolução de adversidades, como pondera Lejeune (2014, p. 304):

Mas escrever força a formular os desafios e argumentos, deixando vestígios que poderão ser repensados. O diário também permite acompanhar de perto uma tomada de decisão. [...] O diário não é forçosamente uma forma de passividade, mas um dos instrumentos da ação

O ato de escrever permite ao diarista, além de guardar determinada recordação no tempo, assim como em sua memória, libertar seus sentimentos e suas emoções e expressá-los livremente nas linhas do papel.

Sartre (1976) remete à (auto)biografia uma particularidade mais sensata, levando à Lejeune a identificar nele como sendo o primeiro autor a possuir a originalidade como técnica.

Para Zagury (1982), a autobiografia é como literatura confessional, sendo as memórias de infância um fragmento significativo em todo contexto diarístico. Tornando-se esse tipo de lembrança próspero em produção de textos de grande valor, como analisa Zagury (1982, p.15):

A literatura memorial, portanto, há de ser sempre uma literatura crítica, no sentido de ser em crise. Se em face de si mesmo, frequentemente, o homem está indefeso, em face da literatura memorial, o escritor sempre inerme. Cada obra que se preze equivale a um reinício do gênero, porque sua matéria só se pode acreditar como especialíssima. Daí que não seja comum o tratamento evolutivo desse gênero literário. As histórias da literatura simplesmente o ignoram, concedendo algumas vezes que ele apareça na bibliografia acessória de um grande poeta ou romancista.

Tendo como preocupação a teoria de Sartre (1964), o ponto de maior importância se torna a clareza e objetividade, pois "[...] a função de um escritor é chamar um gato de um gato" (Sartre, 1964, p. 281).

Ainda de acordo com o autor, a objetividade é fator veemente necessário por parte do escritor, em virtude de estar passando a mensagem de forma clara ao leitor (Sartre, 1976, p.143):

[...] a transparência deve substituir completamente o segredo. Sonho com o dia em que dois homens não guardarão mais segredos um do outro porque não guardarão de ninguém. [...] Eu tento ser o mais claro possível com vistas a revelar inteiramente minha subjetividade.

O autor se restringe aos fatos narrados pelo diarista, organizados e expressados de maneira clara e objetiva.

1.1 Breve histórico do diário

Na época do império romano o indivíduo convivia em sociedade por meio dos jogos realizados nas arenas, corridas de bigas, manifestações religiosas e banquetes. As mulheres sempre participavam desses eventos acompanhadas pelos homens de sua família. Durante a expansão do Cristianismo no mundo e conseqüentemente em Roma, muitos plebeus se converteram ao Cristianismo, embora Roma ainda não fosse cristã. Somente em 380 (d.C) Roma se converteu ao Cristianismo findando com as perseguições aos cristãos e se tornou um Império Cristão Monoteísta.

A vida pública passou a ser discutida como um compromisso convencional pelos romanos, ou seja, as atividades a serem realizadas pelos indivíduos passaram a ser de cunho formal. Os deveres exercidos fora do círculo familiar eram elaborados de acordo com as regras das atividades em público, como explica Sennett (1943, p.16):

Boas maneiras e intercâmbios rituais com estranhos são considerados, na melhor das hipóteses, formais e áridos e, na pior, falsos. A própria pessoa estranha é uma figura ameaçadora, e muito poucos podem sentir um grande prazer nesse mundo de estranhos: a cidade cosmopolita.

Ou seja, a convivência na sociedade entre os indivíduos ocorria com interesse entre as pessoas, seja para realização de casamentos ou interesses políticos e quando ocorria entre desconhecidos sempre havia formalidade.

Após as modificações ocorridas durante a Idade Antiga, a população passou pelo período da Idade Média. Nessa época as condições sanitárias da sociedade eram deploráveis. Não havia sistema de esgoto para a população, o que acarretava aumento de doenças pela falta de limpeza e higiene.

Ainda durante a Idade Média, ocorreram momentos de "barbarismo" e "primitividade" no comportamento humano, como relata Elias (1994, p. 76):

Era um padrão diferente do nosso - se melhor ou pior não vem ao caso. E se em nossa recherche du temps perdu fomos levados de volta, passo a passo, do século XVIII para o XVI e do XVI para os séculos XIII e XII, isto não implica que estejamos, como já alertamos antes, na expectativa de encontrar o "começo" do processo civilizador. Será tarefa mais que suficiente para nossos fins atuais tentar a curta jornada da fase medieval para a primeira moderna, em uma tentativa de compreender o que realmente aconteceu aos seres humanos nessa transição.

O sujeito da Idade Média passou por modificações enquanto indivíduo e em seu relacionamento com a sociedade. O seu núcleo familiar se modificou e passou a quase cessar para cerimônias públicas. Essas transformações podiam ser percebidas principalmente pela burguesia, visto que nas residências burguesas, durante a Idade Média, os sujeitos tinham sua intimidade compartilhada.

Nessa época, a família burguesa habitava uma única moradia, compartilhando os mesmos espaços, sem restrição à entrada de seus aposentos. Todos que habitavam a casa tinham livre acesso aos cômodos, mesmo que eles estivessem ocupados por algum casal em algum momento de intimidade. Não existiam portas que

permitted a privacy. With the ascent of the bourgeoisie, just as the new ways of living in family, the individuals passed to coexist in a reserved way within the same environment.

The bourgeois class can perceive in a rapid way these transformations. The houses of the bourgeoisie had divisions in their dependencies such as bedrooms, bathroom, dining rooms, gardens, among other rooms such as, for example, the dependencies that only the employees of the house accessed. They also had dependencies in which they received visits in their domestic intimacy. Schittine (2004, p. 51) evidences that:

É nesse lugar, longe da sala de jantar onde se reúne a família todos os dias para fazer as refeições em comum, que os estranhos são recebidos. Ali estão os objetos e comportamentos que a família julga de bom-tom vir à tona em público.

According to the author, it would be the dining room from which the bourgeois family passed to create a relationship between intimacy and public life with strangers, since it made available this room for the circulation of individuals who did not integrate their family life.

Nevertheless, the organization of the rooms of the bourgeois family presented the desire of the individual to occupy a particular place within their own family, an intimate space. Intimate life could mix with the family environment. Consequently, it was a way of watching the members of the family, as explains Schittine (2004, p. 51):

De certa maneira, é desta "vigilância familiar que muitos dos praticantes da escrita íntima se queixam. Ela mudou, de uma maneira ou de outra, mas continuou presente nas pequenas invasões, na leitura por cima do ombro, na procura de textos e documentos escondidos. No princípio, a vigilância se estabeleceu baseada nas diferentes funções domésticas.

The man was the financial responsible of the bourgeois family and the woman was responsible for the children, just as for the order of the house. The privacy of the children was invaded in their daily life just as when even their marriages were realized by the choice of their parents.

Since the bourgeoisie was a higher social class, in families of lower classes the scenario was different. The houses were simpler having fewer rooms, which many times were shared among their members, just as

também eram utilizados com mais de uma função, pois o quarto poderia servir como sala de jantar.

A privacidade nessas famílias era quase inexistente, visto que a necessidade de compartilhar os mesmos espaços físicos fazia com que o sujeito não delimitasse sua identidade e personalidade. A autora ainda reitera que, de acordo com Philippe Ariès, o termo "intimidade" não era utilizado durante a Idade Média:

A vida era vivida em público, não existia quase nenhuma intimidade, as pessoas viviam misturadas umas com as outras, senhores e criados, crianças e adultos em casas permanentes abertas às inscrições dos visitantes (Schittine, 2004, p. 53).

Sendo o corpo humano um fator de interesse para o sujeito, durante o século XVIII, havia a possibilidade de compor esse corpo com vestimentas elaboradas pela arte do teatro e expô-la em praça pública para que todos pudessem ter a oportunidade de agraciá-la. Dessa maneira, os apetrechos como chapéus e suntuosas perucas podiam ser vistos pelas praças de Paris nos corpos dos indivíduos como objeto de decoração em meados do século XVIII Elias (1994).

Dessa forma, com o surgimento da Revolução Industrial, no qual o indivíduo está deixando a manufatura e passando para a maquinofatura, os trabalhos passam a ser em sua maioria na cidade e não mais no campo, assim surge o proletariado. Com isso, o surgimento tanto da imagem quanto da oralidade aponta a diferenciação entre o público e o privado.

Em meados do século XIX, iniciou-se um período em sociedade no qual a vida privada começou a alcançar uma dimensão maior em relação à vida pública. A sociedade passou a ter menos relações íntimas em público com estranhos e a se relacionar mais na intimidade de seu lar e família.

A vida íntima passou a ser reservada de modo que ocorreu um importante desdobramento entre a vida pública e a privada. O indivíduo progressivamente passou a exercer mais a verdade em sua vida particular que em sua vida pública. Com a expansão das grandes cidades, o número de pessoas desconhecidas conseqüentemente aumentou. Em decorrência disso, o convívio com sujeitos fora do seu círculo familiar também se tornou um hábito.

As conversas fora do círculo familiar não eram consideradas convenientes e foram reduzidas até cessar. A naturalidade dos diálogos e emoções se tornou restrita

ao ambiente íntimo. O indivíduo passou a utilizar as emoções de maneira fracionada. A convivência familiar era uma maneira de se sentir confiante em um momento em que o diálogo com estranhos era inconveniente.

Ao longo do século XX o comportamento do indivíduo se modificou, assim como sua relação com a família. O núcleo familiar passou a fazer parte apenas de cerimônias íntimas, não mais estando tão presente em participações na vida pública. Como menciona Schittine (2004, p. 50), no início do século XX, em que se fortificava o muro protetor entre a vida pública e a privada, a última coincidia forçosamente com a familiar.

No norte da Europa, já havia o costume da prática da escrita como uma manifestação de autocuidado, ao passo que não ocorria no Sul da Europa. Somente em 1952, na França, surgiu uma obra crítica da autora e psicóloga Michèle Leleu sobre a temática do diário.

O diário em formato de caderno possui um formato específico, não podendo ser confundido com qualquer outro feito. Outrora, os sujeitos faziam uso dos diários de maneira comunitária, seguidamente passou-se a escrever nos diários de forma pessoal. Por fim, de um jeito íntimo. Somente após o século XX os diários começaram a ser publicados com seus autores vivos.

Na contemporaneidade, a sala de estar não é utilizada apenas com o objetivo de receber visitas. É comum encontrarmos apartamentos relativamente pequenos em que seus cômodos são integrados, até mesmo sem paredes. Portanto, a sala de estar com finalidade de receber visitas perdeu a finalidade. O espaço do quarto antes privado, tornou-se também frequentado pelas visitas.

A privacidade dos tempos atuais pode vir a confundir o sujeito contemporâneo, tendo em vista que o indivíduo expõe sua intimidade na internet de vontade própria, mas, muitas vezes, essa intimidade é de cunho pessoal e circula pela rede de maneira descomedida. Paradoxalmente, o indivíduo busca a todo momento ter a sua intimidade visível, muitas vezes em diários e *blogs* publicados na internet.

Para diversos autores (Lejeune, 2014; Arfuch, 2010; Schittine, 2004), dentro do cenário ocidental, o diário se tornou um ferramental que possibilita que o indivíduo tenha seus pensamentos organizados para as questões da sociedade. O ato de escrever em um diário permite que o diarista abandone o sentimento de aflição ou ansiedade diante dos problemas da vida. O diário é “uma maneira possível de viver, ou de acompanhar um momento da vida” (Lejeune, 2014, p. 302).

O autor ainda reitera que o diário tem como uma das finalidades a conservação da memória de quem o escreve, sendo o diarista um conservador de suas recordações (Lejeune, 2014, p. 302):

É, em primeiro lugar, para si que se escreve um diário: somos nossos próprios destinatários no futuro. Quero poder, amanhã, dentro de um mês ou 20 anos, reencontrar os elementos de meu passado: os que anotei e os que associarei a eles em minha memória (de tal forma que ninguém poderá ler meu diário como eu).

A escrita diarística, afirma Lejeune (2014), pode ocorrer das mais variadas formas como, por exemplo, de modo breve e até mesmo por um período mais longo, como em um período de crise. O indivíduo pode inserir em sua rotina o ato de escrever em um processo íntimo e experimentar a redação em seu cotidiano como forma de manifestação de si.

Sendo uma escrita fragmentada e repetitiva, o diário se adapta ao ritmo de vida de quem escreve em suas linhas e pode vir, muitas vezes, a auxiliar o diarista em muitos processos relacionados ao seu cotidiano. O diário se torna um espaço no qual o sujeito tem a possibilidade de ter a sua intimidade exposta de maneira pormenorizada com relação a algum evento específico. Além disso, existe um “pacto” com o leitor – caso haja um –, pois ele não questiona a veracidade dos fatos que lê.

A escrita de um diário não é direcionada a um alguém. As linhas escritas são, muitas vezes, para quem as escreve, para serem lidas e relidas pelo próprio diarista. Escrever para não esquecer, para guardar na memória, para o tempo não levar embora.

1.2 A narrativa como espaço biográfico

De acordo com Schittine (2004) a transação do diário manuscrito para o diário *on-line*, tem como característica a modificação no relacionamento entre autor e leitor, visto que no mundo *on-line* os sujeitos interagem com outros indivíduos. Em suas narrativas manuscritas, o sujeito escrevia para ser lido por si mesmo objetivando uma melhor compreensão de si, além do autor não desejar o compartilhamento de seus segredos por todos, como explica Schittine (2004, p. 31):

No entanto, eram coisas que alguns autores desejavam que fossem divididas com alguém. Como dizê-las sem sofrer as consequências de se expor? A tela do computador surge como um vídeo opaco através do qual as pessoas podem trocar ideias e opiniões sem serem vistas. Do outro lado dela, existe um público que pode "ouvir" o que o autor tem a dizer e dar a sua opinião (contrária ou não). Tudo isso sem o constrangimento das relações face a face.

Com a transformação do papel para o tecnológico, as narrativas íntimas também sofrem modificações e o diário antes somente manuscrito atinge somente o espaço *on-line* se tornando partilhado de forma virtual para os usuários. A autora ainda reitera que o movimento de preservar a intimidade do sujeito em sua particularidade estaria se transformando, dado que o narcisismo do indivíduo contemporâneo auxilia para a visibilidade no mundo virtual, muitas vezes sem a necessidade de conhecer de fato com quem se interage nas mídias sociais: "A opacidade da tela permite aos diaristas encontrar seus semelhantes sem que para isso precisem ter um contato direto com eles" (Schittine, 2004, p. 35).

A intimidade é encontrada em diversos lugares, permitindo ao sujeito contemporâneo o compartilhamento de suas narrativas íntimas em diversos espaços assim como os leitores, interagirem com o conteúdo ali disponível.

A interação social com o outro proporciona ao sujeito a comunicação por meio do diálogo, auxiliando na formação do sujeito na sociedade. O mundo virtual é um espaço de relacionamento entre os sujeitos sem a exigência de aparecer fisicamente. A interação com o outro sem conhecer presencialmente esse outro, permite que o espaço *on-line* seja desenvolvido e impulsionado.

A manifestação de si por meio de narrativas *on-line* pode vir a apresentar um ato de solidão, porém, com o mundo virtual essa prática se torna interativa entre o autor e o leitor por meio das interações sociais, de acordo com Schittine (2004, p. 62):

É embora pareça uma jornada solitária, o diário íntimo na internet, além de supor um público, faz com que esse seja participativo. Os e-mails e os comentários são bem-vindos, e alguns até mesmo integrados no corpo do texto do *blog* como uma maneira de dialogar com o leitor.

Na contemporaneidade, as narrativas de si estão presentes em diversos espaços. O espaço biográfico (Arfuch, 2010) abriga os mais variados ambientes, como as mídias sociais, os reality *shows*, assim como os diários *on-line*. E esse espaço vai muito além do gênero narrativo, uma vez que ele expande essas novas modalidades. Não existe mais o limite entre o público e o privado. Este espaço Arfuch também atribui

como "[...] um passo além" de sua tentativa infrutífera de aprisionar a 'especificidade' da autobiografia como centro de um sistema de gêneros literários afins" (Arfuch, 2010, p. 22).

As mídias digitais possibilitam ao sujeito contemporâneo compartilhar o conteúdo do seu diário íntimo no ciberespaço. Oliveira (2002) destaca que o diário *on-line* no ambiente da internet é um efeito da cibercultura, sendo dividido em duas ondas.

A primeira onda ocorreu entre início e final da década de 1990, com o seu auge no começo de 1994, segundo diz Oliveira (2002). Usuários que possuíam conhecimentos específicos de informática realizavam suas atualizações pessoais constantemente em suas páginas de diário *on-line*.

Os indivíduos compartilhavam em seus *sites* pessoais suas rotinas com notícias e relatos de cunho pessoal, fotografias íntimas, histórias de família, o que permitiu, para a autora, um número cada vez maior de leitores e, conseqüentemente, de novos diários *on-line*, pois fazer parte do mundo virtual é ver e ser visto.

Oliveira (2002) ressalta que após a criação de novas ferramentas, como *software* de forma gratuita, em 1999, os diários *on-line* se expandiram de maneira acelerada pelo ciberespaço, pois o ferramental tecnológico permitiu ao usuário final, sem conhecimento avançado de informática, a possibilidade de também ter uma página pessoal na internet e realizar postagens diárias.

Os *blogs* virtuais tiveram destaque e auxiliaram o surgimento de um quantitativo expressivo de páginas com relatos diários no ciberespaço. Isso transformou de forma significativa o ciberespaço, pois o ambiente virtual passou a ter cada vez mais manifestações por meio de relatos íntimos na internet.

No diário, seja ele físico ou virtual, é possível notar as narrativas de vida de seus autores, ou seja, os discursos das memórias descritas por meio dos diários. Na contemporaneidade, o indivíduo é chamado para conviver em outros espaços, não apenas o da escrita física, permitindo a manifestação desse sujeito em outros ambientes, como o virtual.

Para Blanchot (2005), o cotidiano é incerto e relatar suas experiências, seja de forma sequencial ou fragmentada por meio do diário, torna-se incompleto. O autor ainda exprime que é no espaço diarístico que o autor encara a sua intimidade, o que estabelece uma relação de autenticidade consigo mesmo: "O diário está ligado à estranha convicção de que podemos nos observar e que devemos nos conhecer"

(Blanchot, 2005, p. 275). A mentira descrita nas linhas seria uma maneira de mentir para si mesmo.

A prática de uma narrativa é uma característica essencial ao ser humano, tal como a constante procura por seu autoconhecimento. As narrativas escritas a partir dos diários, sejam eles manuscritos ou virtuais, permitem revelações, lembranças, sentimentos, recordações de uma vida, entre outras. A escrita permite uma transformação, no indivíduo, quando se permite explorar lugares em si, antes não percorridos, como analisa Blanchot (2011, p. 20): “O diário representa a sequência dos pontos de referência que um escritor estabelece e fixa para reconhecer-se quando presente a metamorfose perigosa a que está exposto”.

O autor ainda diz que o indivíduo, ao escrever, deseja manter a alegria e bom humor no momento de traçar suas linhas: "Talvez o que é escrito já não seja mais do que insinceridade, talvez seja dito sem preocupação do verdadeiro, mas é dito com a salvaguarda do evento" (Blanchot, 2011, p. 21).

A manifestação de si nos diários manuscritos nem sempre contém uma data, como fora dito por Lejeune (2014). O escritor mineiro Lúcio Cardoso externou por vezes seus projetos literários em linhas sem datá-los (Cardoso, 2012, p. 216):

Entre essas ilhas de noite e alvorada que se chamam passado e futuro, o hoje, o instante que nos faz respirar e nos possui entre seus dedos implacáveis, colore-se com a única tinta possível [...] somos apenas o ponto de encontro, confuso e tumultuário, das pobres sensações que conseguimos abrigar no coração

O autor continua explanando a respeito de seus pensamentos relacionados ao mundo no qual habita (Cardoso, 2012, p. 533):

Durante muito tempo procurei obter uma visão pessoal do mundo, e não consegui senão quando obtive uma visão pessoal de mim mesmo. (Não sei bem a quem possa interessar tais afirmativas, mas sou um homem eminentemente gratuito). Reafirmo, em vez de limitar o mundo por ideias falsas que seriam simplesmente adotadas por mim, apenas o limitei a uma expansão do meu ser, a uma dilatação interior que me garantiu um pleno conhecimento e uma avaliação mais ou menos autêntica do existente

Entende-se também que, no Pacto autobiográfico (Lejeune, 2014), a personagem não possui um nome em sua narrativa, isto é, quem está escrevendo não escreve seu próprio nome em suas linhas, apesar de ser totalmente perceptível ao

longo de seu texto como narrador. Ao escrever sua história, o diarista está narrando suas ideias e histórias naquele discurso, mas não assina como autor de seu discurso.

O espaço biográfico auxilia no engrandecimento do "mito do eu", assim como no narcisismo do indivíduo que tem nesses espaços possibilidades de se apresentar ao outro das mais diversas formas, tal como evidenciado por Arfuch (2010, p. 31).

O espaço biográfico, tal como concebemos, não somente alimentará "o mito do eu" como exaltação narcisista ou voyeurismo - tonalidades presentes em muitas de suas formas, mas operará, prioritariamente, como ordem narrativa e orientação ética nessa modelização de hábitos, costumes, sentimentos e práticas, que é constitutiva da ordem social.

A prática do diário também possibilita ao indivíduo se manifestar, ver e ser visto nesses espaços biográficos, como também ter a oportunidade de interagir com o outro. Mesmo que uma narrativa seja breve e fragmentada, sempre existe o sentimento do autor ao escrever suas linhas públicas e deixar transparecer seu sentimento, sua intimidade para o outro.

A intimidade no espaço privado se encontra de certa maneira disponível para ser vista pelo outro, comentada e compartilhada. Experiências, muitas vezes simples do dia a dia do sujeito, são compartilhadas para que sejam comentadas de forma que o outro participe ativamente de suas manifestações íntimas.

No diário, o indivíduo pode ter a sua criatividade despertada a todo instante, pois tem a perspectiva de libertar seus sentimentos antes reprimidos. Ao estar a sós com seu diário e ter a viabilidade da escrita, o diarista escreve o que está sentindo, muitas vezes, pelo fato de não se sentir constrangido e saber que não será julgado por um leitor. É possível que seus sentimentos sejam postos de forma livre no papel. Assim, o espaço da escrita se torna um lugar de intimidade e confiança para o sujeito, permitindo a multiplicidade de sentimentos, como analisa Arfuch (2010, p. 21):

Evidenciou-se a pertinência de considerar essas formas não só em sincronia, mas em intertextualidade: mais do que um repertório de ocorrências, impunha-se uma articulação que outorgava sentidos, um *modo de olhar*. [...] como princípio ordenador, a ideia de um espaço *autobiográfico* se revelou altamente produtiva, enquanto horizonte analítico para dar conta da multiplicidade, lugar de confluência e circulação, de semelhanças de família, proximidades e diferenças.

Os diários manuscritos íntimos buscam deixar suas impressões guardadas na memória para que não sejam esquecidas com o passar dos anos. Com o tempo,

outras formas de manifestação aparecem pleiteando o mesmo espaço, como as entrevistas, os *reality shows* e os *blogs* (Arfuch, 2010).

A prática da escrita em diários surgiu a partir do momento em que o sujeito passa a sentir solidão (Arfuch, 2010), e utiliza a escrita como meio de se manifestar sobre eventos da sua vida. Essa manifestação de si ocorre em momentos rotineiros ou em acontecimentos mais significativos.

No ambiente *on-line*, o sujeito contemporâneo consegue ter a oportunidade de ter a voz ativa no seu espaço biográfico, seja este espaço uma mídia social na qual todos os indivíduos irão interagir, trocando mensagens entre os integrantes ali presentes, ou em um *blog* íntimo onde este indivíduo também poderá vir a ter uma interação social com algum visitante do seu *blog* virtual.

Utilizava-se na redação tanto o emprego de pseudônimos quanto o anonimato com a finalidade de o autor não ter seu nome revelado no texto. Durante o século XVII, essa realidade se modificou. O leitor passou a se interessar pelo autor da obra, tal como frisado por Lejeune (2014, p. 53):

A problemática da autobiografia aqui proposta não está, pois, fundamentada na relação, estabelecida de fora entre a referência extratextual e o texto [...] Ela tampouco está fundamentada na análise interna do funcionamento do texto, da estrutura ou dos aspectos do texto publicado, mas sim em uma análise, empreendida a partir de um enfoque global da publicação, do contrato implícito ou explícito proposto pelo autor ao leitor, contrato que determina o modo de leitura do texto e engendra os efeitos que, atribuídos ao texto, nos parecem defini-lo como autobiografia.

Quando há a consolidação do capitalismo e de toda a ordem burguesa, no século XVIII, tem início a afirmação da subjetividade moderna por meio do cânone que são as confissões, as autobiografias, as memórias, os diários íntimos. O indivíduo passa a escrever textos de cunho autográfico, o que permite variadas obras manuscritas, como analisa Arfuch (2010, p. 28):

No século XVIII, com a consolidação do capitalismo e da ordem burguesa, que começa a se afirmar a subjetividade moderna, por meio de uma constelação de formas de escrita autógrafa, que são as que estabelecem precisamente o cânone (confissões, autobiografias, diários íntimos, memórias, correspondências), e do surgimento do romance "realista", definido justamente como ficção.

Ao questionar como se compõe atualmente o espaço biográfico, Arfuch (2010) o define como sendo das mais variadas formas. Pode-se encontrá-lo nas biografias

publicadas, nos filmes, no teatro intitulado como autobiográfico, nos *reality shows*, assim como nos diários íntimos.

O ser humano possui interesse na vida alheia, tem o desejo sobre o conhecimento da vida do outro, seja esse outro um indivíduo famoso ou não. Essa necessidade de exteriorização do íntimo - apenas uma das facetas da visibilidade democrática -, essa "[...] formatação" da experiência que os gêneros autobiográficos vinham justamente inaugurar" (Arfuch, 2010, p. 86).

O indivíduo contemporâneo compartilha quase a todo momento suas narrativas pessoais em seu diário *on-line* por meio de suas tecnologias digitais atualizando, assim, suas manifestações pessoais. O indivíduo está cada vez mais conectado ao mundo digital compartilhando sua intimidade com conhecidos e desconhecidos.

Atualmente, é possível o compartilhamento de narrativas além do ambiente doméstico estando esse sujeito conectado também a diversos ambientes. Toda essa hiperconectividade (Lipovetsky, 2004) do sujeito contemporâneo é relativa à constante conexão à internet, sendo que o indivíduo se encontra conectado aos dispositivos tecnológicos frequentemente.

A velocidade do pensamento do indivíduo contemporâneo se torna mais ágil ao utilizar recursos tecnológicos digitais móveis, como os aparelhos celulares. Ao se manifestar por meio de uma narrativa em uma mídia social, o sujeito contemporâneo tem a seu favor a velocidade e o instantâneo.

Observamos manifestações de si fragmentadas e frequentes atualizações de suas narrativas para continuar com o processo de ver e ser visto pelo outro. Para Lèvy (1996), a escrita sempre possui extensão em sentido capaz de ser realizada também em espaço *on-line*. Além de manifestar as emoções do indivíduo contemporâneo por meio de suas narrativas, essa prática auxilia o sujeito no que diz respeito à vivência em sociedade.

1.3 A invasão do espaço privado: os diários virtuais

Antes, as imagens das situações de relevância a respeito da vida do sujeito, como comemorações ou etapas marcantes da vida, eram expostas por meio de fotografias impressas e até mesmo colocadas pela casa para apreciação das visitas ou guardadas em álbuns de fotografias impressos para fossem lembradas posteriormente. Em uma sociedade na qual a mídia faz parte da vida dos indivíduos,

a imagem ganha espaço nas mídias sociais. Hoje, podemos ver essas imagens no espaço virtual e o sujeito compartilhando o seu conteúdo no sentido de ver e ser visto.

Ao observarmos uma imagem postada em uma mídia social, podemos ver não somente um *post*, mas o sentimento vivido exatamente no momento da captura da fotografia em si. O passado já vivido se faz presente por meio de uma memória guardada em ambiente *on-line* e revivida sempre que ocorrer interatividade.

O sujeito contemporâneo publica suas fotografias e narrativas para se manifestar a respeito de suas vivências e emoções de maneira que o diário se tornou um instrumento por meio do qual o indivíduo traduz a sua intimidade, sem fazer oposição ao que será redigido por ele em sua particularidade.

Além da narrativa a respeito de determinado ocorrido em sua vida, postar uma imagem relacionada com essa narrativa produz veracidade ao texto do autor. Produzir uma memória com uma imagem somada a uma narrativa é trazer a verdade ao leitor.

O sujeito da época da Idade Média não se mantinha em evidência como ocorre na contemporaneidade. A discrição era mais bem vista e aceita pela sociedade daquele tempo. A visibilidade da intimidade, principalmente das moças de família, em público não era uma atitude bem-vista nas sociedades. No momento presente, contudo, o íntimo se torna evidente e muitas vezes atrativo para o sujeito contemporâneo.

O diário adquire a condição de objeto de escrita íntima, no qual o indivíduo expressa suas particularidades e confissões. A escrita em um diário tornou-se uma maneira do sujeito ter suas memórias registradas para que possa relembrar suas vivências ao reler seus escritos no futuro (Schittine, 2004).

Quando o indivíduo se dedica a escrever sobre si, ele pode vir a revelar sentimentos e emoções que antes estariam mantidos em sigilo. A ação da escrita, cuja intimidade muitas vezes se revela, constitui um vínculo entre o diarista e o leitor. Para Martins (2013), durante o processo da escrita diarística, o sujeito ainda pode vir a se questionar sobre a existência e necessidade do diário.

Todo esse exercício de escrita permite ao indivíduo um aprofundamento no conhecimento do seu próprio ser "[...] na criação literária a emergência de si mesmo, num processo contínuo de autoconhecimento" (Martins, 2013, p. 129).

Sendo o diário um espaço particular, no qual o sujeito manifesta seus sentimentos e suas ações, não se torna possível assegurar a veracidade por parte de

quem realiza a leitura do que está escrito em suas linhas, visto que o diarista pode escrever no sentido de se preservar.

Schittine (2004) diz que, ao escrever de forma manuscrita em um diário, o diarista tem seu texto guardado de maneira que somente será lido por ele próprio e, conseqüentemente, seus segredos preservados (Schittine, 2004, p. 79):

O diário escrito no papel funciona como um texto guardado em arquivo. É como aquele velho volume escondido em algum canto da biblioteca que apenas o bibliotecário sabe onde está. Em alguns momentos ele consulta aquele arquivo, lê alguns trechos, lembra o quanto gosta deles e coloca-o de novo lá onde ninguém pode encontrá-lo. O diário implica um contrato de cumplicidade com seu autor: só "ele" sabe o que o diarista tem a dizer, e só o diarista sabe onde "ele" está. É um segredo guardado por ambos.

A princípio, a escrita diarística física não necessita da interatividade, assim dizendo, a relação do diário íntimo ocorre entre o sujeito e o seu diário. Ao escrever, o indivíduo está realizando anotações para si, relatando algum fato ou escrevendo sobre algum sentimento vivido, não necessita de interação com outra pessoa.

Ao anotar linhas em um caderno, o indivíduo realiza manifestações de si por meio da escrita, elabora linhas sobre seus sentimentos ou anota fatos ocorridos que marcaram de alguma forma sua vida. Quando o sujeito escreve em um diário virtual, existe a exposição do mundo *on-line*, o que leva esse sujeito a receber comentários em seu *post* ocasionando, assim, a interação nas mídias sociais e a manifestação de respostas de ambos os lados, isto é, de quem escreveu no diário e de quem respondeu sobre o texto lido.

O indivíduo contemporâneo possui curiosidade sobre a vida do outro, não importando é uma celebridade conhecida por todos ou apenas um sujeito anônimo. O interesse pelo alheio se torna evidente, como analisa Schittine (2004, p. 85):

É essa curiosidade pela vida alheia e a aproximação da vida dos leitores com a dos diaristas que tem acelerado a difusão e a aceitação dos escritos íntimos na internet. Esse interesse tem se ampliado de tal modo que não é necessário que o diarista seja uma pessoa famosa na vida real para que consiga arrebatar uma legião de leitores ou espectadores interessados em sua vida virtual. Basta que o diarista seja, em muitos pontos, parecido com seu público-leitor.

Ao escrever um diário de cunho particular, o diarista não tem como destino o público leitor, pois escreve suas particularidades e intimidades, muitas vezes, de maneira confidencial sem objetivar a leitura alheia até mesmo de alguém em quem

confie. O diarista não escreve para os outros, mas para si, objetivando o registro daquele acontecimento ou sentimento exposto.

Ao escolher o ambiente *on-line* como forma de manifestação de si, o indivíduo contemporâneo utiliza as mídias sociais como forma de se manifestar, tendo o conhecimento de que está sendo observado e lido pelo seu público-leitor e isso permite que esse sujeito esteja exposto no ambiente virtual compartilhando as informações por ele mostradas nesse ambiente de maneira espontânea.

A intimidade que antes se fazia restrita aos diários íntimos, por sempre estarem dentro de gavetas acessíveis somente ao diarista, agora se torna pública por meio das mídias sociais e dos *blogs* na internet.

As confidências e os sentimentos expostos pelo indivíduo nas linhas dos cadernos manuscritos agora podem ser lidos e comentados além de compartilhados por outros usuários da rede em páginas de diários virtuais.

O diário sempre funcionou como um acúmulo de memória pessoal de uma fase da vida de quem escreve. Formas tanto de pensar quanto de agir que levaram aquele indivíduo a escrever e refletir sobre as linhas. De acordo com Schittine (2004, p. 131):

Todas essas coisas são pequenos fragmentos de memória que, no exato momento em que estão sendo criados não parecem guardar a quantidade de informação que terão alguns anos depois. O diário tradicional é um traço, uma folha de papel que foi escrita naquele dia e em nenhum outro. É - com todos os seus croquis, passagens, fotos e cartões-postais - um relicário, um belo objeto de lembrança.

A transição do diário físico para o *on-line* requer a eliminação de um alicerce perceptível para o diarista, visto que, com o diário de papel, o indivíduo pode ter acesso às lembranças manuscritas por ele. Já no diário *on-line*, o processo se desfaz a quase todo momento:

Em vez de estarem lá, espessas em suas mãos como um livro, dançam num vazio que ele não consegue dominar. O interessante é que o diarista passa a confiar seus pensamentos ao computador - onde reescreve e reordena seu texto -, o que torna cada nova versão independente e diferente das anteriores. Cada nova versão só passa a existir em detrimento da anterior, que para isso precisou ser apagada (Schittine, 2004, p. 133).

A autora ainda diz que, quando o diário manuscrito é passado para o mundo virtual, a versão original é perdida. Na versão *on-line*, os escritos são refeitos a todo momento (Schittine, 2004, p.134):

O computador e seu mundo virtual provocam no diarista uma grande insegurança com relação ao controle que ele pode exercer sobre seu arquivo pessoal. Ao contrário do que se possa pensar, o fato de o indivíduo se preocupar tanto com a possibilidade de perder suas notas biográficas só faz com que ele cada vez mais confie sua vida pessoal a uma máquina que, na verdade, é um armazenador artificial de memória.

Ao escrever, o autor cria a memória em seus escritos. No diário virtual, ele expõe suas lembranças ao leitor de modo que quem estiver fazendo a leitura dessas linhas também fique interessado nas memórias. Contudo, existem diferenças em relação à escrita na Internet e a escrita direta no papel, como é explicado por Schittine (2004, p. 139):

Quando a escrita é feita no papel, os diaristas pensam naquele registro como um instante fugidio para o qual nunca poderão voltar mesmo que depois decidam interferir nele. A reflexão é o conjunto de momentos anteriores em que se pensa no que se quer escrever no papel. É possível refletir um pouco antes de escrever, no dia anterior, mas a partir do momento em que se escreve, a reflexão póstuma está lá, marcada no corpo do texto, pelas rasuras e pelas notas de canto de página. [...] Se o diarista retoma o papel que já escreveu, pode ver nele as marcas de suas dúvidas, suas questões e suas mudanças de opinião, e isso também é uma forma de reavivar a memória.

Todavia, na escrita *on-line*, o diarista encontra diversos mecanismos de escrita que permitem outros tipos de formato ao escrever (Schittine, 2004, p. 139):

No entanto, como a escrita eletrônica estica ao infinito os tempos de reflexão e releitura, o texto nunca encontra uma chance de manter o seu estado original. Ou seja, é possível voltar quantas vezes for preciso ao texto e mudá-lo, voltar a refletir sobre ele, sobre que pedaços acrescentar e quais tirar sem que, no entanto, as rasuras fiquem marcadas no corpo do texto.

Durante o período da pandemia da Covid-19, quando todos precisaram se isolar devido ao alto nível de contágio do vírus, foi possível observar manifestações do sujeito contemporâneo no Instagram. Essas manifestações tinham cunho íntimo e pessoal, de teor emocional condizente com a angústia vivida no período pandêmico.

1.4 A realidade fictícia da intimidade no Instagram

A prática da manifestação de si por meio da escrita nos diários íntimos possibilita ao indivíduo conhecimento aos seus sentimentos, por vezes mais profundos. Por meio das narrativas, o sujeito tinha companhia e distanciava a solidão,

narrativas estas que falassem de si. Ao realizar uma narrativa de si, o indivíduo passa a se conhecer mais e melhor. Quando o sujeito faz sua narrativa, ele relata vivências que de alguma forma se fizeram importantes sobre seu passado, assim como seu presente. O sujeito busca em sua memória sua narrativa seja num passado longínquo ou em um presente recente.

No contexto atual, o narrador compartilha suas memórias, muitas vezes em tempo real com o leitor, permitindo o compartilhamento e interação do conteúdo exposto. Como explica Sibilia (2016), as narrativas a respeito do sujeito contemporâneo no ambiente *on-line* possuem mais fragmentação e informação a respeito do conteúdo postado pelo indivíduo.

Arantes (2014) também analisa que as imagens no espaço midiático são um instrumento para que o indivíduo faça parte do círculo social contemporâneo. Estando presente nas mídias sociais como narrativa, embora fragmentada e conversando com o passado, possibilitam uma maneira de falar a respeito de si e, conseqüentemente, ocorre a interação *on-line*.

Há tempos vive-se a espetacularização de nós mesmos nas mídias sociais, mas na última década isso se acentuou muito. As tecnologias digitais contribuem para esse processo, porém não são o fator causador do narcisismo - que é o indivíduo que admira a sua própria imagem de forma exagerada - existente na era digital.

O aparelho celular, com diversos dispositivos quase sempre disponíveis a todo instante ao usuário, permite que o indivíduo tenha acesso à internet a qualquer horário do dia. Todos esses fatores potencializaram a exposição do sujeito contemporâneo na internet.

Ao mencionarmos o espetáculo envolvendo o indivíduo, encontramos os estudos de Guy Debord (1997) a respeito da sociedade do espetáculo. O autor precedia uma sociedade *voyeurista*, com interesse na vida alheia a partir dos meios de comunicação produzindo uma vida de exibição, isto é, o espetáculo, o que noutro era real. Assim como Debord (1997), Sibilia (2016) aborda a temática sobre a intimidade como espetáculo.

O que antes era chamado de intimidade, uma vez que se encontrava no espaço privado do indivíduo, ao qual somente ele tinha acesso, agora se encontra disponível para todos que quiserem observar, compartilhar, assim como interagir. Tudo isso se tornou um espetáculo, segundo analisa Sibilia (2016, p. 126):

Hoje é colocada em questão a primazia da vida interior, uma entidade que desempenhou um papel fundamental na conformação subjetiva moderna. Fatores como a visibilidade e as aparências - ou seja, tudo aquilo que costumava ser avaliado como a enganosa exterioridade do *eu* - balizam, com uma insistência crescente, a definição do que é cada sujeito. Ao mesmo tempo, estaria se esvaziando aquele denso acervo alojado nas profundezas da alma humana, considerado essencial e verdadeiro, embora invisível aos olhos. Ou, pelo menos, seus antigos brios perdem intensidade, reclamam menos cuidado e atenções, em proveito de outras regiões do *eu* que subitamente se iluminam atraindo todos os olhares.

O "eu" torna-se a *selfie*. O autorretrato de si, que o indivíduo divide com o outro, por meio do ambiente virtual, os seus gostos, suas ações, seus desejos, expõe o que está pensando, como está agindo e até mesmo os locais onde está frequentando. A vida figura como um verdadeiro espetáculo diante das imagens que são mostradas nas mídias pelo próprio indivíduo.

O Instagram é uma mídia social criada em outubro de 2010, pelos engenheiros de programação Kevin Systrom e Mike Krieger (Aprobato, 2018), que permite o compartilhamento com o sem filtros de fotos, vídeos e mensagens. Nela, é possível compartilhar opiniões, encontrar amigos, interagir com a sociedade, seguir perfis de conhecidos e desconhecidos e ser seguido por outros perfis da mesma forma para ver e ser visto. O usuário dessa mídia determina uma relação de constante interação com os outros usuários. O Instagram se transformou em uma plataforma de publicação de conteúdo, leitura, como também de compartilhamento de postagens entre os usuários. O autor se torna responsável por suas publicações, sejam elas pontuais ou cotidianas.

O hábito das *selfies* se tornou frequente pelos usuários do Instagram, as imagens postadas com cenas do dia a dia são frequentes nessa mídia social. Os compartilhamentos de fotografias pessoais, assim como as interações ocorridas em rede, fazem parte do ver e ser visto. As interações por meio das postagens, possibilitam trazer sentimentos e conversas relacionadas às *selfies*.

Quando o sujeito faz uma postagem de uma imagem em uma mídia social, mais especificamente no Instagram, na maioria das vezes ela vem seguida de um texto, seja curto ou longo. Nessa imagem, aparece o local onde o indivíduo esteve - ou está naquele exato momento -, o que está fazendo, o que está comendo, com quem está e diversas outras informações.

Com isso, todos os "eus", todos os indivíduos se tornam relevantes. Até mesmo quem não é uma celebridade tem a possibilidade de ser visto em sua página pela internet. Quase todos querem se manifestar de alguma forma na mídia.

As imagens postadas nas páginas de uma mídia social exibem a vida cotidiana do indivíduo com propósito de perpetuar, como também imitar o acontecimento reproduzido (Eckert; Rocha, 2001). Os *posts* que o sujeito publica para que o outro observe, tenha acesso - visualize, curta e comente-, são anteriormente escolhidos pelo indivíduo. Vale frisar que, anteriormente, o sujeito escolhia as fotografias a serem impressas e colocadas à exposição no álbum impresso de família.

Há uma espetacularização do indivíduo no universo da internet, pois a opinião do outro se torna relevante, sendo que quase todos precisam visualizar o que foi postado. Quando há um *show* sem público não existe significado, ou seja, quando a exibição de um indivíduo no espaço da internet necessita de um retorno de quem está no mesmo ambiente virtual, existe a necessidade do espectador. O mesmo ocorre nas mídias sociais, visto que é preciso ter performance. Sibilia (2016, p. 127) profere que:

Um deslocamento daquele psiquismo interiorizado para a pele e para os atos visíveis, do quarto próprio para a tela de vidro, da intimidade protegida pelas duras paredes do lar para uma *extimidade* bem editada. Considerando as dimensões e os incalculáveis efeitos dessas transformações, são insuficientes algumas tentativas, bastante habituais que procuram explicar a súbita exposição da intimidade na mídia, nas artes e no cotidiano como sendo apenas um aprofundamento de certo narcisismo sempre latente, temperado com atitudes igualmente eternas na condição humana como o voyeurismo e o exibicionismo.

As transformações na sociedade contemporânea vêm ocorrendo nas últimas décadas, mas agora estão muito em evidência. A imagem ganha destaque nas relações virtuais. O sujeito sente a necessidade de se manifestar constantemente no ambiente *on-line*. Pode-se dizer que existe quase uma urgência em exteriorizar seja a sua própria *selfie*, seja uma postagem de algo seu para que o outro possa visualizar.

Nesse contexto, desempenhando a manifestação de si perante a comunidade da qual pertence, o sujeito contemporâneo cria estratégias para viver em sociedade e produzir o olhar positivo do outro em relação a ele mesmo para que seja aceito no ambiente do qual faz parte. O ambiente da internet pode vir a ser um fator que agregue valor a essas estratégias, uma vez que permite ao sujeito alcançar a visibilidade às suas demandas.

Em comparação com as sociedades antigas, não era somente a imagem que definia o indivíduo, mas também – e principalmente - os seus valores. Hoje, o sujeito contemporâneo também é julgado pela sua aparência externa e estando essa imagem disponível nas mídias sociais com os mais variados filtros à disposição em *apps* e nas

mídias sociais, o julgamento não se torna real. Dependendo do nível social ao qual pertenciam, as mulheres do século XVIII eram julgadas pela sociedade de acordo com as roupas que estavam vestindo. Sennett (1943, p. 38) enfatiza que:

[...] quando alguém via que uma mulher estava vestida acima de sua condição, era considerado de simples boas maneiras ridicularizá-la, e até mesmo apontá-la aos estranhos como uma impostora. Esse opróbrio, no entanto, era um comportamento que, como as próprias roupas, tinha uma geografia específica: se alguém encontrasse uma pessoa vestida acima de sua condição numa reunião social que a primeira promovesse em casa, seria o máximo do mau gosto sujeitá-la ao tratamento que, nas ruas, esse alguém se sentiria no direito de infringir.

A cultura do indivíduo contemporâneo é narcísica a partir do momento em que ele necessita estar em contato com o espetáculo, ou seja, o ser humano sente a necessidade de estar se exibindo para o outro constantemente de ver e ser visto. Com a cultura digital, o indivíduo está cada vez mais exposto, torna-se mais trabalhoso omitir algo ou algum fato no mundo *on-line*. O que antes era considerado privado, agora se torna público, não apenas em função da observação alheia, mas também pela ação voluntária do próprio indivíduo em desejar se mostrar. Sibilia (2016, p. 305) analisa que:

[...] os canais interativos da internet hoje são utilizados, com graus crescentes de frequência e intensidade, para que cada um possa criar e manter a sua obra mais preciosa: um eu visível. De frente e perfil, sem limites de espaço nem de tempo, um barulhento festival de personalidades alterdirigidas, sempre em exposição e interconectadas.

O indivíduo se apresenta triunfante na maioria de seus *posts* no ambiente *on-line*, mas na realidade se encontra em solidão (Le Breton, 2001). O *eu* exposto nas mídias sociais está vulnerável grande parte do tempo e quando há a reprodução negativa de alguma imagem ou conteúdo postado por esse indivíduo, esse sujeito sente grande insatisfação.

Torna-se pertinente realçar que, apesar de haver uma enorme propensão em destacar o *eu* no mundo *on-line*, também existem motivos para entendermos que o sujeito dos séculos passados não tinha as mídias sociais como possibilidade de socialização e interação social por meio da internet como atualmente, isto é, ocorreram avanços. Por isso, existe o desejo em se mostrar neste ambiente.

As mídias sociais se naturalizaram entre os sujeitos contemporâneos e os indivíduos se habituaram a viver e conviver com o aparelho móvel. O celular já faz parte do cotidiano de quase todo ser humano e, muitas vezes, auxilia em seus afazeres.

A intimidade se torna progressivamente exposta por meio das mídias sociais, pois permitem que o indivíduo esteja com sua intimidade na mídia sendo divulgada, mesmo que voluntariamente. Sibilia (2016, p. 126) analisa que:

[...] após o desmoronamento daqueles muros que separavam os ambientes públicos e privados na sociedade industrial, torna-se visível nada menos que a intimidade de cada um e de qualquer um. Nesse quadro, o *homo privatus* se metamorfoseia e dá lugar às novas configurações da subjetividade contemporânea.

A privacidade contemporânea, pode-se chamar desta maneira, é a tensão que se faz presente com a diferença entre o público e o privado. O indivíduo não pode ter determinados tipos de comportamentos no espaço público, tendo em vista que há uma maior flexibilidade entre esses espaços.

2 EMOÇÃO E INTIMIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

A pandemia da Covid-19 foi marcada pela grande incerteza do ser humano quanto ao futuro e pelo constante medo da não sobrevivência diante do tormento que o mundo todo estava vivenciando.

A impossibilidade do convívio com outras pessoas, o fato de não poder sentir o toque das mãos de familiares e amigos, assim como não poder abraçar e estar perto em momentos tão incertos são aspectos que fizeram com que muitos indivíduos tivessem suas emoções alteradas de forma significativa.

Observou-se ainda a necessidade do cuidado com o corpo por meio da alimentação saudável, da constante movimentação por meio dos exercícios físicos, como também das vacinas, que possuem mais eficácia quando adotadas de forma coletiva.

O ser humano desde o seu nascimento está ligado ao mundo em que vive de maneira permanente por intermédio de suas emoções e sentimentos. Portanto, ele está sendo afetado emocionalmente pelos acontecimentos ao seu redor constantemente. Para Lê Breton (2019, p. 145),

[...] as emoções que nos acometem e a maneira como elas repercutem sobre nós têm origem em normas coletivas implícitas, ou, no mais das vezes, em orientações de comportamento que cada um exprime de acordo com seu estilo, de acordo com sua apropriação pessoal da cultura e dos valores circundantes.

Cada indivíduo reage de uma maneira a determinado fato no mundo e que, conseqüentemente, afeta de forma exclusiva o indivíduo ou uma coletividade como, por exemplo, uma enchente com grandes proporções quando a população que reside nas proximidades é atingida. O autor diz também que as emoções nas quais o indivíduo desempenha, variam conforme o meio social em que ele convive: "A emoção expressa pode estar em dissintonia com o sentir já que o indivíduo não deseja se expor e pretende responder aos seus companheiros por intermédio de uma série de sinais que exprimem outra situação" (Lê Breton, 2019, p. 178).

Contudo, isso não quer dizer que o indivíduo esteja em fingimento para com os demais, mas sim agindo com afeto e até mesmo educação em situações na sociedade que se fazem necessárias para um bom convívio em comunidade.

Quando se encontra em grupos, as emoções do indivíduo podem ser transformadas por estar sob o olhar alheio: "Eles se movem em outra dimensão de sua existência pessoal, experimentando um sentimento de força" (Le Breton, 2019, p. 207). Antigamente, o sujeito compartilhava momentos de sua vida íntima com todos os membros de sua família, uma vez que as moradias não possuíam privacidade entre os cômodos. No momento, o sujeito contemporâneo não vê de maneira positiva esse comportamento, assim como outros costumes da época.

Nas civilizações antigas, o indivíduo possuía costumes que hoje podem ser vistos pela sociedade como mal-educados como, por exemplo, sentar à mesa para fazer uma refeição junto aos demais e possuir hábitos de falta de higiene ou até mesmo de mau comportamento. O conceito de civilização é apresentado por Elias (1994, p. 21) como:

O conceito de "civilização" refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, as ideias religiosas e aos costumes. Pode se referir ao tipo de habitações ou a maneira como homens e mulheres vivem juntos, a forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. Rigorosamente falando, nada há que não possa ser feito de forma "civilizada" ou "incivilizada". Daí ser sempre difícil

sumariar em algumas palavras tudo a que se pode descrever como civilização.

Tudo pode se tornar civilizado ou estar em processo de civilização ainda, sendo algo que está em constante movimento, em evolução. Nesse sentido, a civilização pode ser vista como transformação do comportamento do ser humano, do indivíduo.

O indivíduo passaria a controlar seus instintos em relação à sua própria natureza, possibilitando a criação de sociedades mais evoluídas, no que diz respeito à convivência mais harmoniosa e pacífica entre os indivíduos. Todo esse processo de civilização norteador por Elias (1994) ocorre tanto para o ser humano, sendo indivíduo, quanto para a sociedade, que evolui também.

Com a evolução da sociedade, foram surgindo diferentes regras de boa convivência, permitindo um bom convívio entre os habitantes daquela comunidade. Contudo, como existe um constante movimento em evolução, ainda se percebem indivíduos em algumas sociedades que fogem às regras, seja na forma de se portar em público ou até mesmo ao se sentar à mesa.

A burguesia se reunia à mesa para realizar suas refeições e conversar sobre assuntos diversos, fossem importantes ou apenas para socializar. A maneira como a comida era servida e ingerida pelos convidados era normal para a época, como analisa Elias (1994, p. 80):

Todos tiram - ou mandam tirar - o que lhes agrada no momento. As pessoas se servem em travessas comuns. Os sólidos (principalmente a carne) são pegados com a mão e os líquidos com conchas ou colheres. Mas sopas e molhos ainda são frequentemente bebidos levando-se à boca os pratos ou travessas.

Para Elias (1994), é durante o período da Idade Média que se torna possível saber mais sobre o que é aceitável sobre o comportamento social. Naquela época, o ato de comer e beber era um fator de maior importância. Era o ato do convívio entre as relações pessoais, as conversas entre os indivíduos.

Existiam os poemas chamados de "mnemônicos", que objetivavam as boas maneiras à mesa. Por meio dos poemas, tornava-se mais fácil a assimilação das práticas de boas maneiras perante à sociedade entre os sujeitos.

A mudança na sociedade ocorreu de forma gradativa, o comportamento do indivíduo foi se modificando aos poucos. O uso de talheres durante as refeições, por

exemplo, tornou-se um hábito, com o tempo e a evolução das sociedades, o sujeito passou a se acostumar aos novos costumes em grupo.

Determinadas sociedades já se encontram em um processo civilizatório avançado e não necessitam de tantas regras, tendo em vista que os cidadãos daquela comunidade já se respeitam. Quanto mais uma sociedade se encontra civilizada, menos ela necessita de regras, pois já se adequa aos padrões.

A preocupação em possuir boas maneiras existe para que o indivíduo possa se elevar socialmente. Elias (1994) diz, ainda, que o sujeito não precisa estar relacionado com uma classe social determinada, tanto a nobreza quanto a educação não necessitam de títulos.

Naquela época, não existia preocupação em relação ao corpo sem vestimenta. Não havia pudor entre as crianças que transitavam nuas antes de se banhar. A vergonha era o divisor de águas para que a roupa fosse implementada entre os quase adolescentes. Existiu uma transformação de atitude nas relações entre os sexos.

O instinto da agressividade também foi se transformando ao longo do tempo. Anteriormente, a crueldade imperava entre as sociedades; vencida o indivíduo de maior força física, era a dita "lei do mais forte". As tomadas de decisão eram realizadas por meio de duelos entre os sujeitos que somente se encerravam com a morte de um dos indivíduos.

Com a evolução das sociedades e, conseqüentemente, das regras, a força física saiu de cena e deu lugar às boas maneiras. As palavras são utilizadas como forma de manifestação de si até mesmo em situações de violência (verbal). Elias (1994, p.190-191) explica que essa força: "Foi tão transformada, "refinada", "civilizada" como todas as outras formas de prazer, e sua violência imediata e descontrolada aparece apenas em sonhos ou em explosões isoladas que explicamos como patológicas".

Para o autor, este tipo de reação em alguns indivíduos é de ordem patológica. Ele ainda mostra como Freud (1921/2011) evidencia que nossas ações estão em nosso inconsciente e que o sujeito consegue frear seus instintos primitivos pelo fato de não estarem corretos perante a sociedade. Caso cada ser humano tivesse a atitude que lhe aproovesse, todos viveriam em caos.

Com o advento da internet, também passou a existir a necessidade de se ter boas maneiras no mundo virtual, no ambiente tecnológico, tendo em vista que a sociedade também requer regras de etiqueta no ciberespaço.

2.1 Ditadura da felicidade

A pandemia do coronavírus afetou o indivíduo contemporâneo das mais variadas formas. Ao terem de ficar isolados em casa, sem contato físico com as demais pessoas e com as incertezas impostas pelo vírus, os corpos foram afetados, em diversos aspectos. Muitas pessoas, ao se perceberem no ambiente doméstico com a restrição do ir e vir imposta, tiveram a possibilidade de ter contato com o seu próprio eu, o seu interior.

Muitos ficaram sem emprego e quem ainda possuía uma renda fixa teve sua demanda de trabalho aumentada, pela ausência de profissionais. Muitas pessoas perderam seus empregos, o que gerou uma sobrecarga tanto de trabalho quanto mental, sendo necessário lidar com situações do seu cotidiano somadas com as tarefas e demandas de sua casa.

Apesar de toda essa demanda, a internet contribuiu com a socialização durante a pandemia. As mídias sociais, porém, demonstram uma felicidade do sujeito que nem sempre é verdadeira, pois o indivíduo quase sempre demonstra estar feliz, compartilhando poucas vezes momentos difíceis de seu dia a dia.

Em se tratando de uma postagem de uma celebridade no Instagram, o discurso narrado pode vir a afetar o leitor das mais variadas formas. Muitas vezes a narrativa de um personagem conhecido agrega valor: As celebridades cumprem papéis de "heróis", com histórias de vida "cheias de batalhas e superações", e sempre prontas para um novo "combate" (Aprobato, 2018, p. 161).

O seguidor constantemente é motivado pela história narrada de seu ídolo, mesmo enfrentando mais adversidades em sua vida. Como a autora ainda reitera, essas imagens e narrativas vindas de celebridades influenciam os indivíduos muitas vezes se tornando a verificação da vida alheia em hábito constante, assim como existe a necessidade de curtir e compartilhar seus *posts*, como menciona Aprobato (2018, p. 161):

A compulsão da comida, digamos, muitas vezes assume a forma de compulsão por exercícios, ou por alimentação saudável, ou por culpa ou por ficar com olhos e dedos no celular acompanhando o desenrolar das vidas das celebridades e de suas redes, como um desejo secreto inconsciente de viver como se fosse sua vida.

Sendo, portanto, as postagens e narrativas de seus ídolos quase uma regra a ser seguida. Durante a época pandêmica, a felicidade se mostrou por vezes, na mídia social, de forma que o indivíduo deveria estar feliz a qualquer custo em determinados perfis. Alguns sujeitos mostraram que o seu cotidiano estava sendo minimamente afetado pela Covid-19, ao passo que outros perfis mostravam o que, de fato, ocorria.

Determinadas pessoas compartilhavam a realidade vivenciada no período pandêmico, suas angústias, aflições, medos e incertezas relacionadas ao futuro, assim como compartilhavam suas dores, enquanto outras demonstravam uma realidade mais superficial em relação ao isolamento.

O barulho do silêncio ou até mesmo o vazio da casa podem despertar sentimento de vazio no indivíduo. A sensação de vazio, que muitas vezes o sujeito sente, pode ocorrer pelo sentimento de fracasso. No referido período, diversos indivíduos puderam compartilhar essa experiência por meio das mídias sociais.

Ao se ver sozinho e isolado fisicamente durante uma pandemia, o sujeito pode deixar vir à tona sentimentos que antes não eram permitidos por ele mesmo, como, por exemplo, solidão, angústia, depressão, ansiedade, entre diversos outros.

Ao permitir sentir e expressar esses sentimentos, o indivíduo demonstra em seu corpo as reações relacionadas com cada sentimento. É possível perceber como o corpo do ser humano reage às emoções vivenciadas por ele mesmo. Ao ter uma crise de ansiedade, o sujeito pode vir a ter o coração acelerado, respiração ofegante chegando a ter uma sensação de infarto, porém sendo uma crise de ansiedade. Ao falar do sentimento de emoção, conseqüentemente, falamos do corpo e de seus signos. Le Breton (2001, p.171) destaca que

[...] é difícil falar de emoções sem falar do corpo. Estas, em sociologia ou antropologia, frutos da observação e análise das relações sociais, não estão separadas do seu suporte, seu veículo expressivo, o corpo. Este da mesma maneira, não se separa da pessoa, do ator social, do indivíduo real, concreto histórico. Emoção não é substância, entidade que antecipa ou contradiz as ações humanas, mas sim uma dimensão da vida afetiva que se modifica constantemente por conta da infinidade de possibilidades de interação humana.

O corpo reflete os sentimentos vivenciados por meio do convívio do indivíduo com a sociedade, assim como com os demais sujeitos em sua comunidade. Freud (1921/2011) declara que o indivíduo estabelece relações em grupo de acordo com os interesses de seus membros, seja no mundo virtual, seja de forma presencial.

A cibercultura fortalece o processo de conexão na rede constante entre os indivíduos, como também a visualização da intimidade para o público. Todo esse processo pode estar relacionado à constante visibilidade do "eu". O autor ainda reitera que, assim como nos sonhos do sujeito, as imagens e a forma de discursar mostram o que existe de belo, intensificando as relações.

As relações entre os indivíduos no dia a dia, a atribuição do corpo assim como de suas relações entre sociedade e demais indivíduos permite um ponto de vista harmônico. Mauss (1934, p. 408) explica que

[...] o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem é seu corpo. [...]. Essa adaptação constante a um objetivo físico, mecânico, químico (por exemplo, quando bebemos) é efetuada numa série de atos montados no indivíduo não simplesmente por ele próprio, mas por toda a sua educação, por toda a sociedade da qual faz parte, conforme o lugar que nela ocupa.

Isso significa que, quando utilizamos nosso corpo para realizar alguma atividade física, seja ela se levantar ou correr, isto é, algum movimento mecânico ou simplesmente para nos alimentar, o corpo físico alcançou o objetivo de atingir determinada finalidade.

Os indivíduos devem saber conviver de acordo com as regras estabelecidas para aquele grupo. Ainda assim, existem casos de desordem em algumas situações. A educação do sujeito rege suas ações perante a sociedade em que vive e convive com os demais indivíduos da mesma comunidade. Mauss (1934, p. 421) evidencia:

É graças à sociedade que há uma intervenção da consciência. Não é graças à inconsciência que há uma intervenção da sociedade. É graças à sociedade que há segurança e presteza nos movimentos, domínio do consciente sobre a emoção e o inconsciente.

O indivíduo contemporâneo também tem a possibilidade de se educar em sociedade por meio das regras estabelecidas na comunidade na qual habita. Isso permite a esse indivíduo ter seus hábitos e costumes orientados de acordo com as regras daquela sociedade.

Com a pandemia, não foi diferente. Foram criadas regras de boa convivência em sociedade para que todos pudessem viver de maneira segura em meio ao cenário incerto que todos estavam vivendo. Como em toda comunidade - e época da história

- também ocorreram casos de sujeitos contrários às regras que se comportavam com hábitos e costumes contrários ao estabelecido.

Era necessário que todos os indivíduos usassem máscaras descartáveis para que não transmitissem possíveis vírus; foi solicitado que apenas um indivíduo da família fosse ao supermercado para o abastecimento de sua residência. Assim, menos pessoas estariam circulando nas ruas e, claro, em caso de infecção do vírus, o sujeito deveria cumprir o isolamento total.

Com a pandemia, entretanto, esse sujeito se viu em suspensão, assim como o mundo inteiro ficou sem saber o que aconteceria, como seria o dia seguinte. O mundo ficou sem respostas e o futuro estava incerto para todos.

Ademais, muitos indivíduos, ao se verem isolados durante a pandemia, afastados fisicamente de todos os amigos e familiares, utilizaram aplicativos para realizar compras de diversos produtos, visto que não era possível ir às ruas. Com isso, o consumo de diversos tipos de itens aumentou.

Estando no ambiente doméstico, impossibilitado de sair com a frequência de antes para realizar qualquer tipo de compra, o sujeito se viu com o aparelho celular em mãos. O mundo virtual possibilitou o aumento do consumo entre as pessoas, pois, ao acessar o ambiente *on-line* para realizar uma única compra, o indivíduo realiza mais de uma aquisição. Esse fato gera um aumento no consumo e pode vir a gerar ansiedade no sujeito.

Ao realizar uma compra, esse sujeito sente a necessidade de compartilhar o seu consumo com seus amigos e familiares. Durante a pandemia, esse indivíduo utilizou as mídias sociais para tal feito. O ato de consumir para o sujeito contemporâneo reflete na interação social nos grupos na web, tendo em vista que transmite imagens do objeto de consumo e permite narrativas no ambiente utilizado.

Ao consumir, o indivíduo comunica algo a respeito de si, seus hábitos e valores (Douglas; Isherwood, 2004). Até mesmo firmado valor ao objeto de consumo, como um aparelho novo de celular iPhone, pode vir a expressar a identidade do sujeito na mídia social. Existe uma inquietação em possuir o objeto de consumo e a sua real necessidade de uso.

Utilizar o Instagram e interagir nessa mídia por meio de publicações de fotos e mensagens é uma maneira de validar a identidade do sujeito contemporâneo como um costume social, em que a interação do outro indivíduo é fator primordial nesse contexto. Portanto, o próprio sujeito realiza *posts* com fotos que correspondam à

expectativa do outro para ser aceito no seu círculo social objetivando a aceitação no ambiente *on-line* do qual faz parte.

No fim da Segunda Guerra Mundial, aconteceu um grande crescimento econômico, o que gerou um significativo aumento no poder de consumo. O indivíduo passa a consumir de forma mais abundante, o que lhe conferia um *status* social de poder. Lipovetsky (2010, p. 100) salienta que

[...] comprar o que dá prazer e não mais apenas aquilo de que se precisa já não é apanágio das camadas privilegiadas, mas, pouco a pouco, das próprias massas. [...] O supérfluo, a moda, os lazeres, as férias tornaram-se desejos e aspirações legítimos em todos os grupos sociais. Os gostos pelos bens duráveis favorecendo a privatização da vida (televisão, automóvel), vão fazer furor.

O ato de consumir, para muitas pessoas, pode ter se tornado um tipo de consumo emocional (Gilles Lipovestky, 2010). O sujeito consome para obter sucesso e se destacar entre os demais membros de sua comunidade.

Ao realizar uma compra, o sujeito pode vir a se sentir satisfeito e com sentimento de calma. O sentimento de satisfação ao efetuar uma aquisição pode vir acompanhado de ansiedade, o que leva a mais compras.

Esse tipo de consumo também pode levar o sujeito à constante insatisfação em relação aos produtos ou serviços adquiridos, sabendo que estão em constante renovação no mercado. Para Lipovestky (2015, p. 198):

[...] os produtos já não se limitam a funcionar eficazmente, mas devem despertar o prazer dos sentidos, oferecer uma qualidade sonora ou olfactiva, fornecer um suplemento de realidade táctil, favorecer uma experiência sensitiva e emocional

O sujeito contemporâneo consome cada vez mais produtos e serviços variados em razão de criar necessidades existentes pelo próprio capitalismo de consumo. Vale ressaltar que existe um crescente descontentamento por parte desse indivíduo.

Para Lipovestky, a sociedade contemporânea incentiva o indivíduo ao hiperconsumo, na medida em que disponibiliza acesso aos produtos e serviços de forma facilitada ao consumidor. Essa facilidade contribui mais ainda com o consumo do sujeito que tem a necessidade de suprir o seu prazer em comprar, em consumir.

2.2 Os corpos e as interações durante a pandemia

A pandemia da Covid-19 afetou psicologicamente o indivíduo em um contexto de saúde mental, em que o sujeito foi atingido pelo isolamento e falta de contato com outras pessoas. Durante a quarentena, muitos indivíduos sofreram com insônia, falta de contato com outras pessoas, fobia do futuro, ansiedade, entre outras emoções referente ao confinamento.

A Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) organizou cartilhas de amparo à população nas quais abordou temas relacionados ao comportamento e o cuidado durante o isolamento, principalmente dos mais vulneráveis como crianças e idosos. As orientações para a população dizem respeito ao cuidado à saúde mental do indivíduo como, por exemplo, não consumir tantas notícias de caráter sensacionalista e até mesmo evitar tantas atualizações sobre o número de mortos sobre a Covid. Manter a mente e o corpo ativos por meio de atividades dentro do isolamento, assim como permanecer em contato com outras pessoas de forma *on-line*.

Quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou o isolamento social no dia 11 de março de 2020, nem todos puderam permanecer isolados por questão de sobrevivência. O indivíduo saía de casa para buscar o sustento de sua família ou não havia o que pôr na mesa. Muitos trabalhadores informais tiveram que enfrentar a rotina de se expor diariamente ao possível contágio ao vírus para não ficar sem o seu sustento.

O ser humano tem a necessidade de falar, de se comunicar, de expor seus sentimentos e emoções e de se movimentar. Com a pandemia da Covid19, contudo, houve a necessidade do isolamento e do autocontrole, uma vez que o indivíduo passou a ter que lidar com a falta de contato físico com as demais pessoas de seu convívio.

Com a rotina alterada de todas as formas, muitos indivíduos se viram com a necessidade de implementar suas atividades de antes da pandemia à sua nova rotina, mesmo que aparentemente temporária. Determinadas pessoas passaram a realizar exercícios físicos no ambiente doméstico, outras aprenderam a cozinhar e algumas aprenderam um novo passatempo.

O período pandêmico provocou grande medo na população mundial pela grande incerteza, inclusive, das autoridades. Ninguém sabia o que aconteceria no

momento seguinte. Somente depois de passados alguns meses, que o cenário tomou forma.

O ser humano se viu frágil diante de tantas dúvidas quanto ao vírus e seu impacto no corpo, pois qualquer indivíduo estaria sujeito a contrair a doença independentemente de classe social, cor, raça ou credo, assim como o medo das possíveis reações do seu organismo em contato com o novo agente infeccioso.

Muitas pessoas passaram a cuidar mais de si, de sua saúde, a ter um cuidado maior com o seu próprio corpo, como também uma relação de cuidado com o espírito. A prática da meditação foi adquirida por alguns indivíduos como forma de passar pelo período do isolamento e permitir conhecer a si mesmo.

Por outro lado, para muitos, todo esse processo permitiu uma conexão consigo mesmo por meio de interações com o outro por intermédio das mídias sociais. Durante a pandemia, muitos indivíduos relataram sua angústia e solidão vividas durante o afastamento e recorreram às redes sociais.

A pandemia, ao mesmo tempo em que permitiu o aumento da interação social com o outro ser humano, por meio das mídias sociais, possibilitou a necessidade de autoconhecimento, pois o indivíduo teve mais uma vez a possibilidade de escrever sobre si. Tal indivíduo escreveu em um contexto pandêmico possibilitando conhecer a si ainda mais.

Com o isolamento e toda a angústia causada pelo vírus, o ser humano se viu diante de um cenário incerto. As pessoas buscaram como forma de manifestação de si a escrita. Assim, o ato de escrever pode vir a ser uma maneira de perdurar os seus pensamentos e emoções.

A escrita também foi uma forma que o sujeito contemporâneo utilizou como manifestação de si, em um período no qual a necessidade de desabafar sobre o atual cenário mundial se encontrava latente.

A escrita permite que determinado sentimento e/ou emoção seja perpetuado no momento em que foi escrito. A mídia social, por ser uma “vitrine” a partir da qual se pode expor pensamentos e emoções, possibilita a interação entre pessoas que se identificam entre si por compartilharem os mesmos sentimentos.

Com base no compartilhamento da escrita, como também dos sentimentos, seja em uma folha de papel ou em uma mídia social, os manuscritos do sujeito permanecerão guardados na memória.

As lembranças que foram compartilhadas estarão sempre em sua lembrança. Os tempos hipermodernos (Lipovestky, 2015) proporcionam ao sujeito contemporâneo o compartilhamento de suas lembranças a partir do ciberespaço. As mídias sociais possibilitam que haja além do compartilhamento de conteúdo, a interação entre indivíduos inseridos neste espaço.

Ao compartilhar um conteúdo na mídia social Instagram, além de consumir os conteúdos que estão disponíveis ali, podendo interagir por meio de comentários nos *posts* disponíveis, o indivíduo tem a possibilidade de publicar fotos ou vídeos, bem como compartilhar algum conteúdo, fosse por parte de alguns amigos ou de alguma página na qual é seguidor.

No Instagram, percebe-se a circulação tanto de imagens e fotos quanto de vídeos. Grande parte do conteúdo disponibilizado nessa mídia pode ser encontrado em outras páginas de mídias sociais, como também o compartilhamento de pequenos vídeos musicais ou com conteúdo humorístico.

Toda essa hipertextualidade que ocorre no ciberespaço possibilita novas formas de discurso no espaço *on-line* do Instagram na qual o sujeito manifesta suas narrativas possibilitando a interação entre os indivíduos. Cada usuário possui um *feed* de notícias do Instagram diferente - cronologia em que aparecem fotos e vídeos sugeridos pela mídia baseados nas pessoas e páginas seguidas pelo usuário - e esse *feed* nunca é o mesmo, está sempre atualizado, permitindo ao indivíduo uma constante navegação pela mídia.

Por vezes, as publicações entre mídias sociais diferentes ocorrem como, por exemplo, quando um usuário compartilha no Instagram um *post* anteriormente publicado em outra mídia social. A interação entre o Instagram e o indivíduo contemporâneo é cada vez maior, visto que por meio do aparelho celular o sujeito compartilha seu cotidiano de forma instantânea. Como Lèvy (1996), já havia mencionado a relação do leitor com o imediatismo da tela ocorre de forma mais intensa. Os aparatos tecnológicos se tornam um ferramental que auxiliam a interação entre os usuários.

Santaella (2014) profere que os discursos híbridos aumentam os debates a respeito das narrativas nas mídias sociais, visto que proporcionam outras formas de discurso, assim como facilitam outras manifestações de si como a imagem, oralidade, da mesma maneira que discursos multimídias.

Na concepção de Santaella (2010), existe essa conexão constante em que o indivíduo acessa à internet em qualquer local no qual esteja sem que precise de fios conectados, possibilitando o acesso à rede móvel até mesmo da rua.

Para o sujeito contemporâneo que está imerso no mundo virtual, a maior parte de sua comunicação, tanto com o mundo quanto com outras pessoas, é feita por intermédio da internet. O indivíduo vive em frequente atualização de notícias, interações, por vezes, trabalho e diversas outras demandas por meio do seu aparelho celular.

As urgências tanto com as atualizações constantes, quanto com os compartilhamentos das manifestações de si, geram narrativas fragmentadas nas mídias para que satisfaçam as necessidades do ver e ser visto pelo outro e se manter constante no início do *feed* alheio.

A memória é preservada mesmo ainda em tempos de grande consumismo. O indivíduo se manifesta no ambiente virtual de forma espontânea, muitas vezes deixando de lado os sentimentos de vergonha e timidez, fatores que anteriormente eram empecilhos para tal manifestação.

No momento, o fator timidez não impede o sujeito contemporâneo de se exibir no ambiente da internet. Percebemos o indivíduo contemporâneo seguro de si nesse ambiente, exibindo-se e sendo seguro de si.

O passado se torna presente por meio da memória, aparecendo em diversas situações no cotidiano do sujeito contemporâneo, seja por meio da cultura, seja por meio da história. Lipovetsky (2004, p. 87) explica que

[...] na sociedade hipermoderna, o modelo de mercado e seus critérios operacionais conseguiram imiscuir-se até na conservação do patrimônio histórico. Elemento do avanço do capitalismo cultural e da mercantilização da cultura, a valorização do passado é um fenômeno mais hipermoderno que pós-moderno.

Com o avanço do aparato tecnológico, tornou-se possível também o compartilhamento por meio da internet do que um dia foi história, sendo realizável, da mesma forma, o acesso ao passado. Anteriormente, somente era possível acessá-lo pelos livros, assim como nos espaços públicos dos museus.

A sociedade contemporânea é considerada individualista e admiradora do novo. Sempre que um produto é lançado no mercado, há uma tendência à compra, gerando mais consumo, muitas vezes desnecessário.

Na pós-modernidade, o indivíduo se torna autônomo, adquirindo a possibilidade de realizar suas próprias aquisições com o advento da internet. Torna-se possível, nesse contexto, ele mesmo acessar o mundo virtual e realizar a compra apenas com um clique. O sujeito contemporâneo passa, então, a assumir outro papel, o do autosserviço evidenciado por Lipovetsky (2010, p. 101):

[...] Autosserviço: por esse meio, o processo de despersonalização da relação comercial iniciado pelos grandes magazines com preço fixo e afixado transpõe uma nova etapa, uma vez que o contato entre a oferta e a procura é direto, livre da mediação do vendedor. Lógica de despersonalização que funciona igualmente como meio de autonomização do consumidor. De fato, eis o cliente entregue apenas a si, independente, livre para escolher, sem pressa, para examinar os produtos, comorar sem sofrer as pressões do comerciante. Não lhe vendem mais, ele compra

Por outro lado, com o avanço da internet, o consumo pode ser potencializado, e esse tipo de cenário, com aquisições constantes, pode vir a gerar um vazio no indivíduo, abordado como “A Era do Vazio” por (Lipovetsky, 2004, p. 24):

Assiste-se aí à extensão a todas as camadas sociais do gosto pelas novidades da promoção do fútil e do frívolo, do culto ao desenvolvimento pessoal e ao bem-estar - em resumo, da ideologia individualista hedonista. É o surgimento do modelo de sociedade pós-moderna descrito por *A era do vazio*, em que a análise do social se explica melhor pela sedução que por noções como a de alienação ou de disciplina.

Entretanto, a liberdade no ciberespaço oferecida ao indivíduo é, de certa maneira, ilusória, tendo em vista que existe todo um mecanismo de controle disfarçado. O sujeito continua a ser manipulado pelo sistema. Lipovetsky (2004, p. 20) especifica que:

Os mecanismos de controle não sumiram; eles só se adaptaram, tornando-se menos reguladores, abandonando a imposição em favor da comunicação. Já não usam decreto legislativo para proibir as pessoas de fumar; fazem-nas, isto sim, tomar consciência dos efeitos desastrosos da nicotina para a saúde e a expectativa de vida.

O controle continua a existir, ainda que a maneira de monitorar o sujeito contemporâneo tenha se modificado. Criou-se, então, uma nova forma de gerenciar o indivíduo na sociedade, assim como seu comportamento, suas escolhas e suas ações.

Segundo Han (2022), as informações e dados do indivíduo são analisadas para que se tenha o controle desse sujeito, ou seja, são os dados do indivíduo que fornecem as informações necessárias para a vigilância. No momento atual, é o próprio indivíduo contemporâneo que fornece seus dados, como explicita Han (2022, p. 9):

No regime disciplinar, a relação da visibilidade se inverte completamente. O que é feito visível não são os dominadores, mas os dominados. O poder disciplinar se faz invisível, enquanto aos súditos é imposta uma visibilidade permanente. Com isso, o acesso ao poder é assegurado e aos submetidos ficam expostos no foco da iluminação.

Quanto mais o indivíduo estiver conectado, comunicando-se, interagindo com outros sujeitos, compartilhando fotos em suas mídias sociais, atualizando seu status, informando sua localização, o que está fazendo, seus gostos e desejos futuros, mais esse sujeito está gerando dados e conseqüentemente sendo submisso à vigilância.

Em decorrência da visibilidade, da constante necessidade de o indivíduo querer ver e ser visto, o sujeito contemporâneo se expõe no ciberespaço de maneira voluntária.

Comparando o sujeito do século XIX ao sujeito contemporâneo, temos indivíduos completamente diferentes. Em meados do século XIX, o sujeito tinha nos livros sua fonte de informação e entretenimento, assim sendo, sua aptidão em focar era maior e melhor se comparado ao sujeito atual, visto que com as mídias tecnológicas disponíveis da atualidade o indivíduo tem acesso aos mais variados dispositivos e formas de recebimento de informação, podendo ter reduzida sua concentração.

As mídias de massa passaram a fazer parte da vida do indivíduo como uma forma de controle, visto que, o sujeito recebe a informação fornecida pelos meios de comunicação de forma passiva e aceita esse discurso, muitas vezes normalizando o seu tema, sem ao menos se questionar sobre o seu conteúdo, sem raciocinar, profere Han (2022, p. 20):

A tela de vigilância do Grande Irmão é substituída, na telecracia, pela tela de televisão. As pessoas não são vigiadas, mas entretidas. Não são submetidas, mas tornadas viciadas. A polícia do pensamento e o ministério da verdade são superficiais.

Portanto, quase todos têm acesso à mídia televisiva. O indivíduo não é vigiado, mas sim existe o entretenimento e a informação que, por vezes, figuram como fragmentados para que os indivíduos recebam somente parte do conhecimento disponibilizado à população geral, porém tenha a ilusão do aprendizado do todo.

Com todo aparato tecnológico disponível na palma das mãos, o indivíduo contemporâneo passa a receber informação por meio do seu celular: "No regime de informação, as pessoas não são telespectadoras passivas, que se rendem ao entretenimento. São emissores ativos. Produzem e consomem, de modo permanente, informações" (Han, 2022, p. 22).

O sujeito contemporâneo está quase o tempo todo informado por intermédio dos meios digitais, o indivíduo possui todo tipo de informação disponível na rede, o que leva a esse sujeito estar conectado às tecnologias para não deixar de ficar informado: "Estamos, hoje, aprisionados em uma caverna digital supondo estarmos em liberdade. Estamos agrilhoados na tela digital." (Han, 2022, p. 59).

O sujeito permanece conectado ao aparelho celular grande parte do seu tempo, seja para o trabalho ou como fonte de lazer, recebendo e transmitindo informações, interagindo com as notícias por meio de plataformas digitais, assim como com outros indivíduos de seu círculo de amigos ou desconhecidos.

2.3 Emoção e mídia na pandemia

Com a pandemia da Covid-19, o sujeito contemporâneo se viu com as emoções de maneira transformada, assim como toda a sua rotina em seu cotidiano. A maneira que o indivíduo se mostrava em seu dia a dia para o outro se modificou também.

Tendo sua rotina completamente alterada devido às grandes restrições impostas pelas medidas sanitárias, este indivíduo passou a compartilhar seus hábitos e costumes de outra maneira. Seu ambiente passou a ser compartilhado pelos seus laços de relacionamento, tendo suas emoções e interações manifestadas nas mídias sociais.

Muitos indivíduos compartilharam em forma de narrativas fragmentadas no Instagram seus desastres pessoais, sentimentos e que estavam vivenciando durante o período do isolamento. Narrativas a respeito do momento em que o mundo passava, tornaram-se mais frequentes nas mídias sociais. Cada indivíduo compartilhava sua

experiência ao contrair o vírus, outras expressavam sua opinião a respeito do momento no mundo, outros postavam fotografias de momentos durante a quarentena.

O sujeito contemporâneo utilizou as mídias sociais como forma de manifestar suas emoções durante a pandemia, fosse o seu sofrimento, fosse a forma mais branda de passar pelo momento. Outros indivíduos que possuíam o mesmo sentimento e opinião produziam outras narrativas por meio de interações na mídia. O espetáculo cada vez maior em torno do conteúdo da vida privada, o que gera o compartilhamento de fatos simples do cotidiano, promove o narcisismo no indivíduo.

Nessa conjuntura, todas as inovações tecnológicas permitem ao sujeito ter a atenção alterada, levando a possuir menos compreensão do mundo ao redor, de acordo com Haroche (2008, p. 16):

O divertir-se passou a ser conjugado com o ensurdecer-se, e ambos têm se declinado pelo isolar-se. Metamorfoseado, o sensível adquire autonomia como sensação, algo inédito até há pouco tempo, já que se mantinha regulado pelos códigos e rituais da consideração e da deferência

Para a autora, a constante perda de consciência do sujeito contemporâneo faz com que o pensamento desse indivíduo sofra uma alteração ao longo do tempo. Observou-se no espaço das mídias sociais manifestações de si relacionadas ao período pandêmico, assim como às vivências do sujeito durante aquele momento. As emoções do sujeito contemporâneo e as ações em sua intimidade, ganham audiência no espaço *on-line*, na medida em que o outro tem a necessidade do conhecimento do comportamento alheio.

O compartilhamento do sofrimento permite que o outro reaja e, com isso, interaja. Ao publicar uma fotografia ou *selfie*, que é uma confirmação do fato descrito, sobre sua emoção relacionada com algum tipo de sofrimento, o sujeito espera que o leitor comente algo sobre sua postagem. O que permite uma evidência nas mídias sociais desse sujeito é a fragilidade e autenticidade que esse indivíduo compartilha e voluntariamente expõe para conhecidos e desconhecidos.

Muitas vezes, ao se expor no espaço público, o indivíduo recebe ofensas por suas manifestações e, frequentemente, sofre com esse tipo de ação. É de direito de o ser humano ter o respeito à sua dignidade. Para Haroche (2008, p. 101),

[...] trata-se de questões antropológicas relativas ao que o ser humano aspira e pode aspirar, ao que pode suportar ou aceita suportar; comportamentos,

atitudes, gestos, opiniões que, se repetidos de modo sistemático, discreta e insidiosamente, podem atingir a autoestima e a dignidade da pessoa, bem como causar danos morais

A autora ainda esclarece que se torna clara uma divisão na sociedade. As conversas nas mídias se apresentam e mostram que de um lado estão os indivíduos que se exprimem de maneira mais amena e, de outro lado, sujeitos que se manifestam mais ativamente.

Tal divisão explicita que o ser humano tem a necessidade de estar junto, bem como cria grupos e comunidades com base em afinidades. Esses grupos existem pelo prazer de seus integrantes estarem unidos, compartilhando momentos em comum.

Os jovens sempre estiveram engajados em movimentos em prol da paz e da harmonia no mundo. Objetivando valores de amizade e harmonia, a juventude criou seu próprio movimento, o *movimento da juventude*. Buscando a cordialidade e a fraternidade, porém, com o tempo, tal movimento declinou para o culto ao chefe. Haroche (2008, p. 110) enfatiza que

[...] a pretensão ou aspiração à superação de si não é a mesma: não se trata mais do caráter atrativo e do bem-estar proporcionado pela vida numa associação ou num grupo profissional, da dedicação e da abnegação de cada indivíduo à sociedade, da renúncia moral a si mesmo. Trata-se antes da eventualidade do fanatismo e da radicalização, do culto ao chefe

O movimento que antes possuía um objetivo, como até mesmo o de satisfação pessoal, passa a ganhar outra forma. Nota-se um caráter maior de fanatismo e adoração, que antes não existia. Engrandecem a voz de comando em seus líderes: "Valorizavam a abnegação e a aptidão ao comando, a lealdade, qualquer que fosse seu conteúdo, assim como a devoção ao chefe" (Haroche, 2008, p. 111).

A autora ainda reitera a análise de Bauman sobre a sociedade contemporânea, visto que o indivíduo possui a necessidade de fazer parte de um grupo social, sendo isolados os sujeitos que não fazem parte de algum grupo, (Haroche, 2008, p. 116):

O desencaminhamento do espírito corporativo aparece como uma consequência inelutável da extensão da comunidade estética, que, reforçada por contínuas solicitações sensoriais, pela onipresença das telas nas sociedades contemporâneas, amplia o isolamento corporal e também o social e psíquico, a precariedade e psíquica dos indivíduos. As sensações contínuas atingem o corpo e sua representação, provocando o automatismo reflexo, a compulsividade e a falta de tempo necessário ao exercício do pensamento e da reflexão

O sujeito contemporâneo, ao se sentir isolado e sozinho, de fato não está, pois possui o mundo *on-line* para se manifestar, compartilhar seus sentimentos, ações e ainda interagir com outros indivíduos na mesma situação.

Para Le Breton (2018), após passar por algum tipo de esgotamento emocional como, por exemplo, uma pandemia, o indivíduo pode vir a não mais vislumbrar sua colocação no mundo.

O sujeito não consegue mais se reconhecer como indivíduo no planeta, permanecendo apenas fisicamente sem ali de fato se encontrar. Ele vai se desconectando aos poucos do mundo, ficando cada vez menos ativo no círculo social e, em razão da indiferença alheia, sente a necessidade de desistência: "A deserção é uma possibilidade de retirar-se de uma situação que parece sem saída" (Lê Breton, 2018, p. 22). Muitas vezes, esse indivíduo não consegue modificar sua situação.

O autor ainda se refere ao "branco" como sendo um desejo de impedir a corrente de pensamentos do indivíduo, como se o sujeito se tornasse um observador desinteressado. "O branco é um fechamento à situação, uma desaceleração da energia que impede a viver minimamente, e até mesmo uma interrupção, ou uma espécie de postura zen visando a um desligamento total (Lê Breton, 2018, p. 23).

Ao mencionar a indiferença desse indivíduo para com o mundo, "[...] ele abole o sentido da experiência para transformá-la em espetáculo, sem relação consigo" (Lê Breton, 2018, p. 39), tendo em vista que esse sujeito se torna indiferente aos demais, como também não interage com o meio social ao seu redor. Torna-se um sujeito que não está presente no convívio social (Lê Breton, 2018, p. 39):

A indiferença ao mundo e aos outros poupa qualquer investimento, mas expõe ao vazio. Fechamento narcisista, a indiferença se torna uma vontade de imobilidade, de fixação da duração para não ser engolido por relações não desejadas. O indiferente cria um universo único para si, autossuficiente. Prefere o mundo a distância, sem deixar se levar por seu fluxo. O de fora deixa de existir. A indiferença se torna uma forma de evasão.

Portanto, o indivíduo que se torna indiferente ao mundo também pode se encontrar com sentimento narcísico, por não desejar construir outras relações que possam não o agradar. Por isso, torna-se indiferente e adquire o sentimento de autossuficiência.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Esse capítulo objetiva tratar detalhadamente da pesquisa, apresentar a maneira como o sujeito contemporâneo utiliza as mídias sociais para se exteriorizar e como foi a manifestação de si por meio de relatos e narrativas em diários no período da pandemia da Covid-19. Assim como também engloba a descrição dos perfis @memoriasdocorponaquarentena e @memoriascovid19. Com narrativas sobre o período do isolamento social e a expressão das características de diário nos respectivos perfis.

Inicialmente, foi mostrado o objeto de estudo, a mídia social Instagram, com dados referentes ao seu surgimento e utilização por parte dos usuários. Em seguida, propomos uma discussão sobre a relação entre o indivíduo contemporâneo e as mídias sociais, como ocorre a visibilidade do sujeito no ambiente do ciberespaço e a interação social ocorrida por meio do ver e ser visto.

Sendo as mídias sociais um espaço de grande interação entre os indivíduos, o Instagram se tornou uma ferramenta de grande importância durante a quarentena pelo compartilhamento de narrativas de si além das interações.

A pesquisa se caracteriza como documental, uma vez que a análise foi realizada com base nos posts publicados nos perfis anteriormente citados. Nossa análise teve como procedimento a observação dos posts publicados no período mencionado com as narrativas de si a respeito do momento vivenciado, na qual analisamos a maneira como as manifestações de si ocorrem e também o isolamento social em decorrência da disseminação do vírus da Covid-19.

Os perfis analisados tratam da relação entre o sujeito contemporâneo e a manifestação de si nas mídias sociais durante a pandemia da Covid-19. O perfil @memoriasdocorponaquarentena tem por objetivo se tornar um documentário colaborativo a partir das narrativas recebidas sobre as experiências vivenciadas no isolamento social.

Com o objetivo de eternizar as narrativas de si sobre a pandemia da Covid-19 para as futuras gerações, o perfil @memoriascovid19 criou uma plataforma para o recebimento de relatos desse período. Além do perfil, o projeto também possui um documentário que reúne relatos sobre a perspectiva individual a respeito da pandemia.

Flick (2009) ressalta que a primeira maneira de trabalhar com os dados de uma pesquisa é reestruturar os panoramas e cenários sobre o tema. Após isso, é realizada a análise das atividades. Observamos a utilização dos usuários da mídia social Instagram utilizando esse espaço como ferramenta de manifestação de si durante a pandemia.

Nesse capítulo também apresentamos as categorias de análise a respeito dos posts publicados nos perfis analisados em nossa pesquisa e como análise dos dados foi utilizado a análise de conteúdo (Bardin, 1977), o que resultou em quatro categorias: "Reencontro consigo"; "Positividade no isolamento "; "Profissional de saúde na linha de frente " e "Ansiedade na quarentena ". Tais categorias auxiliaram a compreensão das manifestações de si nas mídias sociais durante a pandemia da Covid-19, conforme exposto no quadro:

Categorias	Temas
Reencontro consigo	-Ações humanitárias -Aceitação do corpo -Descoberta do envelhecimento
Positividade no isolamento	-Apreciação da serenidade -Sentimento de esperança
Profissional da saúde na linha de frente	-Dor e medo da morte -Exaustão física e mental pelo contato direto com o vírus -Cansaço e medo diante do cenário pandêmico
Ansiedade na quarentena	-Angústia e medo de não reencontrar seus familiares -Ansiedade por fazer parte do grupo de risco -Manifestação da ansiedade no corpo -Medo e incerteza do futuro

A primeira categoria intitulada "Reencontro consigo" aborda a reconexão consigo enquanto ser humano dentro de um contexto de isolamento social, onde se viveu com sentimentos e emoções evidenciadas a partir de situações cotidianas. Nesse contexto, afirma Le Breton (2018, p.196):

"A identidade é um movimento ao idêntico, no sentido que o essencial de si permanece, o indivíduo se reconhecendo de uma época à outra. Mas a identidade também é flexível na medida em que incontáveis incidentes da vida vão depositando nela seus sentimentos, nutrindo a experiência e provocando mudanças na percepção de si. "

Os indivíduos contemporâneos em suas narrativas, relataram suas experiências com o corpo a começar de uma perspectiva de aceitação do que esse corpo estava se tornando a partir do isolamento. Sujeitos contemporâneos vivenciando uma quarentena com seus corpos sobreviventes ao vírus e se redescobrimo enquanto indivíduo.

Assim observamos nas narrativas o momento do reencontro do indivíduo com ele mesmo no processo da quarentena. Percebe-se por meio das narrativas de si que o período de isolamento, permitiu a (re)construção do sujeito enquanto ser humano.

Inicialmente os sentimentos experimentados nos relatos são de gratidão ao corpo saudável, envelhecimento sadio e auxílio aos mais necessitados. Dessa forma, as emoções experimentadas nas narrativas de si configuram um marco de inspirações e conquistas, em meio ao panorama turbulento em que o mundo atravessava, conforme relato (@memoriasdocorponaquarentena, Maria Cristina):

"O ano de 2020 foi muito revelador pra mim. Me trouxe uma possibilidade de conexão comigo através da memória e do corpo. Foi incrível sentir o meu corpo presente e atuante como mulher que envelhece. Esse período de confinamento tem sido um encontro comigo mesma."

A segunda categoria intitulada "Positividade no isolamento" traz a esperança e otimismo em dias melhores durante o confinamento. Algumas narrativas expressam a vivência da quarentena de forma otimista e a conservação da expectativa em dias melhores mesmo diante de um panorama incerto.

E toda essa positividade, mesmo diante de tal cenário, pode vir a ser uma forma de se apresentar de maneira otimista aos seus seguidores, demonstrando estar tudo bem. Por ser narcisista, o sujeito contemporâneo necessita estar em exibição com

frequência nas mídias sociais e tem a cultura do ver e ser visto, analisa Sibilía (2016, p. 308):

"Toda a potência desse *eu* que narra, que assina e que atua na visibilidade interconectada concentra-se de fato em seu peculiar modo de ser e estar no mundo. Todo o seu valor reside na singularidade do seu estilo como personagem visível; e, graças a isso, na sua decorrente capacidade de atrair uma grande quantidade de seguidores e fãs."

Dessa forma, analisamos nos relatos o período no qual o sujeito se apresenta ao leitor de maneira leve e positiva. Algumas narrativas manifestaram a apreciação pela calma e tranquilidade dos dias que seguiam, que passaram a ser sem agitação das pessoas sempre ocupadas com seus afazeres pelas ruas, de acordo com relato (@memoriasdocorponaquarentena, Vera):

"A sensação de cansaço e a lentificação dos dias trouxeram boas noites. E voltei a ter sonhos. Dizem que com o passar dos anos temos cada vez menos sono REM que é quando sonhamos. (...) Todos os recantos, como um long shot de uma câmera de filmar."

A princípio as emoções vivenciadas nas narrativas de si são de otimismo e conforto diante do isolamento. Com isso, os sentimentos predominantes nos respectivos relatos representam benevolência e tranquilidade.

A terceira categoria intitulada "Profissional da saúde na linha de frente" discute sobre o esgotamento físico e mental dos profissionais da área de saúde que estiveram atuantes diretamente no combate à disseminação do vírus da Covid-19. É possível observar em alguns relatos, a dor exprimida por esses profissionais que viram suas rotinas consideravelmente alteradas e com um significativo número de trabalho superior ao normal.

Apesar dessa área se propor ao salvamento de vidas, os seus profissionais também são seres humanos, vale lembrar. Foram vidas lidando com outras vidas tão suscetíveis ao contágio quanto aos indivíduos em atendimento. E toda essa rotina de esgotamento emocional vivida pelos profissionais de saúde na linha de frente, combatendo a propagação do vírus e morte das pessoas é mencionada por Le Breton (2018, p. 21):

"O indivíduo não percebe mais seu lugar. Embora muitas vezes ele tenha se sentido à margem e tentado acomodar-se desta vez ele não tem mais força, ou talvez nunca a tenha tido. O mundo lhe foge."

Assim sendo, ressaltamos nos relatos a extenuação vinda dos profissionais de saúde que colaboraram ativamente durante o período da pandemia. Os sentimentos notados nas narrativas são de cansaço extremo e medo da morte. Com isso, as emoções vividas nas manifestações de si expressam a exaustão por um plantão esgotante, conforme narrativa (@memoriasdocorponaquarentena, Jackson):

"Houve grandes perdas de colegas da profissão e médicos, pessoas que sacrificaram suas vidas por outras. Tantos familiares sofrendo com a inconsolável perda, sem direito a dizer adeus ao ente querido. [...]. Eu aprendo todos os anos com minha profissão que a vida é passageira, é rápida e o ser humano é uma existência frágil."

A quarta e última categoria "Ansiedade na quarentena", aborda agonia, aflição e medo durante o isolamento social. Alguns relatos apresentaram a manifestação da ansiedade e percebemos em algumas narrativas o mesmo sentimento manifestado pela arte da poesia.

O sujeito contemporâneo buscou estar em contato com meios que o auxiliassem a atravessar a pandemia da Covid-19 e para alguns indivíduos, a poesia foi um momento de amparo e incompletude desse sujeito que muitas vezes se viu ausente: "Nesse umbral sobre o vazio, aquilo que tem de adquirir nova forma mesmo como resposta estereotípica, sobre esse abismo dos eus- o "atual", o "passado"...?" (Arfuch, 2010, p.163).

Dessa forma, destacamos o sentimento de angústia expressado nas linhas das poesias durante o processo do isolamento social e a expectativa da normalidade nos momentos de incerteza nos relatos. Todas as dores experimentadas na quarentena puderam ser retratadas também de forma criativa nas linhas da poesia: "[...] tantas incertezas nos sentimos sufocados e presos em uma amálgama de informações, sentimentos, ansiedades e esperas. [...].(@memoriascovid19, Patrícia Crosara), uma manifestação artística em tempos de pandemia.

Após a apresentação das categorias de análise acerca dos posts publicados nos perfis @memoriasdocorponaquarentena e @memoriascovid19, será ressaltado um breve histórico sobre as pandemias pelo mundo e, posteriormente, as análises a respeito das narrativas de si no Instagram.

3.1 Breve histórico sobre as pandemias no mundo

A pandemia da Covid-19 não foi a primeira que causa grande impacto no mundo. No início da Idade Média, a Praga de Justiniano foi a primeira grande pandemia (AH, 2020). Cabe aqui uma breve explicação sobre a diferença entre epidemia e pandemia. A epidemia ocorre quando uma doença se espalha rapidamente e afeta muitos indivíduos, já uma pandemia ocorre quando uma enfermidade se espalha em escala maior e atinge quase toda a população, como foi o caso da Covid-19.

Na Praga de Justiniano (1346-1352), o indivíduo contaminado podia perder suas mãos e pés necrosados devido aos nódulos linfáticos inchados. Assim como na pandemia da Covid-19, a Praga de Justiniano também não escolhia a quem atingir. Até mesmo o imperador Justiniano contraiu a Praga, sobrevivendo a ela.

No século XIV (ano de 1348), ainda tivemos a Peste Negra, anteriormente conhecida como Peste Bubônica, que causou a morte de cerca de um terço da população da Europa. Essas epidemias podiam ser causadas por bactérias que ficavam nos roedores (Goulart, 2005) transmitindo doenças.

Após essas duas grandes pandemias, a Praga de Justiniano e a Peste Negra, iniciou-se a Gripe Espanhola. Ocorrida no contexto da Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918) (Goulart, 2005), até metade da população mundial foi atingida pelo vírus da Gripe Espanhola de alguma maneira. O navio inglês Demerara vindo da Inglaterra chegou ao Brasil em setembro de 1918 e espalhou o vírus em terras brasileiras. Na época, somente no Rio de Janeiro, que era capital, apenas um percentual da população chegou a adoecer (dois terços). Goulart (2005, p.106) profere que

[...] o serviço de Profilaxia do Porto foi a primeira Seção da Diretoria de Saúde Pública a ser alvo das críticas da opinião pública. A referida seção não tinha como realizar a desinfecção de todos os navios que aportavam na capital federal. A aplicação de quarentena em embarcações era considerada antinatural, pois acarretava problemas políticos, econômicos e sociais. No calor da hora, o inspetor sanitário do Porto do Rio de Janeiro, Jayme Silvado, foi acusado de favorecer a entrada da epidemia, pois consentiu na atracação do Demerara, pois, sendo "positivista, não acredita em micróbios".

Durante a Gripe espanhola, a população passou por situação parecida ao da pandemia da Covid-19. Com muitos óbitos, os cemitérios encheram demasiadamente e as pessoas se sentiram inseguras com o cenário no qual estavam vivendo. Da

mesma forma que a Praga de Justiniano não escolheu classe social e contaminou o imperador Justiniano, a Gripe Espanhola também contaminou o então presidente eleito pela segunda vez - que não chegou a assumir o cargo por motivo de doença - Rodrigues Alves (1848- 1919).

Em uma época na qual não existia internet nem mídias sociais, havia a circulação de notícias falsas a respeito da pandemia, como era o caso do boato sobre o "chá da meia-noite" (Tortamano, 2020). O sujeito observava o indivíduo entrando no doente no hospital, mas não sobrevivia ao vírus. Assim, falava-se que era dado ao doente durante a madrugada um chá com finalidade de restabelecer sua saúde, porém o doente acaba morrendo.

No século XXI, além da Covid-19 o mundo ainda atravessou outras pandemias e epidemias, como a Síndrome Respiratória Aguda Grave no ano de 2003, a Influenza A H1N1 em 2009, o vírus Ebola em 2014 e o Zika Vírus no ano de 2016.

A Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS) é um vírus que faz parte da família do vírus do coronavírus e se tornou uma ameaça em nível global em março do ano de 2003, espalhando-se por vários países provocando muitas mortes. Todavia, a Organização Mundial de Saúde declarou o controle da doença no mesmo ano, 2003.

Em 2009, a Influenza A H1N1, conhecida como Gripe Suína, foi declarada pela Organização Mundial de Saúde como pandemia depois de mais de duas mil pessoas morrerem por causa do vírus (MG, 2021). Em 2013 e 2016, ocorreu mais um surto do vírus que possui uma taxa de mutação elevada, ou seja, sua capacidade de se modificar é grande, por isso existe a necessidade de vacinação anual, segundo a OMS.

Os primeiros casos do vírus Ebola ocorreram em 1976 na África em cidades próximas a um rio que possui o mesmo nome - Ebola. O vírus foi responsável pela morte de mais de dez mil pessoas. A OMS declarou emergência pública internacional (G1, 2014), devido ao número de casos e mortes. Tendo surgido pelo contato entre animais e humanos, o vírus se disseminou entre a população.

No ano de 2016, surgiu o Zika Vírus no Brasil, em que o Ministério da Saúde decretou a epidemia, como situação de emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (Agência Brasil, 2016). Para o Ministério da Saúde, até o ano de 2016 foram quase dez mil casos de bebês nascidos com microcefalia, assim como com outras modificações no sistema nervoso.

Todas essas epidemias e pandemias podem ocorrer devido às diversas modificações no vírus que, por meio do ser humano, se propaga pelo mundo causando doenças e mortes. Como foi o caso da pandemia da Covid-19 no ano de 2020. O Ministério da Saúde evidencia que a pandemia da Covid-19 teve início no dia 29 de dezembro de 2019, quando quatro pessoas que trabalhavam em um mercado atacadista de frutos do mar deram entrada em um hospital na China com quadro grave de pneumonia. Suas amostras foram recolhidas, enviadas para testes e foram encontrados mais trabalhadores do mercado contaminado no dia 30 de dezembro, quando em 31 de dezembro a Organização Mundial de Saúde foi notificada sobre o surto.

No dia 26 de fevereiro de 2020, foi registrado o primeiro caso de Covid-19 no Brasil (Croda, 2020), um homem na cidade de São Paulo que chegava de viagem da Itália. No dia 3 de março, 488 pessoas já estavam com suspeita de infecção pelo vírus. No dia 11 de março do ano de 2020, a OMS decretou oficialmente a pandemia da Covid-19, pois o Brasil já possuía mais de 110 mil casos e 4 mil mortes.

De acordo com os últimos dados atualizados do Ministério da Saúde Brasil, até o momento da elaboração da pesquisa, foram um total de 38.210.864 casos confirmados e 708.638 mortes confirmadas. O indivíduo precisou aprender a lidar com a pandemia e todas as suas adversidades, como o distanciamento social de amigos e familiares, o uso frequente de álcool gel tanto nas mãos quanto em objetos para descontaminação e a utilização de máscaras para proteção própria e do próximo.

Nessa conjuntura pandêmica, muitos sujeitos utilizaram os meios de comunicação para se manterem informados a respeito do mundo, visto que se encontravam em isolamento social. Para dizer ao mundo como estavam se sentindo durante a pandemia, estando isolados ou não devido à necessidade de trabalhar. As mídias sociais foram uma ferramenta de manifestação de suas emoções.

Dentro desse cenário, o perfil @memoriasdocorponaquarentena foi considerado um perfil de grande relevância para nossa pesquisa, levando em conta que foi criado com o objetivo de compartilhamento de relatos e narrativas a respeito da quarentena, tal como será analisado a seguir.

3.2 Análise Perfil @memoriasdocorponaquarentena

Durante o período pandêmico que o mundo inteiro atravessou, quando muitas incertezas existiam, ninguém sabia o que iria acontecer no dia seguinte, fosse relacionado à saúde, ao trabalho, à morte de familiares ou até mesmo de si, os indivíduos não sabiam se iriam sobreviver a todo caos existente no momento no mundo inteiro.

Certos indivíduos encontraram na escrita uma forma de se manifestar, e ela se tornou um refúgio. Uma maneira de exteriorizar o sentimento no meio de uma pandemia, quando a incerteza era constante a cada minuto do dia.

Como foi mencionado por Lejeune (2014), o ato de escrever é registrar uma lembrança. É a conservação de uma memória que está dentro do indivíduo e nos faz remeter a uma lembrança, seja boa ou ruim, que posteriormente pode vir à tona a partir dos registros escritos.

Durante o isolamento, a escrita foi uma companhia para muitos sujeitos, fosse por meio de um caderno, de uma folha avulsa ou de um diário. Podendo ser físico, manuscrito ou virtual, no qual as pessoas podiam compartilhar suas dores, medos e anseios e encontrar outras manifestações. Durante esse período, diversos indivíduos compartilharam os mesmos medos, anseios e incertezas do amanhã, ocorrendo muita interatividade.

O diário passou a ocupar não somente o espaço restrito da sua intimidade, mas também ganhou outros espaços (Arfuch, 2010). A internet passou a conviver com esses diários *on-line*, permitindo que outros indivíduos compartilhassem os seus medos e inquietações durante a pandemia da Covid-19. Abriu-se um campo maior de relações e inter-relações entre os indivíduos.

A nossa investigação inicia a partir do perfil @memoriasdocorponaquarentena, baseado nos relatos íntimos de indivíduos que se manifestaram durante a quarentena. Por intermédio dos relatos recebidos no perfil, foi possível identificar como foi o período do isolamento social para esses sujeitos. Os medos e angústias vivenciados em seu cotidiano foram relatados a partir de um diário que se tornará um documentário.

Foram evidenciadas narrativas de como os seus corpos estavam se exteriorizando na pandemia, de que forma os seus sentimentos estavam se

manifestando em seus corpos. Por tudo que estava sendo vivenciado independente da maneira e de qual forma os seus corpos se manifestaram.

Por meio do corpo do ser humano, é possível notar os discursos que a sociedade impõe como certo e errado como, por exemplo, a magreza e a beleza. Pensar o corpo durante uma pandemia significa também em todas as suas possíveis formas de se manifestar internamente, como também as suas manifestações externas.

Quando um indivíduo recebe um discurso, seja positivo ou negativo, essas palavras podem vir a desencadear sentimentos, da mesma forma, bons ou ruins, não imaginamos, e isso reverbera de alguma forma no corpo do indivíduo.

O perfil @memoriasdocorponaquarentena estava com 268 postagens e 1.688 seguidores até o desenvolvimento dessa pesquisa. Criado e coordenado pela documentarista Gabriela Altaf, entrou no ar em 11 de junho de 2020, três meses após o início da pandemia. Ao se deparar com uma pintura em um azulejo no box do banheiro na casa de infância e também onde estava passando a quarentena, Gabriela rememora sua infância e nasce sua inquietação a respeito das memórias do indivíduo durante o isolamento social.

Com o objetivo de registrar por meio do corpo o que todos estavam vivenciando com a pandemia da Covid-19, Gabriela Altaf criou o projeto que objetiva se tornar um documentário colaborativo, recebendo relatos dos momentos de confinamento, seus sentimentos e emoções, manifestados a partir do corpo. O perfil iniciou o recebimento de relatos no dia em que entrou no ar, - 11 de junho de 2020 -, e até o desenvolvimento dessa pesquisa ainda permanece aberto a submissões de relatos. De acordo com post publicado no dia 17 de abril de 2021, foram 142 relatos enviados como manifestações de si sobre a quarentena.

A pesquisa foi realizada com base nos *posts* publicados na página do perfil @memoriasdocorponaquarentena enviados como relatos durante o período de 2020 a 2021 como forma de contribuição ao documentário colaborativo ainda em processo de finalização. A partir do perfil do Instagram mencionado, nasceu o projeto (Figura 1).

Sendo o *corpus* principal a manifestação do sujeito contemporâneo por meio do ciberespaço durante o isolamento social, percebe-se relatos de cunho íntimo envolvendo aspectos de profundo Espelho Social (Le Breton, 2001).

Publicado em: 14 de junho de 2020

Autor (a): Gabriela Altaf (autora do projeto)

Título: Nasce o Projeto

Figura 1 – Nasce o Projeto



Fonte: @memoriasdocorponaquarentena

O projeto colaborativo iniciou a partir da inquietação da autora durante o isolamento social, ao se questionar quais memórias o corpo estaria formando durante a quarentena. Ao se deparar com uma pintura em um azulejo no banheiro, lembrou de memórias de infância vivido naquela casa onde se encontrava em confinamento.

Quando uma criança passava horas olhando essa pintura nos azulejos. Achava que era uma porta mágica que me levaria a um castelo. Essa casa guarda as histórias da adolescência da minha mãe. Os últimos dias da minha avó, antes de falecer. E agora guardará um pedaço da minha, durante parte do confinamento. É aqui que começo o projeto "Memórias do corpo na quarentena.

Gabriela narra o seu encantamento pelo banheiro, onde passava muito tempo admirando a arquitetura e beleza durante sua infância. Um lugar de suas memórias

no qual sua família também passou momentos importantes. Na imagem de um banheiro antigo de cor rosa, podemos perceber a evidência da pintura florida do box quando a autora faz referência ao seu imaginário infantil como sendo um portal mágico que a levaria para novas aventuras.

Nesse relato percebemos o diário como ferramenta de manifestação de si durante o período de confinamento. Ao escrever para registrar os momentos que passava, Gabriela se deparou com elementos de seu passado, e esses elementos permitiram reviver histórias, visitar lembranças e deixá-las registradas.

O diário é um lugar onde o diarista escreve para si, afirma Lejeune (2014, p. 302):

"Terei um rastro atrás de mim, legível, como um navio cujo trajeto foi registrado no livro de bordo. Escaparei desse modo às fantasias, às reconstruções da memória. Terei minha vida à minha disposição. Talvez nunca mais ou raramente abra esses cadernos: mas sei que poderei fazê-lo."

Em sua narrativa, a autora ainda menciona sobre as "[...] Dores, saudades de ser tocado/a, mãos machucadas de tanto limpá-las, olhos doloridos pelo excesso de tela, enterros a distância, sem ritual de despedida do corpo...", ou seja, cada indivíduo passou pela sua própria experiência de maneira singular durante o isolamento social. Não poder demonstrar afeto de maneira como de costume, com beijos e abraços, a constante limpeza com álcool e uso de máscaras descartáveis, assim como a restrição no número de pessoas em enterros de parentes falecidos devido à Covid-19.

Publicado em: 14 de junho de 2020

Autor (a): Gabriela Altaf (autora do projeto)

Título: “Meu corpo, no confinamento, é vivo da vontade de ajudar e de distribuir amor”.

Figura 2 – Narrativa do confinamento de Gabriela Altaf



Fonte: @memoriasdocorponaquarentena

A autora do projeto colaborativo inicia os relatos no perfil do Instagram com sua própria narrativa sobre o momento do isolamento social, assim como alguns sujeitos contemporâneos, a autora do projeto utilizou as mídias sociais como forma de manifestação de si. Gabriela também se viu atravessando um momento difícil quando a quarentena foi decretada:

Eu estava no meio de um processo criativo, desenvolvendo um programa desde 2018. Iríamos estreiar em abril de 2020. Na tv aberta, no sábado à tarde, podendo falar para milhões de pessoas. E então veio a pandemia. Perdi meu emprego em maio. Sonho enterrado. Nada que se compare aos amigos - e a todos que estão perdendo os seus.

Percebe-se em sua narrativa a expectativa da realização de um trabalho em andamento por um período que demandou tempo com a chegada da pandemia e, conseqüentemente, da quarentena, não se concretizou. Ficou a frustração pela não realização além da perda do emprego. A autora ainda faz uma comparação em sua fala, quando perdeu o emprego, porém permaneceu com sua vida em um cenário pandêmico, o que não ocorreu para muitos amigos que não estavam tendo nem a possibilidade de enterrá-los.

Ironicamente, diante de tanta violência e pulsão de morte, sinto meu corpo novamente forte. Talvez tenha sido a natureza, Deus ou outro nome que não me ocorre, que tenha me preparado para 2020: guardei toda minha energia vital para o que estava por vir.

A força necessária para sobrevivência em meio ao caos vivido, Gabriela não sabe ao certo onde encontrou. Entretanto, segundo seu relato, foi fundamental para o seu soerguimento. A escrita se torna um subterfúgio no qual o diarista tem a possibilidade de se confidenciar como se este fosse um amigo, como analisa Lejeune (2014, p.303):

"O papel é um amigo. Tomando-o como confidente, livramo-nos de emoções sem constranger os outros. Decepções, raiva, melancolia, dúvidas, mas também esperanças e alegrias: o papel permite expressá-las pela primeira vez, com toda liberdade. O diário é um espaço onde o eu escapa momentaneamente à pressão social, se refugia protegido em uma bolha onde pode se abrir sem risco, antes de voltar, mais leve, ao mundo real."

Ao se manifestar, Gabriela também compartilhou com seus seguidores seus anseios sobre o isolamento social e mesmo em meio às incertezas, de acordo com ela, foi durante a quarentena que seu corpo encontrou forças para auxiliar as pessoas por meio de ajuda psicoterápica dando início ao projeto colaborativo @memoriasdocorponaquarentena. Gabriela também deixa registrado sua narrativa no período da quarentena (Figura 2).

Publicado em 16 de junho de 2020

Autor (a): Giuline, 30 anos

Título: Meu corpo é uno

Figura 3 – O espelhamento dos sinais do corpo



Fonte: @memoriasdocorponaquarentena

Na quarentena, tenho vivido momentos muito intensos e o primeiro deles foi com o corpo. A fome sumiu (...) O corpo se despediu da fase só corpo. Em abril, minha avó morreu após o Covid-19 a alcançar. Meu corpo novamente deu sinais. Chorei até adormecer, chorei tentando esquecer. Achei que iria morrer a cada crise de ansiedade.

É oportuno observar Giuline, em cima de uma cama, abraçada de pijama ao espelho, talvez em uma tentativa de se reencontrar novamente consigo mesma. A autora da narrativa relata os sinais em seu corpo, como falta de apetite e ansiedade, oriundos do isolamento social. Com a quarentena, Giuline pôde sentir os efeitos além de físicos, psicológicos em seu corpo, elucidados por Le Breton (2001, p.12):

"Embora os sentimentos ou as emoções não sejam fenômenos unicamente fisiológicos ou psicológicos, eles não são deixados ao acaso ou à iniciativa pessoal de cada ator. Sua emergência e expressão corporal correspondem a convenções que não se distanciam da linguagem, mas que dela se distinguem, no entanto. As emoções nascem de uma avaliação mais ou

menos lúcida de um acontecimento presenciado por um ator provido de sensibilidade própria."

Ainda encontramos em sua narrativa a ansiedade relacionada ao falecimento de sua avó em decorrência da contaminação do vírus da Covid-19. A aproximação do fato - morte pelo vírus - em sua família torna a pandemia ainda mais real.

Me joguei nas ações humanitárias e hoje esse ventre que ainda não carregou ninguém emana o cuidado a 300 famílias que precisam ficar isoladas em casa. Esse corpo que achou ser o fim, que recusou se alimentar, agora alimenta 400 pessoas nas ruas todos os dias.

Para não sucumbir em meio ao caos mundial, como também ao seu caos interno, a autora do relato buscou como alternativa de enfrentamento a tudo que estava vivendo durante sua quarentena auxiliar pessoas que estavam em situação de vulnerabilidade social, ajudando quem estivesse passando fome.

Publicado em: 17 de junho de 2020

Autor (a): Marcella Cerezoli, 42 anos.

Título: "Meu corpo, nesse momento, clama por espaço e liberdade".

Figura 4 – Amor só corpo e à liberdade



Esse corpo que andou comigo pela vida e agora me acompanha no confinamento. Que em alguns momentos se sente animado. E outros ansioso. E, na maior parte do tempo, impotente e triste. Sobre, meu corpo se sente sem espaço, e não é pelo tamanho dele, e sim pela falta de liberdade.

Em sua narrativa, a autora aborda sua relação com o corpo no período da quarentena, suas modificações ao longo de sua vida e como foi durante o isolamento social. Sua aceitação de maneira positiva em relação às transformações corporais, mesmo que a seus olhos não lhe agradem, Marcella entende e aceita que, perante os acontecimentos pandêmicos, a necessidade é se amar: "como não amar o meu corpo?"

Ando me chocando com os móveis, me cortando, me queimando... Meu corpo, nesse momento, clama por espaço e liberdade. Implora por um banho de mar e sente muita falta de abraços despretensiosos e de caminhadas ao léu.

As emoções no sujeito contemporâneo tem como funcionalidade a preservação em relação ao meio no qual se vive, permitindo uma melhor convivência entre os indivíduos, "as emoções desempenham uma função de proteção contra o meio, reforçando as capacidades adaptativas da natureza humana." (Le Breton 2001, p. 13). Ou seja, o autor diz que as emoções experimentadas também são uma forma de se proteger em meio às circunstâncias, como ocorreu na pandemia da Covid-19.

Em contrapartida, o mesmo corpo necessita do ar livre, da liberdade do ambiente externo e da convivência do outro indivíduo, segundo sua narrativa. Podemos observar na imagem a autora banhada pela luz solar com sombras de uma tela de proteção de sua janela. A rede de segurança remete à proteção imposta pela quarentena, porém pode ser vista como confinamento por quem está do lado de dentro.

Publicado em: 26 de junho de 2020

Autor (a): Flavio, 26 anos

Título: "Agora, o tempo inteiro em casa, me vejo preso nesse corpo da família de bem".

Figura 5 – Uma dor contida no seio da família de bem



A pior coisa desse confinamento é ter o espaço da rua interditado. Sou gay não assumido, filho de evangélicos. Era na rua que eu me sentia livre. Que meu corpo poderia ser do jeito que eu sou.

O corpo é constituído pela sociedade como um ideal e sua representação no contexto social também representa a individualidade do sujeito. O indivíduo necessita se sentir pertencente àquele meio social, caso contrário, se sentirá sempre marginal. O ser humano é dependente até mesmo psicologicamente do meio social, analisa Le Breton (2001, p. 15):

"Ao nascer e durante os primeiros anos de sua existência, o homem é o mais desprovido dos animais. [...]; quando vem ao mundo, a criança parece um organismo prematuro, aberto, disponível, o qual ainda deve ser formado. Esse inacabamento não é tão somente físico, mas também psicológico, social e cultural."

Em seu relato, Flávio narra como foi o cumprimento do isolamento social durante a disseminação do vírus da Covid-19 para sujeitos como ele, que não são aceitos pela sociedade por não se enquadrarem em um padrão imposto por ela, pode

ter sido de constante vigilância de si, além de doloroso, como exposto em sua manifestação.

Agora, o tempo inteiro em casa, me vejo preso nesse corpo da "família de bem": travado, contido, de camisa polo de bofinho, com medo de qualquer deslize mais efeminado.

Percebemos em sua narrativa a sua dor explicitada em forma de relato, quando o autor afirma ter permanecido contido em suas atitudes e ações para que seus familiares não percebessem sua condição por ser homossexual. A imagem publicada em sua narrativa também expõe sua vontade de estar livre não somente no espaço físico, mas em sua condição, ser livre.

Publicado em: 28 de junho de 2020.

Autor (a): Selma, 38 anos.

Título: "As cicatrizes no corpo parecem perguntas vivas: quando será a próxima vez?"

Figura 6 – Marcas da violência abafada



Fonte: @memoriasdocorponaquarentena

"Quarenta, pra mim, tem significado corpo (ainda mais) machucado. Passo esse período com o meu agressor... Meu marido. Estava conseguindo me separar, depois de 7 anos de agressões, quando começou o isolamento. Fui despedida e, por questões financeiras, não consegui mais sair de casa."

A pandemia da Covid-19 aumentou em 48,8% o número de casos de violência doméstica, de acordo com o Datafolha (2021). A pesquisa aponta que, dentro dos tipos de violência sofridas pelas mulheres, 18,6% foram verbais; 6,3% violência física; 5,4% ofensa ou tentativa de relação sexual forçada; 3,1% ameaças com armas brancas ou de fogo e 2,4% espancadas.

Ainda de acordo com a pesquisa, as vítimas se encontram dentro do quadro de desemprego. Notamos no relato de Selma mais um número de violência contra a mulher na quarentena.

A gente sempre acredita que é a última vez. Mas as cicatrizes no corpo nos lembram que não foi. Ao contrário, parecem perguntas vivas: quando será a próxima? [...] Minha família mora longe. Sou só eu aqui nessa cidade grande. Eu e meu corpo ferido.

Percebe-se em sua narrativa sua solidão e dor devido ao sentimento de incapacidade. O escrever seu relato e poder manifestar suas experiências durante o confinamento com seu companheiro, pode vir a ser uma forma de solicitar ajuda.

Ao utilizar a escrita como forma de manifestar seu sofrimento, Selma encontrou o caminho para se exprimir e suportar toda angústia sofrida durante a quarentena. Ao passar por condição de opressão pôde encontrar conforto ao relatar suas memórias e suportar a espera por dias melhores. "O diário pode trazer coragem e apoio. [...] restabelecer uma ligação imaginária com os ausentes, perscrutar o tempo e manter a dignidade." (Lejeune 2014, p. 305)

Nota-se ainda como ilustração um passarinho dentro de uma gaiola aberta, ganhando a sua tão sonhada liberdade. Pode-se dizer que a gaiola faz uma alusão ao seu sentimento de aprisionamento tanto em sua casa quanto no tocante à dependência financeira de seu companheiro. Percebe-se também a portinhola aberta, sendo sua vontade de saída de seu sofrimento constante.

Publicado em: 30 de junho de 2020

Autor (a): Vera, Portugal.

Título: "A sensação de cansaço e a lentidão dos dias trouxeram boas noites. Voltei a ter sonhos".

Figura 7 – Calmaria e dias tranquilos



O isolamento social permitiu para muitos sujeitos, além de uma reconexão consigo, olhar para a vida com mais calma. A narrativa de Vera, que não expõe sua idade, apresenta a serenidade em relação à alteração de sua rotina mesmo diante de tantas transformações no mundo devido à disseminação do vírus da Covid-19.

Comecei a dormir mais. Melhor. F. já não tinha de sair de casa antes das sete da manhã para apanhar trânsito e eu não estava a fazer noitadas de trabalho. Caminhamos no campo, quase uma hora ao final de cada dia.

A fotografia antiga, do ano de 1954, ainda em preto e branco, remete à lembrança de tempos mais calmos que os pandêmicos. A autora narra suas memórias mais remotas ainda em tempos de infância: "O contraste com o tecido de lã do sofá

que picava nas pernas. A cobertura de pele macia que cobria a caminha de um metro onde dormia criança, enroscada no quarto da avó".

Sendo a escrita a conservação da memória, a autora da narrativa escreveu sobre seu tempo quando era criança relembrando momentos em que ainda era pequena, o que possibilitou reviver sua história. Ao reativar esses elementos em suas lembranças, Vera pôde se manter tranquila, uma vez que a escrita diarística possibilita esse asilo, de acordo com Lejeune (2014, p. 320):

"O diário oferece um espaço e um tempo subtraídos às pressões da vida. Refugiamo-nos nele, tranquilamente, para "desenvolver" a imagem do que acabamos de viver e meditar. E para examinar as escolhas que devemos fazer."

Sua memória é ativada ao olhar para essa fotografia e relembrar esses momentos vividos em tenra idade. A lateral da casa recebendo as sombras de um sol de fim de tarde, desenhando a imagem das folhas das árvores na fachada do lar onde a autora passou parte da infância com sua avó.

Publicado em: 02 de julho de 2020

Autor (a): Médica, 50 anos (profissional na linha de frente do combate à Covid-19)

Título: "Parece algo estranho, mas meu corpo sendo falta de corpos. Corpos são sentidos".

Figura 8 – Combate ao inimigo, morte e solidão



Sinto dor. Tenho medo da morte do corpo. [...] Há alguns meses estou só por causa do vírus. Dia desses abracei um amigo que voltou da morte. Foi inevitável. Era a primeira pessoa que abraçava em meses e gostei de sentir meus braços sentindo o corpo dele e meu peito contra seu peito. Parece estranho, mas meu corpo sente falta de corpos. Corpos são sentidos.

Com a pandemia da Covid-19, quem pôde ficar em isolamento social permaneceu em casa se resguardando da possível contaminação do vírus, porém, essa não foi a realidade de algumas pessoas. Os profissionais de saúde precisaram deixar de lado além de suas famílias, para evitar a contaminação, visto que estavam lidando diretamente com o vírus, saber lidar com seus anseios diante do cotidiano pandêmico em emergências hospitalares.

No relato dessa médica que atuou diretamente na linha de frente do combate ao Covid-19, notamos que, além da exaustão, há dedicação e pressão mediante o

cenário no qual se encontrava. Devido ao uso constante da máscara descartável, assim como a ausência de contato físico com o outro, ela narrou: "Há semanas me cheiro na hora do desespero e sentindo meu cheiro percebo que estou lá. Viva".

Percebe-se nessa narrativa a manifestação da autora em momentos críticos de salvamento de vidas humanas durante a pandemia. Nota-se sua exaustão emocional em seu relato e a necessidade de se reconectar consigo, de se sentir viva em meio ao turbilhão de acontecimentos diários vividos pela autora.

Ao escrever sobre sua experiência, a autora da narrativa, se expõe de maneira livre, assim, o espaço da escrita se torna um lugar de confiança para o diarista, possibilitando as mais variadas formas de sentimentos, conforme explica Arfuch (2010, p. 87):

"A inclusão da intimidade no público irá além da modelização para tentar a substituição da transcendência: a intensificação de toda a escala de emoções subjetivas e sentimentos privados, a imediaticidade da vivência, a felicidade das "pequenas coisas" cotidianas."

Ao encerrar seu relato, nota-se que se expressa como um dia sendo igual aos demais: "Rio de Janeiro, entre março e maio, um dia qualquer que afinal é igual aos outros de 2020, ano do Coronavírus".

Publicado em: 08 de julho de 2020

Autor (a): Roberta Saboya, 43 anos

Título: "Nesta quarentena, envelheci. Não foi só de idade, foi de saudade. Foi de medo".

Figura 9 – Quarentena e envelhecimento



Fonte: @memoriasdocorponaquarentena

Estou fazendo pós fora do Brasil, mas saí da sala de aula numa sexta de março e não voltei até hoje. [...] Nesta quarentena, envelheci. Não foi só de idade, foi de saudade. Foi do esforço de tentar não sufocar de angústia. Foi de medo. Pavor de alguém que eu amo ficar doente e eu não estar lá. Envelheci da constatação física de que não controlamos o tempo, a vida, a morte, nada!

Em mais um dia de aula, Roberta saiu de sua casa. Longe de seu país de origem para assistir suas aulas em seu curso de pós-graduação, contudo, dessa vez, seria diferente. Após o fim de semana, iniciava a quarentena em todo o mundo. Em seu relato, Roberta fala sobre o medo da distância e também podemos perceber seus

anseios ao lidar com a passagem de tempo sem que possa estar fisicamente entre os seus. Ainda sobre o avançar do tempo, percebemos a manifestação da autora por meio do questionamento a respeito de suas escolhas de vida durante o isolamento social.

Envelheci de entender que para cada cabelo branco de escolhas feitas, nascem dois de escolhas não feitas. As oportunidades da viagem que você optou por não fazer, do trabalho que você rejeitou, do filho que você não idealizou estão perdidas. Talvez, para sempre.

Com base na fotografia, nota-se a autora da narrativa, deitada em um tapete a refletir sobre as suas opções de vida. Por meio de sua manifestação, identifica-se o questionamento do indivíduo sobre escolhas feitas no passado que poderiam vir a refletir no então presente sem saber ao certo se existirá um futuro.

Como já mencionado no item 1.2, quando o indivíduo sente solidão, ele utiliza a escrita diarística (Arfuch, 2010), dessa forma, o sujeito se vale da narrativa como forma de manifestar situações significantes em sua vida.

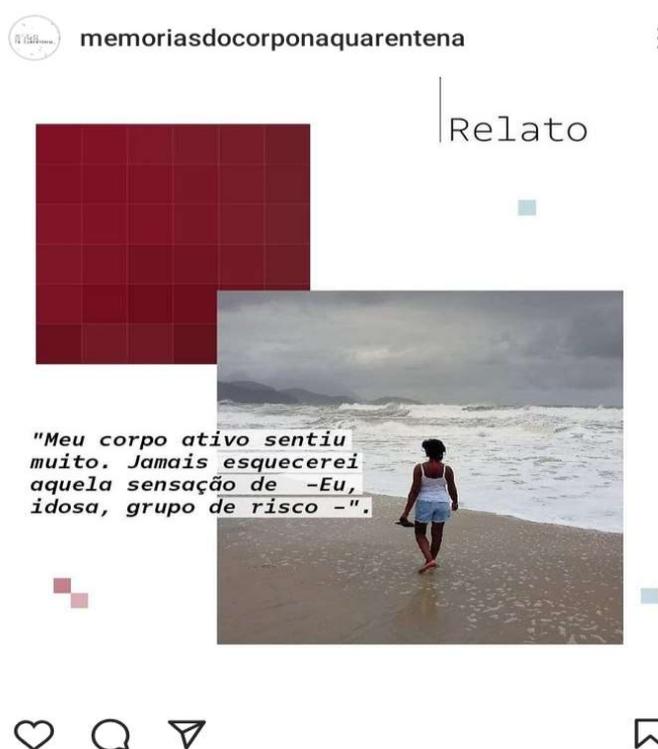
Percebemos no relato de Roberta a expressão da solidão quando diz: "Enquanto conto as horas até o dia dos abraços reais, distraio-me com escrita, personagens e histórias. O aperto no peito eu dissolvo com meditação, vinho e amor virtual. Mas a verdade é que sigo envelhecendo." Ou seja, nota-se em sua narrativa o emprego da utilização das mídias sociais como expansão de sentimentos para sua inquietação frente ao processo de isolamento social.

Publicado em: 23 de julho de 2020

Autor (a): Ivone Carmem, 63 anos (Profissional atuante num Centro de Reabilitação Neurológica Infantil)

Título: "Meu corpo ativo sentiu muito. Jamais esquecerei aquela sensação de -Eu, idosa, grupo de risco".

Figura 10 – Adaptação ao isolamento do grupo de risco



Fonte: @memoriasdocorponaquarentena

Ficar em casa e em afastamento social...Meu corpo ativo sentiu muito. [...] Me sinto ativa e tenho muito a contribuir. Nos primeiros dias, fiquei agitada, chorei muito. Aos poucos fui me equilibrando, otimizando meu tempo. Em outros momentos, não me obrigando a muitas tarefas.

Constata-se na narrativa de Ivone o sentimento de impotência em decorrência do seu afastamento social, além do risco de contágio, por fazer parte do grupo de risco em razão da sua faixa etária, ou seja, 63 anos de idade. Nesse relato, é notório como os idosos, que antes possuíam suas rotinas de forma ativa, também sentiram de maneira abrupta o isolamento.

Hoje, utilizo as redes sociais com parcimônia. Realizando tarefas que não fazia havia há muito tempo: arrumação de casa sem auxiliar, compras por aplicativo... Quanta mudança!

Além de ter de se adaptar às modificações em sua rotina, percebe-se, por meio do relato da autora, suas transformações individuais. Foi mencionado sobre tarefas que antes não realizava, mas que, devido à quarentena, surgiu a necessidade de realizar, até mesmo compras por aplicativo como forma de interação social.

Na sociedade moderna o sujeito é capaz de realizar suas próprias tarefas, assim como no relato de Ivone. A participante do grupo de risco, se adaptou à nova rotina e passou a realizar suas tarefas pelo aparelho celular, abrindo um campo de possibilidades dentro de sua quarentena.

Dessa forma, a autora teve a oportunidade de ter mais autonomia diante de seus afazeres, além de ganhar maior conhecimento sobre o assunto. Na contemporaneidade o sujeito possui diversas identidades, conforme já apresentado por Velasco (2015) na seção 1, quando se encontra em variadas situações em seu cotidiano.

Quando esse indivíduo está no ambiente de trabalho, sua postura é diferente de quando está no ambiente doméstico ou em companhia de amigos. Podemos dizer que Ivone, membro do grupo de risco da Covid-19, além de ter se adaptado bem à rotina imposta, superou suas expectativas e capacidades pessoais.

Publicado em: 12 de agosto de 2020

Autor (a): I. 40 anos (Profissional atua como diretora técnica de um dos principais laboratórios de Saúde Pública do País)

Título: "Convivemos diariamente com o fantasma da contaminação: no laboratório são manipuladas centenas de amostras positivas, todos os dias".

Figura 11 – Sofrimento manifestado diante do inimigo invisível



Fonte: Ilustração: Obra "Lágrimas Douradas" de Gustav Klimt.
@memoriasdocorponaquarentena

Eu e minha equipe estamos diretamente envolvidos com o diagnóstico de Covid-19. O volume de trabalho é assombroso; e a pressão quase desumana. Além disso, convivemos diariamente com o fantasma da contaminação: no laboratório são manipuladas centenas de amostras positivas, todos os dias.

Nessa narrativa anônima, a exaustão da autora fica em evidência, não somente o cansaço físico como o mental pelo contato direto e diário com o vírus que, por vezes, se torna mortal. Como ilustração para seu relato, a autora escolheu a obra Lágrimas Douradas da "Fase Dourada" de Gustav Klimt, que foi um pintor simbolista austríaco, destacando-se também no movimento Art Nouveau austríaco.

A obra do artista possui uma estética com elementos em ouro na sua composição, além de detalhes em cor escura. Lágrimas Douradas retrata o choro calmo, quase passivo de uma mulher. Uma imagem que retratou bem o momento pandêmico, pois não adiantava o sofrimento exacerbado. Para a autora, o momento além de seu sofrimento, era necessário aguardar que tudo transcorresse.

Sinto no corpo os efeitos da pandemia: meus cabelos caem; a acne que tanto me perturbou na adolescência, está dando sinais de vida; tenho tido oscilações de pressão arterial; dificuldades para dormir; dores pelo corpo; crises de enxaqueca. Todos são, claramente, sinais de stress.

De acordo com Le Breton (2001) as reações expressas no corpo do indivíduo são consequência das emoções por ele sentidas. O corpo é capaz de refletir os sentimentos experimentados pelo sujeito de forma que transpareça ser algo além da emoção, como podemos observar na narrativa anônima, quando lemos sobre a queda de seus cabelos ou as oscilações de pressão arterial.

Ainda conforme o autor, as emoções são uma extensão da vida do indivíduo, ou seja, de quem está sentindo e vivendo as experiências e, por consequência, o reflexo dos sentimentos no organismo. O corpo reflete as emoções e sentimentos vividos pelo sujeito.

Além do sofrimento mental exposto em sua narrativa, a autora relata também suas emoções evidenciadas em seu corpo durante a pandemia. O cansaço físico depois de muitas horas de trabalho em um cenário pandêmico em um ambiente de alto risco, estando em contato com o vírus da Covid-19 possibilitaram, para ela, que o seu corpo alcançasse um limite de exaustão. Com todas as angústias vividas, nota-se a certeza de dever cumprido: "Sigo fazendo o melhor que eu posso".

Publicado em: 18 de outubro de 2020

Autor (a): Dalvene, 67 anos

Título: "Eu antes não sentia nada, agora parece que tudo dói".

Figura 12 – A desigualdade em evidência na quarentena



Fonte: @memoriasdocorponaquarentena

Meus patrões mandaram eu ficar em casa e estão me pagando. Sei que nesse ponto estou tendo sorte. Minhas colegas estão tendo que entrar naquele trem lotado e arriscar a vida. Mas vou te confessar, parece que meu corpo não se acostuma a essa rotina não. Quando a gente para, vem um monte de dor, né? Arrumo a minha casa todo dia, mas nem assim dá alívio.

Por meio dessa manifestação de si, a desigualdade social é abordada em nosso país. A classe dos invisíveis, que tanto auxiliam das mais diversas formas, passou a ser mais notada durante o isolamento social.

Com essa notoriedade, Dalvene, através de seu relato, buscou evidenciar seu lugar no mundo de maneira que, a escrita permite ao sujeito contemporâneo que se mantenha vivo, como explica Schittine (2004, p.146):

"Esse desejo de permanecer na memória alheia através dos tempos é bastante antigo e vem da ideia de imortalidade. Como o homem já se

convenceu há muito tempo de que não pode ser imortal, uma das maneiras que encontrou de deixar a sua "marca no mundo" foi escrevendo textos, mantendo-se vivo, cada vez mais, na leitura e na fala dos outros."

Nesse relato, percebe-se a autora expressar seus sentimentos de maneira agradecida, pois permaneceu empregada durante a pandemia, mesmo mantendo a quarentena, ao dizer se sentir afortunada em relação às demais pessoas que necessitaram manter a rotina do ir e vir e, conseqüentemente, correr riscos de contágio.

Estou achando muito engraçado um monte de patroa escrever na rede que tá com dor em tudo...Devem achar que nosso trabalho é moleza. Só agora descobriram o que é bom, né? A gente não pode ficar nem gripado, com dor no corpo, que elas não têm piedade. Querem a prataria bem lustrada e os carpetes bem limpinhos.

Entretanto, Dalvene narrou que, mesmo em isolamento, sentiu falta de sua antiga rotina como doméstica, antes do isolamento social. Em contrapartida, a autora da narrativa manifestou a respeito dos indivíduos de classes burguesas que, durante a quarentena, tiveram a necessidade de realizar tarefas antes delegadas às domésticas.

Notamos nessa manifestação de si a realidade que muitos indivíduos sempre enfrentaram durante a vida, independentemente da situação, porém, com a pandemia da Covid-19, ganhou evidência para a classe dominante pelo fato de precisar realizar o trabalho antes feito por eles.

Publicado 07 de novembro de 2020

Autor (a): Camila, 32 anos

Título: "Eu sinto muita, muita, muita saudade da praia. Cresci em cidade com mar. Transformo o tapete em areia e, o azul do céu, no mar"

Figura 13 – A praia de metros quadrados



Fonte: @memoriasdocorponaquarentena

Estou passando a quarentena em um apartamento onde bate o sol apenas das 10h às 11h. Apelidei esse período de "a hora da nutrição". Então nessa pequena hora do dia, eu paro tudo o que estou fazendo e finjo estar na praia. Transformo o tapete em areia e, o azul do céu, no mar.

Por meio da narrativa de Camila, nota-se como a necessidade de estar em contato direto com os ares da natureza se fizeram necessários para muitos indivíduos durante o isolamento social.

O sentimento de ausência física dos elementos do mar permitiu que a autora do relato se transportasse para o lugar onde gostaria de estar ao fechar seus olhos e se imaginar nesse ambiente, fazendo com que revigorasse suas energias. A autora ainda se manifestou a partir de sua fotografia, em que encontramos apenas um pequeno quadrado de janela, sendo possível contemplar um pedacinho de céu azul na janela aberta.

Sendo esse o seu pequeno céu, da sua provisória praia, mas que se faz necessário no momento. Deitada em um canto de seu apartamento, durante um breve instante do dia, a autora se permitiu o seu momento de relaxamento: "Nutrida, levanto-me e vou encarar o resto do dia, com medo, mas com a esperança de que ainda é possível acreditar nos sonhos".

Mesmo sem a certeza dos acontecimentos subsequentes, a autora permitiu manter a sua confiança em dias melhores e em retornar à sua rotina anterior, assim como em voltar a pisar nas areias da praia e sentir sua pele queimar com o sol e o sal do mar, tomada novamente pela liberdade do ir e vir de qualquer indivíduo, livre do isolamento social.

Dessa forma, a partir do avanço tecnológico, se tornou possível o compartilhamento por meio da internet seja do seu cotidiano, seja de seus pensamentos por meio de imagens e fotografias. E essa hiperconectividade (Lipovetsky, 2004) ocorre em consequência à constante conexão entre sujeito contemporâneo e mídias sociais. A autora do relato se encontrava na quarentena, compartilhando com o mundo por meio do aparelho celular, sua rotina e experiência sobre o período do isolamento.

Todos os dias que viveu, como também os momentos de relaxamento no espaço que pegava sol, puderam ser compartilhados devido à hiperconectividade mencionada por Lipovetsky (2004), permitindo uma autonomia por parte da autora da narrativa.

Publicado em: 11 de janeiro de 2021

Autor (a): Jackson M. Espíndola, 25 anos. (Santa Catarina)

Título: “Durante meses, o cansaço foi tomando conta junto com o medo em meio à exposição expressiva que a enfermagem se encontrava”.

Figura 14 – Sem cirurgia no centro cirúrgico



Fonte: @memoriasdocorponaquarentena

Ouvi da boca da minha colega do plantão matutino que o centro cirúrgico não vai ter mais cirurgia, mas sim dará seu espaço a um centro de terapia intensiva destinado a pacientes graves.

[...] Em poucos dias, fomos obrigados a aprender a rotina e o conhecimento de cuidado ao paciente crítico. Durante os meses, o cansaço foi tomando conta junto com o medo em meio à exposição expressiva que a enfermagem se encontra. Perante a situações como está, jamais me esqueci do juramento em prol da defesa e do respeito à vida, mesmo que isso custe a minha própria vida.

Identifica-se o medo também no profissional da saúde que se encontra na linha de frente em situações nas quais muitas vezes está com vários pacientes de elevado nível de risco no leito e existe a necessidade de atendê-los, porém o número de profissionais é inferior ao número de pacientes. Vale frisar que o corpo é um

instrumento com o mundo exterior, sendo um instrumento nas relações interpessoais (Le Breton, 2001, p. 7).

[...] Na vida cotidiana constituída a partir das relações entre indivíduos e grupos, o domínio do corpo e das emoções conserva uma concepção de sociedade como um organismo único, coeso, passível de controle, ao passo que a multiplicidade de corpos e de expressões que lhe são inerentes negam esse status, enfatizando os direitos dos indivíduos sua liberdade de ser, existir e sentir nas fronteiras de um Estado que procura impor seu domínio de forma geral, homogênea e irrestrita.

O sentimento de insegurança diante da exposição a um vírus mortal por parte de profissionais que se encontram na linha de frente salvando vidas também existiu. Por outro lado, existem relatos de indivíduos que transpassaram o período do isolamento de maneira leve e quase translúcido.

Publicado em: 06 de abril de 2021

Autor (a): Maria Cristina, 58 anos (Santa Catarina)

Título: “Movimento é vida”.

Figura 15 – A arte de se reconectar consigo



Fonte: @memoriasdocorponaquarentena

O ano de 2020 foi muito revelador pra mim. Me trouxe uma possibilidade de conexão comigo através da memória e do corpo. Foi um ano em que me dediquei ao movimento corporal como ainda não tinha feito. Fiz aulas intensivas de yoga, dança contemporânea e Balet. Além de teatro e performance. Foi incrível sentir meu corpo presente e atuante como mulher que envelhece. Meu corpo está muito mais desperto e sensível. Tenho participado de diversos movimentos artísticos envolvendo a dança e a performance. Esse período de confinamento tem sido um encontro comigo mesma.

Ao entrar em contato com a falta de possibilidade do ir e vir, a autora encontrou na arte a capacidade de se reinventar e atravessar um momento difícil, permitindo-se a uma (re)conexão consigo mesma. Ao estar em frequente contato com o corpo durante o isolamento social, relatou que pôde se conectar consigo de maneira intensa e constante.

Além do momento pandêmico, estar em constante movimento com o corpo e a mente permitiu que o indivíduo não permanecesse estático em meio às circunstâncias. Pelo contrário, foi levado a continuar em movimento, possibilitando reflexões internas, com foi analisado por Mauss (1934, p. 407):

Nessas condições, cabe dizer simplesmente: estamos lidando com técnicas do corpo. O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico e, ao mesmo tempo, o meio técnico do homem, é seu corpo.

É por intermédio do corpo que o indivíduo expressa suas emoções e sentimentos, como também ocorre a manifestação do sujeito contemporâneo no ciberespaço. O corpo do indivíduo é o primeiro lugar de manifestação de sentimentos. Pode-se dizer que o corpo se torna um verdadeiro palco ao manifestar em emoções. É o corpo quem define o homem (Le Breton, 2001).

Por meio do anonimato, o indivíduo manifestou seu sentimento de maneira clara o expressar como sua emoção refletiu em seu corpo devido ao isolamento social. Seu corpo manifestou seus anseios e dores decorrentes da quarentena de forma concreta.

Publicado em: 24 de abril de 2021

Autor (a): R. 41 anos (Juiz de fora)

Relato Anônimo.

Título: "O próprio umbigo é o lugar da pandemia".

Figura 16 – A manifestação da dor no corpo



O corpo explodiu: espinha na cara toda, por conta da máscara; e uma alergia que se estendeu por todo o resto da pele...barriga e pernas tomadas por uma vermelhidão. Acharam que era sarna. Depois, alergia a chocolate, que passei a comer diariamente no isolamento... Depois, tirando as espinhas, acho que tive uma alergia ao confinamento.

O indivíduo contemporâneo está sempre em busca de aperfeiçoar o corpo humano. Em consequência disso, traz o sentimento de dor para si, levando em conta que sempre está em busca da perfeição. A manifestação do sujeito contemporâneo no ciberespaço se torna necessária e fundamental, ao passo que ajuda na fala de medos e anseios, sendo oportuno frisar que a interação social nesse cenário possibilita a troca de experiências.

Percebemos nesse contexto ainda a movimentação do lugar de intimidade para o público uma vez que em sua narrativa percebemos os traços de espetáculo já proferido por Sibilía (2016). A visibilidade da intimidade desse indivíduo se torna

aparente por um ato praticado por ele mesmo ao registrar uma imagem e narrativa em uma mídia social, como analisa Sibilía (2016, p. 126):

"Tomando em conta o exibicionismo que levou a cunhar a expressão extimidade e que não para de se expandir, tais tiranias se tornam ainda mais audaciosas e opressivas, porque capturam campos que pouco tempo atrás teriam sido impensáveis."

Sendo a performance necessária nessa conjuntura, existe uma necessidade do sujeito contemporâneo estar em constante exibição mesmo sendo de maneira anônima, como no caso da narrativa de R., que se expõe de maneira voluntária no Instagram. Dessa forma, Sibilía (2016) explica que o indivíduo está dividindo com o leitor seus gostos, ações e pensamentos por meio da internet se tornando sua própria selfie.

3.3 Análise Perfil @memoriascovid19

Como corpus dessa pesquisa, destaca-se ainda o perfil @memoriascovid19 no Instagram, com 241 postagens e 1.255 seguidores até o desenvolvimento da investigação. Trata-se de uma plataforma criada pela Universidade Estadual de Campinas com objetivo de reunir manifestações de si durante o isolamento social por meio de formulário próprio. Os curadores da plataforma selecionaram algumas narrativas que estão disponíveis em um documentário no YouTube e também no Instagram, sobre as emoções e percepções do período pandêmico de cada indivíduo que enviou seu relato.

O projeto é coordenado por Ana Carolina de Moura Delfim Maciel que, além de historiadora é coordenadora dos Centros e Núcleos Interdisciplinares de Pesquisa da Unicamp (COCEN). A partir de sua inquietação com o momento que o mundo estava atravessando, questionava-se o que aconteceria com cada indivíduo na história, após noites de insônia pensando na criação da plataforma como maneira de eternizar esse momento na memória.

O *site* Memoriascovid19 que entrou no ar no dia 9 de setembro de 2020, seis meses após o início da pandemia no Brasil, recebeu relatos de todos os lugares do globo e estão disponíveis para acesso por meio de arquivo para visualização e também compartilhamento das imagens, vídeos e fotografias. Além do *site*, o projeto

contou com a elaboração de um documentário sobre a plataforma que teve seu lançamento dia 11 de setembro de 2020 no Festival Ars Electronica em Linz, na Áustria, que envolve arte, sociedade e tecnologia e acontece desde 1979.

Ao convocar o sujeito para enviar suas narrativas sobre o isolamento social no Instagram, Ana Carolina de Moura Delfim Maciel fala sobre a criação de memória com as narrativas de si, conforme explica (Ana Carolina, página @memoriascovid19): “Somos uma plataforma que funcionará como uma cápsula do tempo [...] vamos conectar pessoas em meio a uma pandemia repentina e inédita ao criar um espaço de memória”.

Além do documentário disponível no YouTube e Instagram, também é possível por meio do *site* encontrar as manifestações dos sujeitos, sejam relatos, fotografias, vídeos, poemas, entre outras, para compartilhamento e interação entre os indivíduos, permitindo, além do conhecimento sobre a pandemia, a manifestação das emoções a respeito do momento vivido por todos.

O perfil *memoriascovid19* iniciou o recebimento de relatos em 21 de maio de 2020 e terminou suas submissões em 31 de dezembro de 2022. De acordo com *post* publicado em 18 de janeiro de 2023, foram 147 fotografias, 83 textos, 37 vídeos, 11 *printscreens*, 27 poemas, 37 ilustrações e 12 colagens digitais. Certas manifestações de si, além de contemplar o arquivo no *site* *memoriascovid19*, foram destaque no perfil do Instagram, tal como mostrado a seguir:

Publicado em: 02 de junho de 2020

Autor (a): Flávio Pacheco (São Paulo)

Título: "Quarentena num museu de brinquedos"

Narrativa em forma de vídeo

Figura 17 – Quarentena num museu de brinquedos



Fonte: @memoriascovid19

O autor mostra como está sendo seu período da quarentena por meio de sua narrativa em vídeo. Em um espaço dentro de sua casa, onde montou um museu de brinquedos com cerca de 10 mil itens e está utilizando o tempo disponível para limpar os objetos. Flávio ainda mostra o local e alguns objetos e brinquedos utilizando o humor ao falar que necessita de "umas quatro quarentenas para organizar seus objetos".

Ele ainda aborda a questão de num momento como esse sente a carência de preencher a mente e para isso realiza a limpeza e organização do local e utensílios. Ainda alega que, por fazer parte do grupo de risco, ele permaneceu em casa somente com sua esposa, tendo dispensado a pessoa que o ajudava na limpeza.

Através de um grande acervo de brinquedos e itens antigos, o autor da narrativa, traz para o presente por meio do compartilhamento do cotidiano, a cultura existente em sua coleção. Lipovetsky (2004) explica que o passado se torna presente

por meio da memória exposta em circunstâncias ocorridas habitualmente com o indivíduo contemporâneo também por meio da cultura.

Por meio do avanço da tecnologia, tornou-se capaz o compartilhamento dessa memória na internet (Item 2.2), pois antes disso somente era possível no espaço físico dos museus ou pelo contato manual nos livros. Com a narrativa de Flávio, nota-se a memória sendo compartilhada e relatada na internet.

Publicado em: 31 de julho de 2020

Autor (a): Maria Madalena Felinto (Pará)

Título: "Apartamento 1202, o arquivo de fora para dentro".

Narrativa em forma de Imagem.

Figura 18 – Apartamento 1202, o arquivo de fora para dentro



memoriascovid19



Fonte: @memoriascovid19

Já o *post* de uma imagem em preto e branco remete ao indivíduo a lembranças por meio de memórias que as fotografias são capazes de realizar. Muitos sujeitos revisitaram suas histórias por meio de fotos e álbuns antigos durante o isolamento. A fotografia na internet se torna o arquivo de uma memória principalmente em um perfil que atende ao propósito de registrar um momento como a pandemia da Covid-19.

A produção da imagem fotográfica na contemporaneidade forma novas construções de lembranças no sujeito contemporâneo em relação tanto ao passado quanto ao futuro. Arantes (2014) profere que a fotografia, no quesito mídias sociais, funciona como uma maneira de narrativa, porém fragmentada na qual conversa com o passado.

O autor ainda aborda que as imagens presentes nas mídias sociais são uma ferramenta que possibilita ao indivíduo contemporâneo a interação com os demais sujeitos em seu círculo social. Estando essas imagens constantemente na internet e sendo uma forma de relato sobre o passado, uma vez que o registro já ocorreu, permite ao autor da narrativa uma manifestação de si assim como possibilita a interação com o outro.

Publicado em: 04 de setembro de 2020

Autor (a): Isabella Quadros (São Paulo)

Título: Projeto @ feitoformiguinhas de combate à fome

Narrativa em forma de Imagem

Figura 19 – Projeto @ feitoformiguinhas de combate à fome



Fonte: @memoriascovid19

Uma narrativa também em forma de Imagem foi a publicação sobre solidariedade que mostrou um pouco da realidade que a população de rua enfrentou durante a pandemia com as ruas vazias devido ao isolamento social e o auxílio que muitos moradores nessa situação receberam de projetos sociais nesse período. Alguns projetos sociais ajudaram as pessoas mais vulneráveis e necessitadas durante a quarentena, fosse com alimentação, vestimenta ou até mesmo com um pouco de atenção e conforto sobre o momento vivido. Como foi o caso da narrativa da Ong Feito

Formiguinhas, que procura levar dignidade às pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Com isso, percebemos por meio desse relato, que a partir do desenvolvimento da tecnologia, se tornou capaz mais pessoas tomarem conhecimento a respeito do projeto narrado, assim como contribuir de alguma forma mesmo durante a quarentena.

Lipovetsky (2004) analisa que a hiperconectividade permite ao indivíduo contemporâneo essa conexão a todo momento, o que vemos na narrativa de Isabella, visto que a autora compartilhou com o mundo por meio de seu aparelho celular a necessidade das pessoas em vulnerabilidade social durante o isolamento.

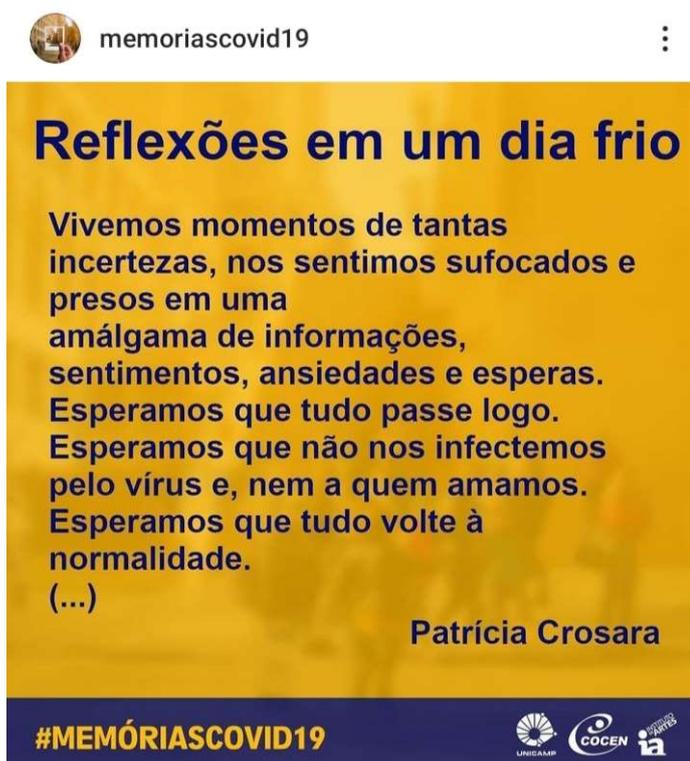
Publicado em: 16 de agosto de 2020

Autor (a): Patrícia Crosara

Título: "Reflexões em um dia frio"

Narrativa em forma de Poesia

Figura 20 – Reflexões em um dia frio



Fonte: @memoriascovid19

A autora da poesia manifestou em linhas suas incertezas vividas em um momento de pandemia. Narrou suas emoções, ansiedade, sem saber ao certo o que

esperar e a angústia pelo retorno da normalidade. Em sua poesia, aborda estar se sentindo presa em seus sentimentos, pelo momento da quarentena, sem saber o que irá suceder.

O momento seguinte é incerto para o sujeito e para o mundo, o que lhe causa ansiedade, sendo manifestada por meio da arte da poesia. O conceito de acontecimento como algo que ocorre no momento presente e tem como funcionalidade uma conexão com as vivências: “Essa ideia de acontecimento, algo que se produz aqui e agora, no momento da enunciação, e que, como ancoragem na temporalidade, guarda relação com a existência”, como explica Arfuch (2010, p.163). Entende-se que os anseios experimentados no momento vivenciado pela autora, o isolamento social, a tensão causada pelo possível contágio do vírus, pode vir a ocorrer com suas vivências, assim com o restante do planeta.

Arfuch (2010) diz que no diário o sujeito pode ter a sua criatividade estimulada a todo momento uma vez que se encontra livre para escrever seus sentimentos e emoções que antes estavam retraídos. Dessa forma, o espaço da escrita se torna um lugar de confiança para o diarista. Na poesia de Patrícia, identificamos em sua escrita seus sentimentos expostos de maneira íntima ao abordar seus anseios e inquietações. Sua escrita é livre e confiante ao se manifestar a respeito de suas vivências.

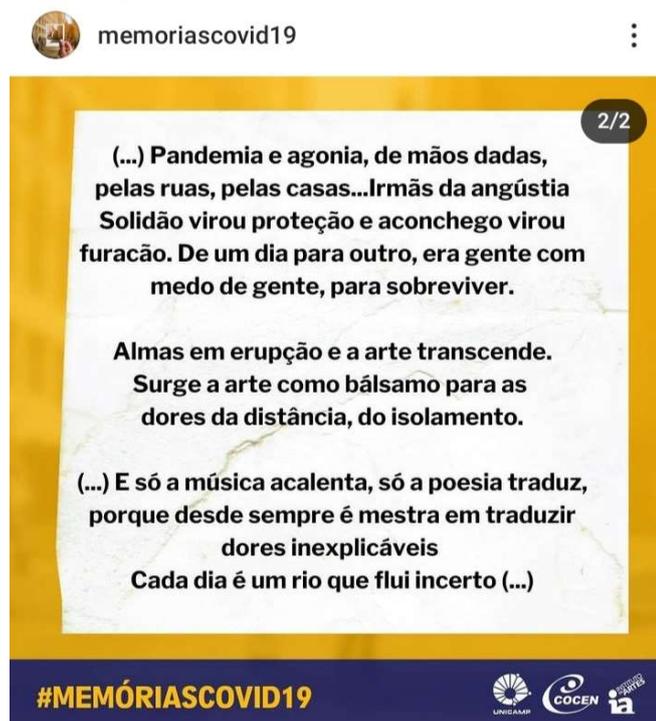
Publicado em 7 de outubro de 2020

Autor (a): Anna Jailma Medeiros (Rio Grande do Norte)

Título: "Rio que flui: Memórias da pandemia".

Narrativa em forma de Poesia.

Figura 21 – Rio que flui: Memórias da pandemia



Fonte: @memoriascovid19

Mais uma vez, a incerteza quanto ao futuro e o medo constante do contágio se tornou destaque no Instagram. A manifestação de si por meio de uma narrativa em forma de poesia relata os medos e apreensões do indivíduo no momento da quarentena. Quanto mais tempo absorvido em uma dor, mais tempo o sujeito permanece dentro de suas sensações e emoções, permitindo experimentar os sentidos dessa dor, porém depende do próprio significado que o indivíduo dará à sua experiência. Nas palavras de Lê Breton (2018, p.70),

[...] na vida cotidiana, a imersão na duração é uma evidência. O indivíduo flui nela sem experimentar a sensação de uma distância ou de um obstáculo. Cada instante se vincula ao precedente e nutre uma projeção no tempo, em uma antecipação. Mas essa percepção depende das significações dadas à existência naquele momento.

Ao mencionar a incerteza no futuro causada pelo vírus Covid-19, a autora da poesia possibilita um pensar por meio da arte, assim como a reflexão de temas como

a solidão e agonia. Vale frisar que muitos indivíduos sentiram solidão durante a quarentena e se manifestaram.

Além do *site* *memoriascovid19*, a partir do qual é possível encontrar as narrativas dos indivíduos que enviaram seus relatos sobre o isolamento social, as perspectivas sobre a quarentena a respeito das emoções e angústias vivenciadas durante a Covid-19, também é possível encontrar relatos em um documentário sobre a plataforma, acerca também do momento que o mundo enfrentou com o vírus, disponível no YouTube e também no Instagram.

3.4 Análise do Documentário #Memoriascovid19

Lançado no dia 11 de setembro de 2020 no Festival Ars Electronica em Linz, na Áustria, o documentário sobre o projeto *memoriascovid19* reúne relatos pessoais sobre a percepção de cada indivíduo sobre a pandemia da Covid-19 no mundo. Além de estar disponível em publicação no Instagram no dia 1º de outubro de 2020, também é possível encontrá-lo no YouTube.

Narrar um momento vivido por todo o planeta a partir da perspectiva de cada indivíduo participante por meio de um documentário é permitir que essa parte da história permaneça guardada por várias gerações em uma "cápsula do tempo" (Ana Carolina de Moura Delfim Maciel, coordenadora do projeto *memoriascovid19*).

Fazendo uma analogia com o termo empregado "cápsula do tempo" pela coordenadora do projeto ao termo utilizado por Lejeune (2014) "garrafa lançada ao mar", podemos dizer que o valor do conteúdo ali contido nas narrativas de si serão agregados às futuras gerações (Lejeune 2014, p.303):

"[...] modesta contribuição para a memória coletiva. Garrafa lançada ao mar. E também investimento: o valor de informação de um diário aumenta com o tempo."

Dessa forma, esse projeto tem como objetivo reunir as experiências vividas durante a pandemia por meio de um arquivo e tem como importância o registro futuro. Destacou-se o caminho percorrido por todos os indivíduos durante o isolamento social, suas angústias, suas dores, seus medos e anseios, suas vitórias durante a quarentena, em um momento no qual o mundo ficou em suspensão, pois ninguém sabia o resultado final do drama desenvolvido.

Pessoas em casa para diminuir o risco de contágio do vírus da Covid-19 (Figura 22), os encontros que antes continham demonstrações de carinho com abraços apertado e beijos, passam a acontecer pelo mundo virtual. Nas ruas, eram identificadas apenas pessoas que precisava sair por necessidade. O mundo passou a ser visto de uma nova maneira.

Figura 22 – Guarapari 2019 e 2020



Fonte: Documentário #Memoriascovid19

Um vírus mortal modificou todo um cenário e relacionamentos (Figura 23 e 24). As ruas, que antes viviam sempre aglomeradas, passaram a ficar vazias, em silêncio, sem pessoas e veículos, apenas os pássaros pelos céus. As máscaras descartáveis ganharam espaço no rosto como medida de segurança. O contato físico com o outro e passou a ser via tecnológica.

Ao estar no mundo e dele fazer parte, o indivíduo se influencia emocionalmente aos fatores que o atingem diretamente, como mencionado por Le Breton (2019) no item 2. Com isso, o sujeito está sempre sendo afetado através de suas emoções pelos fatores à sua volta.

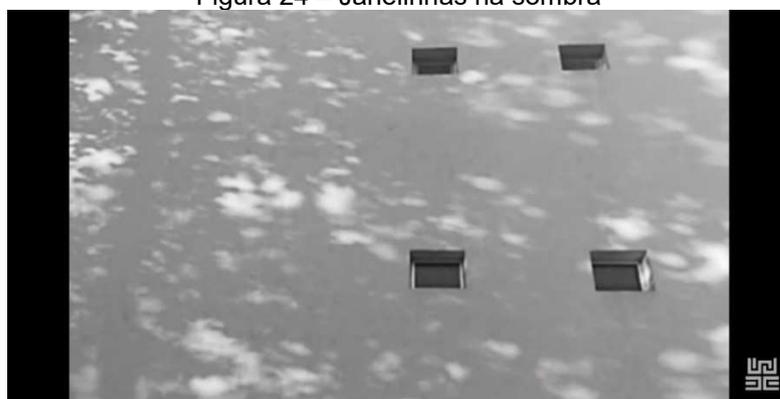
Com a pandemia da Covid-19, o indivíduo contemporâneo também sofreu influência pelos acontecimentos externos, como o distanciamento social e falta de contato físico com amigos e familiares. Fato esse que levou à muitos indivíduos a um esgotamento emocional (Le Breton, 2018).

Figura 23 – Balanço vazio



Fonte: Documentário #Memoriascovid19

Figura 24 – Janelinhas na sombra



Fonte: Documentário #Memoriascovid19

Figura 25 – Mulher de óculos escuros



Fonte: Documentário #Memoriascovid19

Figura 26 – Mulher deitada no chão



Fonte: Documentário #Memoriascovid19

Como a pandemia afetou direta e indiretamente o ser humano (Figura 25 e 26) e como o indivíduo precisou se reinventar durante o isolamento para não sucumbir. Durante a quarentena, tornou-se comum o compartilhamento de *lives* nas quais as pessoas se reuniram para tocar instrumentos e cantar músicas (Figura 27), como forma de interação social *on-line*.

Em um contexto pandêmico, no qual o sujeito se encontrou cerceado do seu ir e vir devido ao contágio do vírus, o indivíduo teve sua intimidade compartilhada de forma voluntária. Sibilia (2016) diz que o espetáculo da intimidade da vida do indivíduo se tornou disponível também para a interação do outro na internet.

A autora ainda reitera que o sujeito contemporâneo é narcísico e que estar em contato com o espetáculo faz parte de sua cultura. As mídias sociais são uma ferramenta que auxiliam o indivíduo a estar sempre visível (Sibilia, 2016). E durante a quarentena, utilizando aparelhos celulares como meio de exposição na internet, o sujeito expôs sua rotina.

Figura 27 – Músicos tocando instrumento



Fonte: Documentário #Memoriascovid19

De dentro da pseudo-segurança de seu lar, teoricamente cumprindo com as devidas medidas sanitárias impostas pelas autoridades de saúde pública, o sujeito estaria livre de contágio do vírus, o olhar pela janela (Figura 28 e 29) para o mundo refletia sobre seus planos futuros, agora inquietações, impostas pelo isolamento.

De acordo com Mauss (1934) refletir sobre a sua vida permitiu que o sujeito permanecesse em movimento durante a quarentena. O saber lidar com as circunstâncias impostas pelas autoridades permitiram ao indivíduo se educar no convívio social durante o período do isolamento social junto à sociedade.

Estar em movimento constante com o corpo e a mente também por meio de reflexões é lidar com as técnicas do corpo (Mauss, 1934), conforme apresentado na seção 2.1. Sendo assim, refletir sobre o passado e/ou futuro durante a quarentena, foi utilizar as técnicas mencionadas pelo autor.

Figura 28 – Cachorro olhando a rua



Fonte: Documentário #Memoriascovid19

Figura 29 – Vista da janela em preto e branco



Fonte: Documentário #Memoriascovid19

No Brasil, para o então presidente Jair Bolsonaro, a pandemia da Covid-19 não passava de uma "gripezinha". Muitos sujeitos de classes mais populares sofreram em demasia (Figura 30). Nem todo indivíduo pôde permanecer em isolamento social. Para

muitos, mesmo com o constante risco de contágio, a única alternativa de alimentar a família era o trabalho fora da segurança do seu lar.

Enquanto uns necessitavam enfrentar o risco do possível contágio do vírus nas ruas ao sair para o trabalho, outros se adaptaram à nova rotina de Home Office. O trabalho em casa realizado por meio do computador ou aparelho celular junto à internet, possibilitou a permanência de empregos.

A hiperconectividade já apontada por Lipovetsky (2004) na seção 1.2, viabilizou ao indivíduo durante a quarentena além das manifestações de si por meio da internet, que o sujeito contemporâneo pudesse trabalhar em Home Office durante o período do isolamento social.

Figura 30 – Classes mais populares na pandemia



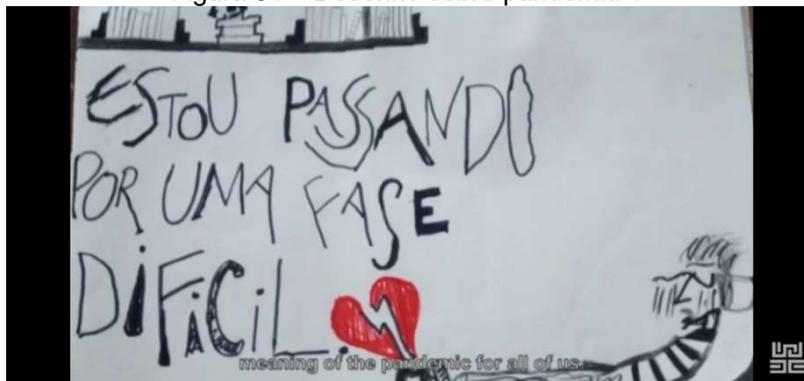
Fonte: Documentário #Memoriascovid19

Para muitos indivíduos, o isolamento social pode ter se tornado ainda uma agonia e aumentado o medo pelo momento em que o mundo atravessava. A quarentena pode ter sido vista por alguns indivíduos como uma forma de prisão, quando o sujeito perde o seu direito de liberdade (Figura 31 e 32).

O diário como manifestação de si, mais uma vez ganhou espaço na internet se tornando um instrumento de auxílio na organização dos pensamentos do sujeito contemporâneo durante o isolamento social.

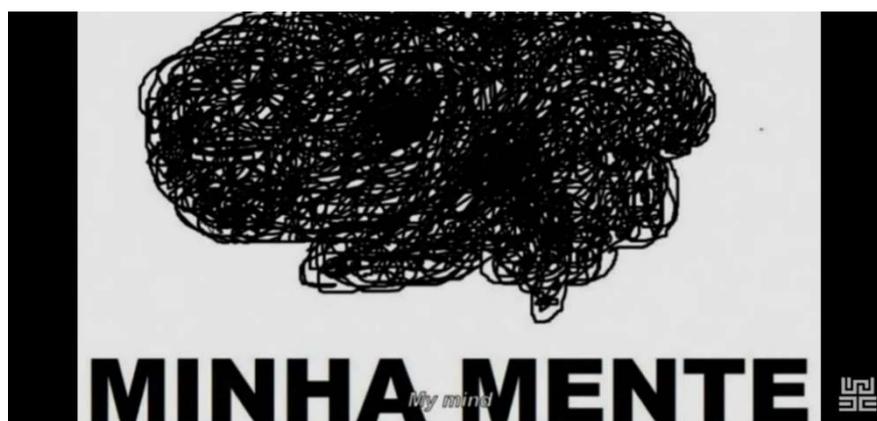
Schittine (2004) profere que o ferramental tecnológico permite ao narrador a sua manifestação na internet sem a necessidade de estabelecer um convívio direto com o seu interlocutor. A autora explica ainda que as narrativas podem apresentar o sentimento de solidão, em suas linhas, mas que a interatividade online torna minimizado esse fato.

Figura 31 – Desenho sobre pandemia 1



Fonte: Documentário #Memoriascovid19

Figura 32 – Desenho sobre pandemia 2



Fonte: Documentário #Memoriascovid19

Em 28 de março de 2023, o Brasil chegou ao número de 700 mil casos de Covid-19. Entretanto, no dia 5 de maio de 2023 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a pandemia da Covid-19 não sendo mais uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional pelo número de mortes ter diminuído devido à cobertura vacinal. Entretanto, de acordo com o diretor executivo da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, não existirá o fim da pandemia da Covid-19.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de uma ampla revisão de literatura, buscou-se investigar nessa dissertação as colaborações a respeito da utilização da escrita dos diários no espaço virtual. Percebeu-se que o ciberespaço agrega expressivo valor aos diários, pois tem diversos recursos para o indivíduo se manifestar.

Estando a tecnologia presente na vida do indivíduo contemporâneo para as mais diversas atividades, sejam de lazer ou de trabalho, tornou-se uma ferramenta exponencial durante o isolamento social da Covid-19. A internet possibilitou mais uma vez ao sujeito a interação social no ciberespaço, permitindo a sua manifestação ao longo de uma época pandêmica.

Os diários, antes manuscritos e restritos ao ambiente doméstico, guardados nas gavetas e muitas vezes com cadeados, ganharam outros espaços. O espaço *on-line* faz com que o indivíduo continue se relacionando com o mundo exterior, mesmo estando em isolamento. Torna-se possível o compartilhamento de seu cotidiano doméstico, assim como seus sentimentos e emoções relacionados à pandemia, por meio dos celulares.

Todas as atividades realizadas com o auxílio da internet durante o período da pandemia foram de grande importância para o usuário, assim como permitiram observar a utilidade de mais esta funcionalidade no ambiente de trabalho. Passou-se a utilizar também como ferramenta de trabalho o *Home Office* no pós-pandemia.

O objetivo geral da dissertação foi investigar como o sujeito contemporâneo utiliza a mídia social para se manifestar e como isso ocorreu durante a pandemia da Covid-19. O indivíduo se manifestou por meio de seu diário virtual nas mídias sociais.

Foi possível perceber que os diários virtuais figuram como uma ferramenta de grande importância para o sujeito contemporâneo se manifestar, bem como o ciberespaço possibilita, além da interação social entre os usuários desse espaço, diversas oportunidades de conhecimento.

Com a manifestação do sujeito contemporâneo no ambiente virtual, muitos indivíduos utilizaram o Instagram para realizar as narrativas a respeito da pandemia da Covid-19, acerca de como estavam passando por esse momento, sobre suas angústias, medos e também suas vitórias em um momento como uma pandemia.

O corpo do indivíduo reflete suas emoções e sentimentos. Com a grande incerteza quanto ao futuro, alguns sujeitos se viram em um cenário de angústia, visto

que as emoções foram alteradas de maneira significativa. Entretanto, outros utilizaram o tempo do isolamento para se (re)conectar consigo mesmo.

Durante a pandemia, muitos indivíduos foram afetados direta e indiretamente, tanto pela falta de emprego, quanto pelo excesso de pessoas em casa, como também pela saúde física e/ou mental. A internet contribuiu para que se comunicasse com o mundo e interagisse com os outros sujeitos. As mídias sociais possibilitaram que o indivíduo compartilhasse e interagisse em seu cotidiano com os amigos ou desconhecidos, favorecendo o ver e ser visto nesse ambiente.

Com o isolamento, a prática do consumo aumentou, visto que o sujeito sentiu a necessidade de compartilhar seu objeto de compra também na mídia social demonstrando, além de sua aquisição, seu poder de compra para ser aceito em seu círculo social.

Ao compartilhar suas informações nas mídias sociais, o sujeito está evidenciando dados para o controle da vigilância. Quanto mais informações disponíveis, mais vigilância por parte do sistema. O sujeito viabiliza essa vigilância constantemente de forma voluntária ao realizar suas atualizações em suas páginas de mídia social.

Cabe ressaltar que, em nossa história, já vivemos outras epidemias e pandemias, porém somente na pandemia da Covid-19 o ser humano passou a ter o aparato tecnológico que permitiu a interação entre os indivíduos, embora durante o isolamento social. Mesmo que todos estivessem isolados em uma pandemia, o sujeito não se encontrava sozinho, pois possuía o mundo virtual para interagir.

A partir das análises dos perfis @memoriasdocorponaquarentena e @memoriascovid19, conclui-se que o Instagram foi uma ferramenta de interação durante o isolamento social da pandemia da Covid-19 entre os indivíduos e cumpriu o papel de manifestação de si por meio de narrativas.

Observamos o indivíduo contemporâneo se manifestar a partir de diversas maneiras nessa mídia, por vídeo, poesia, narrativas de si, entre outras. O sujeito contemporâneo narrou suas vivências, emoções e sentimentos durante a quarentena. Foi possível também perceber, por meio da análise do Documentário Memórias Covid19, as narrativas de si, nas quais o indivíduo relata sua perspectiva sobre o momento vivido durante o isolamento social, além de ser um registro sobre um momento pelo qual a humanidade atravessou. Sugerimos que existam mais estudos

acerca dessa temática para incentivar futuros pesquisadores a trazer novas contribuições.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Epidemia do vírus Zika no Brasil completa um ano com desafio na área de pesquisa, 2016**. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-11/epidemia-do-virus-zika-no-brasil-completa-um-ano-com-desafio-na-area-de>. Acesso em: 6 jan. 2024.

APROBATO, Valéria Cristiane. Corpo digital e bem-estar na Rede Instagram - um estudo sobre as subjetividades e afetos na atualidade. **Boletim Academia Paulista**, São Paulo, v. 38, n. 95, 2018.

ARANTES, Priscila. Imagens e Mídia como forma de pensamento: narrativas múltiplas, cinema e banco de dados. *In*: GONÇALVES, O. (org.). **Narrativas sensoriais**. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2014.

ARFUCH, Leonor. **O espaço autobiográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

ARIÈS, Philippe. **História social da família e da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

BARTHES, Roland. A morte do autor. *In*: BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

BAUDRILLAED, Jean. Significação da publicidade. *In*: LIMA, L. C. (org.). **Teoria da Cultura de massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BLANCHOT, Maurice. **O diário íntimo e a narrativa**. O livro por vir. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARDOSO, Lúcio. **Diários**. Organização de Écio Macedo Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EMERGÊNCIAS E DESASTRES EM SAÚDE - FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19: Recomendações gerais**. Brasília, 2020a.

CRODA, Julio Henrique Rosa.; GARCIA, Leila Posenat. Resposta imediata da vigilância em saúde à epidemia da Covid-19. **Epidemiol Serv Saúde**, v. 29, n. 1, 2020.

DATAFOLHA. **Uma em cada quatro mulheres foi vítima de algum tipo de violência na pandemia**. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/06/07/1-em-cada-4-mulheres-foi-vitima-de-algum-tipo-de-violencia-na-pandemia-no-brasil-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 28 jan. 2024.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 2004.

ECKERT, Cornelia.; DA ROCHA, Ana Luiza Carvalho. Imagem recolocada: Pensar a imagem como instrumento de pesquisa e análise do pensamento coletivo. **Iluminuras**, v. 2, n. 3, 2001.

ELIAS, Nobert. 1897 - 1990. **O Processo Civilizador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1994.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. In: P. C. de Souza (Trad.), *Obras Completas* (Vol. 15). Companhia das Letras, 2011 (Obra original publicada em 1921).

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. (Coleção Ditos e Escritos, 5). Disponível em: <https://nestpoa.wordpress.com/2342-2/>. Acesso em: 10 fev. 2024.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor**. Lisboa: Editora Veja, 1992.

G1. CIÊNCIA E SAÚDE. **Entenda a epidemia de Ebola na África**. 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2014/08/entenda-epidemia-de-ebola-na-africa.html>. Acesso em: 6 jan. 2024.

GOULART, Adriana da Costa. Revisitando a Espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v.12, n. 1, p.101-42, jan. - abr. 2005.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: digitalização e a crise da democracia**. Petrópolis: Vozes, 2022.

HAROCHE, Claudine. **A condição sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

LE BRETON, David. **Desaparecer de si: uma tentação contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2018.

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 2019.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: De Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LEJEUNE, Philippe. **O guarda-memória**. Estudos históricos, 1997.

LÈVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**. Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Ed. Barcarolla, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. A Felicidade Paradoxal: Ensaio Sobre a Sociedade do Hiperconsumo. Ferreira, Vitor. **Revista Portuguesa de História**. Coimbra - 2015.

MARTINS, Anna Faedrich. Os perfis da literatura de introspecção: o diário em Vergílio Ferreira e a autoria na autoficção. **Desassossego**, São Paulo, v. 1, p. 125-138, 2013.

MAUSS, Marcel. [1934]. As técnicas do corpo. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, p. 399-422, 2003.

MEMÓRIA GLOBO. **Pandemia da Gripe H1N1-2009**.

Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/pandemia-da-gripe-h1n1-2009/noticia/pandemia-da-gripe-h1n1-2009.ghtml>. Acesso em: 6 jan. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). **Coronavírus Brasil. Painel COVID-19**. Brasil. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). Secretaria de Vigilância em Saúde. **Plano de Contingência Nacional para Infecção Humana pelo novo Coronavírus COVID-19**. Brasília (DF): 2020.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho. **De onda em onda: a evolução dos ciberdiários e a simplificação das interfaces**, 2002.

REDAÇÃO. **Aventuras na História**. Pragas de Justiniano: A primeira pandemia da história, 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/praga-de-justiniano-a-primeira-pandemia-da-historia.phtml>. Acesso em: 5 jan. 2024.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

RICOEUR, Paul. **A memória, A história, O esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papyrus, 1994.

SANTAELLA, Lucia. **A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade**. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTAELLA, Lucia. **Gêneros discursivos híbridos na rede na era da hipermídia**. São Paulo: Paulus, 2014.

SANTOS, Roberson Rosa dos. **Diário de crise: do naufrágio ao renascimento**. 2015. 159 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, PUCRS, 2015.

SARTRE, Jean-Paul. **Les mots**. Paris: Gallimard, 1964.

SARTRE, Jean-Paul. **Situations, X: politique et autobiographie**. Paris: Gallimard, 1976.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1973.

SCHITTINE, Denise. **Blog: Comunicação e escrita íntima na internet**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SENNETT, Richard. 1943. **O declínio do homem público** [Recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

TOLEDO JUNIOR, Antonio Carlos de Castro. **Pragas e epidemias: histórias de doenças infecciosas**. Belo Horizonte: Folium, 2006.

VELASCO, Tiago Monteiro. Escritas de si contemporâneas: uma discussão conceitual. **Anais...** XIV Congresso Internacional. Fluxos e Correntes: trânsitos e traduções literárias Abralic. Universidade Federal do Pará, 2015.

ZAGURY, Eliane. **A escrita do eu**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.